

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO & USO DO
ÁLCOOL: COMPREENDENDO ESSA RELAÇÃO**

Silvana Rita Oliveira Vianna

Orientadora: Profa. Dra. Maria Hermínia M. da S. Domingues

GOIÂNIA

2002

SILVANA RITA OLIVEIRA VIANNA

**ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO & USO DO
ÁLCOOL: COMPREENDENDO ESSA RELAÇÃO**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Educação Brasileira da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Goiás, para obtenção do título
de Mestre em Educação Brasileira.
Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Hermínia
Marques da Silva Domingues.**

GOIÂNIA

2002

SILVANA RITA OLIVEIRA VIANNA

**ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO & USO DE
ÁLCOOL: COMPREENDENDO ESSA RELAÇÃO**

Dissertação defendida e aprovada em ____ de _____ de _____,
pela Banca Examinadora constituída pelos professores.

Prof^ª. Dra. Maria Hermínia M. da S. Domingues
Presidente da Banca

DEDICATÓRIA:

A meu irmão, Sullivan Silvestre de Oliveira, *in memoriam*, pelo seu exemplo de luta em defesa das minorias e das causas difíceis.

Ao Norton, companheiro de vida, sempre presente, pelo amor, carinho, apoio e clareza em compreender as dificuldades e renúncias para elaboração deste trabalho.

Aos meus filhos, Bruno e Bianca, que souberam, com muita maturidade em suas adolescências, contribuir com paciência, amor e carinho.

Aos meus pais, José e Ilca, pelo berço de amor e sabedoria com o qual conduziram-me pela vida.

AGRADECIMENTOS:

À professora Dr^a Maria Hermínia Marques da Silva Domingues, orientadora, pela paciência e competência com que me conduziu ao encontro da educação.

Às professoras Dr^a Anita Cristina A.Rezende e Dr^a Mirza Seabra Toschi pelas valiosas contribuições a esse estudo quando do exame de qualificação.

À professora Dr^a Vera Maria Nigro de Souza Placco por ter aceito o convite para participar da banca de defesa.

À coordenação e aos professores do curso de Mestrado em Educação Brasileira da FE/UFG, pelas contribuições teóricas e dedicação.

Aos meus colegas do curso de mestrado, especialmente, Flávia, pelos momentos de incentivo e companheirismo.

Aos colegas Geraldo Francisco do Amaral e Paulo Maurício de Oliveira por compartilharem as angústias da realização desse trabalho.

À Célia e Andréia que deram o suporte e apoio fundamental para a execução desse estudo.

Às funcionárias da secretaria do Mestrado pela eficiência e dedicação no atendimento. Em especial à Cislene pela formatação.

À amiga Maria da Conceição Ribeiro Hora pela valorosa contribuição na correção do texto.

Às amigas Rita Francis e Dr^a Íria Brezinsky pelo incentivo para cursar o Mestrado.

À amiga Jesana Mara Junqueira e Souza pela ajuda na gravação e transcrição das fitas da pesquisa.

Aos diretores das escolas estudadas por terem tornado possível a realização desse estudo.

Em especial aos adolescentes, pelo interesse, paciência e disposição em participar desse trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	009
ABSTRACT	010
INTRODUÇÃO.....	011
CAPÍTULO I	
A ADOLESCÊNCIA E SUAS VICISSITUDES	021
1. A construção da identidade do adolescente.....	021
2. Caracterizando o adolescente	025
3. A família dos adolescentes	030
4. O adolescente do Ensino Médio	036
5. A adolescência no mundo atual – as mudanças no trabalho	041
CAPÍTULO II	
O ADOLESCENTE COM PROBLEMAS COM DROGAS/ÁLCOOL	045
1. A Drogadição: os fatores intervenientes do uso esporádico à dependência	045
1.1. Fatores Biológicos.....	050
1.2. Fatores Psicodinâmicos: o adolescente busca a identidade e encontra as drogas	051
1.3. Fatores Familiares: porta de entrada e permanência na dependência	055
1.4. Determinantes Sócio-Culturais: a nossa sociedade como um fator tóxico/ alienante ao uso do álcool/drogas	059
2. As conseqüências do uso do álcool: a violência e seu custo social	065
2.1. Os efeitos da facilidade do acesso ao álcool pelos adolescentes	069

CAPÍTULO III**O ADOLESCENTE DO ENSINO MÉDIO E O ÁLCOOL: UM RECORTE**

DA REALIDADE.....	072
1. A relação adolescentes/álcool.....	073
2. A relação álcool/família	080
3. A influência dos amigos no uso/abuso de álcool.....	085
4. A relação álcool/violência	089
5. O álcool nas representações dos adolescentes	091
6. A relação álcool/mídia na ótica dos adolescentes.....	094
7. O adolescente e o Ensino Médio: suas percepções	096
8. As conseqüências do álcool na escola.....	106
CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXO I.....	122
ANEXO II	126

RESUMO

Face à gravidade do fenômeno da drogadição na atualidade e da necessidade de medidas preventivas efetivas, realizou-se o presente estudo objetivando: 1) identificar os fatores que incidem no uso de álcool por adolescentes do Ensino Médio e, se entre esses fatores, o vestibular se sobressai; 2) identificar como ocorre este uso. O estudo foi realizado com 40 alunos do Ensino Médio, sendo 20 do primeiro ano e 20 do terceiro ano, através de Grupo Focal, em escolas da rede particular e pública de ensino. Os dados obtidos revelaram a ampla inserção do consumo de bebidas alcoólicas entre os estudantes, sem diferenças quanto ao tipo de escola e um aumento de uso de álcool dos adolescentes do primeiro para o terceiro ano. Os principais fatores a incidir no uso de álcool foram: as características da adolescência que provocam tensões e ansiedades; as exigências da sociedade com destaque à perspectiva profissional; a influência da família no início do uso e a influência dos amigos no padrão do uso do álcool. O vestibular, neste estudo, não se caracterizou como um fator de risco ao uso de álcool, bem como a escola, de modo em geral, não pode ser confirmada como fator de proteção a este uso.

ABSTRACT

Due to the phenomenon of drug addiction nowadays and the necessity of effective preventive measures to be taken, the present study has been made in order to: 1) identify the causes that lead to the use of alcohol by teenagers in “Ensino Médio” (corresponding to high school) and whether “Vestibular” (entrance exam to University) is a recurrent one; 2) identify how such use takes place. The study has been made focusing 40 students from “Ensino Médio”, from which 20 are from the first year and 20 are from the third year. This group that has been focused had students from private and public schools. The data gathered revealed wide consuming of alcoholic drinks among students, no matter if the school was private or public as well as an increase in the number of users of alcohol from the first to the third year. The main factors to cause the use of alcohol were: the characteristics of teenage that cause tension and anxiety; the demands of society with emphasis in professional perspectives; the influence of family at the early stages of alcohol use standard. Vestibular, in this study, has not showed to be a risk factor to cause use of alcohol. Nor has the school, in general, been pointed as a protection factor for such use.

INTRODUÇÃO

Em nosso contexto social, atualmente, o uso de drogas tem sido alvo de grandes preocupações. O problema assumiu contornos tão sérios, que o tema se alastra em todas as instâncias da sociedade: na família, na escola, nas religiões, nos poderes executivo, legislativo e judiciário. A droga não distingue sexo, raça, nível sócio-econômico e vem tornando-se o grande problema de saúde pública de nosso mundo globalizado. Deixa a todos: pais, professores, poder público, religiosos, profissionais de saúde, paralisados diante de seu poder junto a crianças e adolescentes. O jovem, ao tornar-se dependente químico, perde seu projeto de vida e o transforma em projeto de morte, perdendo sua identidade enquanto cidadão. Aumentando ainda mais a gravidade da drogadição, identificamos relatar a sua relação com a Aids, com a violência, com o absenteísmo profissional e escolar.

Nossa formação e atuação profissional como psicoterapeuta de adolescentes levou-nos, ao longo dos anos, à necessidade de lidar com o jovem usuário e/ou dependente químico. Em função desta prática profissional, passamos a nos preocupar seriamente com a questão das drogas e, conseqüentemente, a pesquisar sobre o assunto. Em função de que nossa clientela com problemas com drogas está preferencialmente na faixa etária de 14 a 20 anos de idade, passamos a indagar e buscar dados sobre a importância destas idades neste problema. Outro quesito que sempre acompanhava estes adolescentes em questão, era o fato de que, estando no Ensino Médio, suas vidas estavam, no momento, sofrendo grandes transformações em função de alcançarem o Ensino Superior. A pergunta que passamos a ter foi se os dois fatos teriam alguma relação. Na tentativa, então, de buscarmos um recorte possível que nos esclarecesse, iniciamos pela busca da compreensão da drogadição.

A drogadição é um fenômeno psicossocial que abarca não só dimensões afetivas e pessoais, mas também sociológicas e antropológicas. Segundo Bucher (1992):

A experiência internacional, no entanto, prova que não se torna toxicômano quem o quiser: o engendramento de drogadições corresponde a um processo complexo onde intervém, além da substância, o contexto sociocultural e econômico (com suas pressões e condicionamentos múltiplos) e a personalidade do usuário (com suas motivações pessoais, conscientes e inconscientes). (p.2)

Verificamos, assim, a complexidade que cerca a drogadependência, na medida em que ela abarca vários fatores. Para especificar o assunto, buscamos vários estudos brasileiros sobre o tema e destacamos o do Centro Brasileiro de Informações sobre as Drogas Psicotrópicas (CEBRID), da Universidade Federal de São Paulo que, a partir de 1987, vem pesquisando o uso de drogas entre os estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio, das redes pública e privada de ensino. Foram realizados quatro levantamentos epidemiológicos (1987, 1989, 1993 e 1997) em dez capitais brasileiras: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Por se referirem a grupos bem definidos e por adotarem procedimentos similares nas quatro investigações realizadas, esses estudos podem ser comparados entre si e, desta maneira, serem utilizados por vários autores como referência, para traçar o perfil do uso de drogas entre os escolares em nosso país.

A importância da padronização dos aspectos a serem investigados na drogadependência ocorre em função do extenso número de variáveis a incidir no assunto. As pesquisas podem incidir sobre o continuum do processo de dependência química que vai do uso experimental/eventual, ao abuso, até chegar à dependência química. Segundo Seibel e Toscano Jr.(2000) o **uso experimental**: “é o uso de substâncias psicoativas¹, em geral restrito a poucos episódios, em geral, de uma droga específica.” (p.4). O **abuso**: “é um padrão mal-adaptativo de uso de substâncias psicoativas, manifestado por conseqüências clínicas adversas recorrentes e significativas relacionadas ao uso da(s) substância(s).” (p.2)

O abuso, portanto, acontece quando, ao usar determinada substância psicoativa, o indivíduo tem conseqüências em seu corpo. O abuso pode ocorrer de modo eventual ou mesmo caracterizar-se por um padrão de comportamento abusivo, se ocorrer recorrentemente. A **dependência química**, por sua vez, afirmam estes autores, é uma síndrome que abarca:

¹ Substância Psicoativa: é toda substância que, através de ações sobre o cérebro, são capazes de induzir alterações nos estados psíquicos. Isto é, são aquelas que modificam o estado de consciência do usuário.

Um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, no qual o uso de uma substância ou uma classe de substância alcança prioridade muito maior para um indivíduo que outros comportamentos que antes tinham maior valor. Uma característica central da síndrome é o desejo, freqüentemente forte, algumas vezes irresistível de consumir substâncias psicoativas. (p.3)

A dependência química inclui, para ser diagnosticada: a tolerância à droga; o padrão de uso compulsivo da droga e a abstinência. A tolerância é o fator que constantemente empurra o organismo a necessitar cada vez mais de uma maior quantidade da droga, para provocar a mesma sensação prazerosa. A abstinência que, também, caracteriza-se como uma síndrome, é um conjunto de sintomas de configuração e gravidade variáveis, que ocorrem após a cessação ou redução do uso de uma substância psicoativa. A diferença entre o abuso e a dependência é que o abuso não inclui a tolerância, a abstinência e nem um padrão de uso compulsivo, mas, apenas, as conseqüências prejudiciais do uso repetido.

Verificamos, assim, que o abuso de drogas e a dependência exigem uma avaliação complexa e especializada, para serem identificados. Face a complexidade da identificação da dependência química, os estudos epidemiológicos têm se voltado mais para a caracterização dos padrões de consumo, mediante a quantificação de intensidade ou freqüência de uso, do que, propriamente, para a caracterização de padrões de relação do sujeito com as drogas. Utilizaremos, então, as análises dos estudos do CEBRID e o estudo de Galduroz e Noto (2000) que se utilizam da freqüência do uso de substâncias, baseados em metodologia proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Segundo Galduróz e Noto, os dados destas pesquisas foram analisados de acordo com a classificação da OMS, que definem para fins não médicos, o uso de drogas em algumas categorias de usuários, entre elas:

- *uso na vida*: quando a pessoa fez uso da droga pelo menos uma vez na vida;
- *uso freqüente*: quando a pessoa utilizou a droga seis vezes ou mais no mês;
- *uso pesado*: quando a pessoa utilizou droga vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa. (p.28) (Grifos do autor)

Laranjeiras (1999) e Medina, Santos e Almeida Filho (2001), analisando os quatro levantamentos do CEBRID, concluíram que houve aumento no consumo das drogas em geral pelos estudantes. Em suas análises, esses autores observaram, também, que o álcool é a droga mais utilizada, seguida pelo tabaco, inalantes e medicamentos psicotrópicos. Drogas ilícitas aparecem em um plano mais remoto, significando que o

álcool e o tabaco representam problemas mais graves, do ponto de vista da saúde pública, do que “outras drogas”. Em relação ao álcool, perceberam, igualmente, que as prevalências de consumo encontram-se em patamares acima de 60%. Não raro, esse indicador se encontra acima de 80%. Em uma das capitais (Fortaleza), houve um aumento de uso na vida; em seis delas (Brasília, Belém, Curitiba, Porto Alegre, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo) houve aumento de uso pesado.

Medina, Santos e Almeida Filho (2001) identificaram, outrossim, um importante aumento de consumo de álcool com a idade e alertam para a precocidade do uso de álcool, refletida entre as elevadas taxas de prevalência em adolescentes de tenra idade. Citam do mesmo modo que, em alguns estudos, a idade de início atinge crianças com menos de 10 anos, embora a grande maioria (72,5%) tenha feito seu primeiro contato entre 10 e 14 anos. Esses dados são sugestivos, para esses autores, da ampla difusão do uso de álcool. Sustentam, assim, a hipótese de que o contato com as drogas lícitas é estimulado, inicialmente, no seio da própria família.

Laranjeiras, por sua vez, relata que, de modo geral, esses estudos serviram, para dissipar o mito de que as drogas ilícitas são as mais consumidas. O que se concluiu, ao contrário, foi a necessidade de intervenção junto às drogas lícitas. Esse autor, também, levanta que, no Brasil, a partir de 1995, teve início a uma nova série de estudos epidemiológicos, a qual ele denominou de segunda fase dos estudos epidemiológicos, que tendem a ser mais analíticos, e buscam entender um pouco mais o que se passa entre os nossos jovens. No entanto, conclui que esses estudos, ainda, são em pequeno número e precisam ser ampliados.

Bucher (1992), também, apesar de ter analisado somente os dois primeiros levantamentos do CEBRID, já havia identificado importantes lacunas no conhecimento sobre o tema e a carência fundamental de dados sobre as escolas particulares, sobre a realidade do meio rural e sobre cidades do interior.

Destacamos, também, o estudo de Galduroz e Noto (2000) que fazem parte da segunda geração dos estudos epidemiológicos, por identificarem a gravidade do abuso e do uso pesado de álcool entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio da rede pública nas mesmas dez capitais brasileiras. A prevalência de uso pesado encontrada nos estudantes foi de 10,4%. Isto é, daqueles que já fizeram uso experimental do álcool, cerca de 10% passaram a fazer uso quase diário. Ainda nesse estudo, observando a distribuição por faixa-etária, obteve-se que fazem uso pesado de álcool: entre 10-12 anos, 8,4% dos estudantes;

entre 13-15 anos, 37,4%; entre 16-18 anos, 17,8%. Quando comparou esse estudo do uso pesado do álcool com os quatro levantamentos realizados pelo CEBRID, perceberam os autores que o uso pesado aumentou em oito das capitais pesquisadas, e que esta tendência de aumento, também, é verificada em outros países. Foi identificado, igualmente neste estudo, que brigas, após beber, foram as ocorrências mais freqüentes entre os usuários de álcool (38,5%), seguidas de perto por faltas às aulas (33,5%). Assim, esses dados são sugestivos da gravidade do padrão de uso de álcool pelos adolescentes.

Esse estudo traz, do mesmo modo, como dados preocupantes sobre o álcool: a) o início bastante precoce do seu uso, cerca de 60% entre 10 e 12 anos de idade; b) o aumento da tendência de uso freqüente, em seis das dez capitais estudadas; e c) defasagem escolar de 96,1% em estudantes que fazem uso pesado de álcool. Além disso, concluíram os autores que o início precoce do uso de álcool pode tornar o adolescente mais vulnerável aos problemas relacionados a beber abusivamente e só isso já justificaria um investimento maciço em programas preventivos e educativos.

Pesquisa realizada em Goiânia, Goiás, em 1378 estudantes da rede estadual de ensino, pela Seção de Saúde Mental da Superintendência de Ações Básicas da Secretaria Estadual de Saúde (SES), divulgada pelo jornal local "O Popular", em 5 de agosto de 2001, sobre o uso de drogas em geral trouxe os seguintes dados em relação ao uso de álcool na vida: a prevalência geral encontrada foi de 73%. Na distribuição por faixa-etária, entre 10-12 anos, a prevalência obtida foi de 57,4%; entre 13-15 anos; 73,6%; entre 16-18 anos: 77,6%; maiores de 18 anos: 78,3%; mostrando-nos claramente a progressão de uso de álcool com o aumento da idade.²

Diante desse contexto é que optamos por estudar o uso de álcool em adolescentes que freqüentam o Ensino Médio, a fim de compreendermos como ocorre este uso. O álcool foi escolhido e o tabaco excluído de nosso estudo, pelo fato de o primeiro causar um impacto tão sério na adolescência. O álcool, apesar de ser uma droga lícita, em termos de danos, compara-se às ilícitas e vem sendo usado cada vez mais pelos adolescentes. A gravidade do uso do álcool está relacionada aos seguintes elementos: a) os fatores de risco, para o abuso e a dependência são os mesmos para álcool e as drogas ilícitas; b) uma vez dependente químico do álcool, todas as conseqüências desta situação atingem o indivíduo em sua globalidade; c) o uso de álcool e drogas ilícitas

² Os dados estão sendo preparados para publicação oficial no endereço: <http://www.saúde.go.gov.br>.

concomitantemente é mais regra do que exceção; d) o álcool e as circunstâncias que contribuem para seu uso são, neste momento de modificação da legislação, em que a maconha está sendo descriminalizada, de extrema importância, para ponderarmos sobre as consequências do uso das drogas sem a existência de limites legais.

À identificação da relação entre os adolescentes do Ensino Médio e o uso de álcool, supõe-se a compreensão da adolescência como um processo, em que o púbere vai, gradativamente, co-construir sua identidade adulta com o mundo circundante. Essa compreensão da adolescência como “processo” pressupõe uma integração entre o individual e o coletivo, isto é, uma integração dialética entre as características individuais e tudo que cerca o adolescente. Desta maneira, a escola, durante esta faixa etária, vai participar desse processo em direção à autonomia.

Pudemos, também, melhor observar esta intersecção, ao vislumbrar as tarefas a serem desenvolvidas durante a adolescência que são: o estabelecimento de independência e uma identidade separada dos pais; a experimentação de atitudes, estilos de vida e comportamentos alternativos; o aumento nas atitudes e nos comportamentos voltados para seus pares e o desejo por status adulto e por comportamentos percebidos como adultos. Para que o adolescente consiga obter êxito nessas tarefas, ele, em conjunto com sua família e grupos de pares, precisa, gradativamente, ir exercitando novos padrões de comportamentos cada vez mais autônomos rumo à construção de sua identidade adulta. Nesse caminhar, fazem parte do cotidiano deste adolescente inúmeras situações, das quais a experimentação de drogas e a escola seguramente se tornam presentes.

As drogas/álcool, também, permeiam essas questões, por exemplo, como um dos muitos comportamentos “adultos”, que são adotados pelos adolescentes como possibilidade de independência e autonomia. Pechansky (2001) afirma que o adolescente: “...na tentativa de usufruir das sensações de maturidade se utiliza de uma escala crescente de experimentações com substâncias...”.(p.44) Agravantes deste uso experimental, esse autor identifica o stress do contexto sócio-econômico, o uso de substâncias pelos pares e por membros da família e a influência da mídia como incentivo ao uso de drogas lícitas (álcool e tabaco).

Marques e Cruz (2000), analisando também a relação da adolescência e o uso de álcool/drogas, trazem a importância dessas questões já que : ”O uso de drogas por adolescentes traz riscos adicionais aos que ocorrem com adultos em função de sua vulnerabilidade.“ (p.33).

Esses autores alertam que todas as substâncias psicoativas usadas de forma abusiva produzem aumento do risco de acidentes e da violência, por tornar mais frágeis os cuidados de auto preservação, já enfraquecidos entre os adolescentes.

A escola, por sua vez, permeia essas questões. Por um lado, em duas situações importantes: como espaço de encontro e formação de vínculos destes adolescentes com seus grupos de iguais e como espaço privilegiado de promoção da saúde através de ações informativas e formativas à prevenção de drogas ou à manutenção de comportamentos de não opção pela drogadição. Por outro lado, as características da escola, por exemplo, a tensão com a proximidade com o Vestibular, também podem ser geradoras de conflitos e tensões.

Tal problemática suscita alguns questionamentos: Quais são de fato os fatores que incidem no uso de álcool pelos adolescentes do Ensino Médio? e O vestibular destaca-se como um destes fatores?

Essas questões direcionam-nos para a necessidade de objetivarmos e compreendermos: a) as características da adolescência ; b) o adolescente com problemas com álcool/drogas e c) o adolescente do Ensino Médio e seu uso de álcool.

A fim de responder a essas questões, desenvolvemos uma pesquisa em duas escolas do Ensino Médio. O estudo foi realizado por meio de entrevistas com adolescentes dos primeiros e terceiros anos de escolas das redes de ensino particular e pública de Goiânia. A escolha das duas modalidades de ensino objetiva conhecer se o fator classe social pode estar interferindo na busca e na visão do adolescente estudante quanto ao uso de álcool. Por outro lado, queríamos verificar a existência de diferenças entre os alunos que estão ingressando no Ensino Médio e aqueles que estão no último ano. O enfoque nessas duas séries possibilita-nos compreender as mudanças ocorridas nos anos do Ensino Médio quando à pressão do vestibular é muito intensa.

As entrevistas foram realizadas através de Grupo Focal, que é uma técnica de coleta de dados qualitativos. Segundo Morgan (1997), o Grupo Focal é bastante usado no campo da saúde pública e da educação, por permitir que os membros da população alvo expressem suas idéias de maneira espontânea, não estruturada de acordo com o viés do pesquisador. Nesta forma de pesquisa, os participantes têm liberdade de informar sobre assuntos que são importantes para eles em cima das questões propostas por um roteiro que possibilita apreender o tema em tela. A dinâmica do Grupo Focal não se restringe a simples alternância entre perguntas e respostas dos participantes, mas os sujeitos do estudo

discutem vários aspectos de um tópico específico, expressando suas percepções, crenças, valores, atitudes e representações sociais sobre as questões, num ambiente permissivo e não constrangedor. O grupo focal é conduzido por um moderador, ao qual cabe encorajar os participantes a expressarem livremente seus sentimentos, opiniões e pareceres sobre as questões colocadas, procurando manter a discussão focalizada. Esta técnica é desenvolvida com a participação de 8 a 12 pessoas.

O roteiro foi elaborado levando-se em conta a fundamentação teórica assim como os objetivos pretendidos. A versão final do roteiro (anexo I) ocorreu após a testagem em um grupo de dez alunos da segunda série do Ensino Médio de uma escola pública. Utilizou-se, também, para coleta de dados, um formulário contendo informações individuais de cada aluno, tais como: idade, trabalho etc (anexo II).

As escolas escolhidas foram selecionadas por representarem, em suas diversidades, uma população da classe média baixa e da classe média alta. A escola da rede pública situa-se na região central da cidade e, em decorrência de sua localização, atende alunos de diferentes bairros da capital. A escola da rede particular está situada em uma região próxima ao centro, em um bairro considerado nobre. As escolas da rede pública de ensino foram bastante disponíveis para a coleta de dados, enquanto que as escolas da rede particular ofereceram resistência em função da temática proposta: abordar sobre as drogas. Três escolas da rede particular foram contrárias à realização da pesquisa, e a escola que participou do estudo, apesar de mostrar-se receptiva, fez questão de deixar claro que, de sua clientela, não constava adolescentes com quaisquer problemas com drogas.

Os responsáveis pelas escolas designaram as turmas para a aplicação do instrumento de acordo com a disponibilidade dos alunos no dia da coleta. Na escola pública, participaram alunos de duas turmas do primeiro ano e de três turmas do 3º ano, todas do turno matutino. Ao pesquisador coube a escolha dos 10 alunos participantes de cada série, que foram escolhidos aleatoriamente, a partir dos seguintes critérios: cinco alunos de cada sexo; alunos sentados na frente, no meio e no fundo da sala.

Quanto à escola particular, a turma do 1º ano não teve os alunos escolhidos pela pesquisadora, pois, ao chegar à escola, os 10 alunos (5 de cada sexo) já estavam previamente determinados pela direção da escola. Não houve negociação nesta questão, e a pesquisa teve que ocorrer no 1º ano com esta situação. Conseguiu-se apenas que, no terceiro ano, não houvesse interferência da direção na escolha dos alunos. Destaca-se que a escola só possuía uma turma de cada uma das séries estudadas.

Foram realizados 4 grupos focais, cada um com 10 alunos da primeira e terceira séries, em cada escola. Os grupos focais eram compostos por alunos de ambos os sexos e manteve-se o anonimato dos mesmos. A pesquisadora foi a moderadora dos grupos que contou, também, com a participação de um auxiliar, que ficou encarregado de captar as informações não-verbais expressas pelos participantes e ajudou no controle da gravação em áudio. As discussões dos grupos focais foram gravados com a permissão dos participantes.

Diante de um tema tão mobilizador, é importante registrarmos algumas observações realizadas durante o desenvolvimento do grupo focal. Na escola pública, possivelmente porque os alunos foram escolhidos de diferentes salas de aula, inicialmente não demonstravam muita intimidade entre si. Em função disto, a princípio, mostraram-se mais quietos e pouco falantes uns com os outros. Com o transcorrer da entrevista, foram se soltando, fazendo brincadeiras, dando risadas e comunicando-se. De modo geral, os adolescentes mostraram-se dispostos a colaborar nas respostas e falaram dos assuntos sem receio.

Quanto à escola da rede privada, os alunos do 1º ano, como dissemos acima, foram selecionados pela coordenação da escola, da única turma de 1º ano da escola. Era um grupo de adolescentes calados, aparentemente receosos em falar. Quando indagados sobre as questões do roteiro, não se colocavam como fazendo parte dos assuntos. A pesquisadora teve que os incentivar o tempo todo a darem respostas. Um recurso utilizado foi, diante das negativas, perguntar se eles não viram os fatos acontecerem com os amigos. Aos poucos, foram se soltando e colocando-se, porém com dificuldades.

Os alunos do 3º ano, que foram escolhidos pela pesquisadora, a princípio pareciam curiosos e estavam um pouco agitados, mexendo-se nas carteiras e conversando entre si. Como eram todos da mesma turma, mostraram-se bastante unidos. Várias vezes comunicavam-se com olhares e riam com facilidade. Os alunos demonstraram estar receosos que a diretora os estivesse escutando atrás da porta. Apesar disso, falaram com facilidade sobre o tema proposto, embora várias vezes abaixarem o volume das vozes. Num certo momento da entrevista em que estavam falando alto e rindo, a diretora interrompeu a entrevista e entrou bruscamente na sala e repreendeu-os pela algazarra. A pesquisadora, neste momento, teve que reforçar o anonimato das respostas dadas. Este episódio contribuiu para que os alunos fizessem questão de dar todas as informações sobre suas vidas. Diminuíram o volume das vozes e várias vezes pediram licença para olharem

atrás da porta, ao que a pesquisadora concordou. Não houve, então, mais interrupções. Ao final da entrevista, estavam eufóricos e demonstraram bastante interesse tanto na pesquisa quanto nos resultados. Resistiram em terminar a entrevista, queriam falar mais.

As fitas foram transcritas na íntegra em um editor de textos, sem, no entanto, conter qualquer identificação dos participantes. A análise dos depoimentos obtidos nas entrevistas de grupo possibilitou identificar os temas abordados em unidades de sentido, que foram agrupadas em categorias, as quais serão utilizadas na exposição e análise dos dados.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, "A adolescência e suas vicissitudes", será feita a caracterização do adolescente, a partir da compreensão da construção de sua identidade. Em seguida, será caracterizada a família e as principais mudanças do contexto sócio-econômico e cultural. Isto posto, a faixa etária estudada, que abrange os adolescentes do Ensino Médio (15 aos 18 anos mais ou menos), será especificada, bem como as características da escola durante este período. Por fim, o adolescente do Ensino Médio será contextualizado em relação às principais mudanças no mundo do trabalho.

O segundo capítulo discute a drogadição e o adolescente com problemas com drogas. Nesta caracterização, serão abordadas as etiologias que concorrem para a dependência química. Será abordado de maneira especial o alcoolismo, sua etiologia, as suas conseqüências, destacando-se a violência.

No terceiro capítulo, será visualizada a relação dos adolescentes do Ensino Médio com o uso de álcool, através da imersão nos dados da pesquisa, os quais serão apresentados e analisados concomitantemente segundo as seguintes relações: a relação álcool/adolescente do Ensino Médio; a relação álcool/família; a influência dos amigos no uso/abuso de álcool; a relação álcool/violência; o álcool na representação dos adolescentes; a relação álcool/mídia na ótica dos adolescentes; a percepção dos adolescentes sobre a escola e as conseqüências do álcool na escola.

Por fim, na conclusão, serão feitas algumas considerações acerca da relação do adolescente do Ensino Médio com o álcool e o papel da escola.

CAPÍTULO I

A ADOLESCÊNCIA E SUAS VICISSITUDES

É porque quando você passa pro 3º. ano, você sofre pressão de tudo quanto é lado, é no colégio, é família, é seu pai falando o tempo inteiro, e daí, chega uma hora que você começa a se cobrar de mais. (particular, 3º. ano)

1. A construção da identidade do adolescente

A adolescência se caracteriza como um processo gradativo de aquisição da identidade adulta, no qual o principal objetivo do adolescente é adquirir sua autonomia e independência. Do mesmo modo que a criança, esta identidade é desenvolvida através de uma co-ação, co-existência e co-experiência com as pessoas de seu mundo psico-sócio-familiar. Nesse processo, portanto, incidirão fatores físicos, familiares e sociais que alterarão radicalmente o pensamento e o comportamento do adolescente, que passará a ter características peculiares em função de todas as modificações necessárias, para que a independentização se efetive. Na busca da autonomia, o adolescente irá gradualmente passando da situação de identidade total com o mundo ao seu redor, até conseguir se diferenciar do outro, para conseguir o desenvolvimento de sua autonomia.

A compreensão da adolescência como “processo” pressupõe que existe um desenvolvimento permanente que pode ser individual ou coletivo, configurado como um processo histórico e dialético na medida em que é constituído por elementos complexos que se mantêm, modificam-se, opõem-se ou compõem-se no decorrer da vida. Além disso, pressupõe, não um desenvolvimento linear rumo à aquisição de autonomia, porém um movimento que inclui avanços e recuos, até que os padrões de comportamentos independentes sejam a tônica das ações.

Iniciaremos pela compreensão da aquisição da identidade infantil, como base da compreensão da identidade na adolescência. Segundo Moreno (1978), a criança, ao nascer, ao invés de passar por uma situação traumática, dá uma resposta espontânea-criativa à situação a qual, ela e a mãe, estiveram se preparando, aquecendo-se, durante os nove meses de gestação. Após o nascimento, pela situação de fragilidade da criança, é formado ao seu redor uma “matriz de identidade” (“antes da identidade”). Neste momento, os egos auxiliares, constituídos pela família, darão suporte, para que a criança vá, gradativamente, adquirindo sua própria identidade. Essa matriz de identidade será o lócus donde surgirão o “eu” e suas ramificações: os papéis, até que se forme a Identidade. Isto é, enquanto o indivíduo ainda não tiver consciência de si como “ser”no mundo. Seria como se a placenta biológica continuasse funcionando após o nascimento, só que agora como “placenta social” . Moreno afirma que: “A matriz de identidade é a placenta social da criança, o lócus em que ela mergulha suas raízes. Proporciona ao bebê humano segurança, orientação e guia” (p.114). Desta maneira, a identidade da criança, segundo este referencial, será co-construída gradativamente com o social, num primeiro momento com a família (mãe) e a seguir, à medida que avança em idade, com a família extensa, amigos, escola e o restante da sociedade, caracterizando-a como ser social. Isto é, antes que a criança consiga sua independência, autonomia e identidade própria, ao seu redor, esta rede social servirá de suporte e possibilitará, portanto, que ela se constitua como sujeito. A identidade será, então, alcançada, após um processo no qual a criança sairá de uma situação de total identidade com os outros (em que o eu e o tu não se diferenciam, em que ela percebe o mundo ao seu redor fazendo parte dela mesma), para gradativamente ir se diferenciando do outro (mãe, família etc) rumo à autonomia e à aquisição de sua identidade própria e separada. Para Moreno, a matriz de identidade que se forma ao redor da criança, como uma rede social de proteção, é: “... a raiz comum de todo o processo de aprendizagem do ser humano”. (p.131)

Berger e Luckman (1999), ajudando-nos a destrinchar este processo de aquisição da identidade em conjunto com o social, afirmam que a criança, ao apropriar-se subjetivamente de sua identidade, apropria-se concomitantemente do mundo social, já que, para reconhecer-se, ela necessitará objetivar-se no social para, a seguir, interiorizá-lo. Isto é, segundo esses autores, na construção de sua identidade individual, o homem como ser social deve, num primeiro momento, exteriorizar seu próprio ser no mundo social, e interiorizar este último, como realidade objetiva. Assim, o indivíduo não somente

incorpora os papéis e atitudes dos outros, mas também neste processo assume o mundo deles. Ressaltam também o fato de que nascemos num mundo já habitado e, desta forma, vivemos no mesmo mundo e participamos cada qual do ser do outro. Portanto, esses autores compreendem dialeticamente a construção da identidade do indivíduo com o social e para eles:

Receber uma identidade implica na atribuição de um lugar específico no mundo. Assim como esta identidade é subjetivamente apreendida pela criança (“ eu sou John Smith”), o mesmo se dá para o mundo para o qual esta identidade aponta. (p.178)

Para Berger e Luckman (1999), estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade, e a socialização vai ser responsável pela introdução do indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade, já que todas as identificações realizam-se em horizonte que implicam um mundo social específico. Desta feita, a importância do “outro” na construção da identidade torna a sociedade local *sine qua non*, na formação da singularidade e pertencimento ao mundo.

Durante a infância, as aprendizagens são naturais, espontâneas e ocorrem constantemente no cotidiano através de relações carregadas de afetividade, num processo denominado, por esses autores, como a socialização primária do indivíduo. Assume, na socialização primária grande importância, a família, como a transmissora afetiva das primeiras aprendizagens. Num período posterior, esses autores sinalizam que as aprendizagens são formalizadas e realizadas por agentes específicos e não, necessariamente, carregadas de afetividade como a família. Aqui, podemos enfatizar a importância dos outros grupos sociais nas aprendizagens emocionais, denominada de socialização secundária.

Esclarecendo-nos mais acerca da importância do cotidiano na construção social do indivíduo, Heller (2000) afirma que, ao nascer, já estamos inseridos numa cotidianidade. Desta maneira, para seu amadurecimento, é necessário que a criança se aproprie de todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade. Nesse sentido, Heller percebe a individualidade humana, a identidade não simplesmente como singularidade, mas, ao mesmo tempo, como aquisição da generalidade. Assim, todo homem é singular, individual- particular e, simultaneamente, ente humano- genérico.

Percebemos, então, que a criança vai adquirir sua identidade num processo dialético com a sociedade, já que, ao nascer, toda uma realidade social está posta ao seu

redor. De importância fundamental, neste primeiro momento, a família será a guardiã e transmissora dos valores e modelo de identificação, e a criança, então, vai gradativamente num movimento, eu-outro, reconhecendo-se enquanto sujeito, sujeito-genérico. A compreensão desta relação, homem/sociedade, vai ser importante, para compreendermos a construção da identidade do adolescente.

Chegando, à puberdade com aproximadamente 10/12 anos de idade, a hipótese começa a descarregar hormônios na corrente sanguínea que vão provocar os primeiros aparecimentos dos caracteres sexuais secundários. Basicamente, com a chegada das modificações corporais, a criança é lançada numa situação na qual se defrontará, conforme Aberastury (1980), com a perda do corpo infantil, a perda da identidade infantil e a perda dos pais de infância. Dito de outro modo, a entrada na adolescência vai tornar o indivíduo, diante da perda de seus referenciais, até aqui adquiridos, suscetível a novas representações e nova construção de sua realidade social.

Fazendo, então, uma analogia com o conceito de Matriz de Identidade infantil de Moreno, Vianna (1994) identificou que o adolescente, em função das inúmeras situações novas com que se defronta no início da puberdade (com a perda de todos os seus referenciais), vê-se obrigado, como no nascimento, a lançar mão de recursos e respostas novas ainda não apreendidas. Desta maneira, percebemos que é formada ao seu redor, numa situação similar à criança, uma matriz de identidade, agora adulta, até que esta possa dissolver-se, e ele (o adolescente) desenvolver sua identidade adulta, independente e autônoma.

Por sua vez, a aquisição desta independência (identidade do “eu” ou “identidade autônoma”), segundo Berger e Luckman (1999), ocorre durante a socialização secundária, em que o social vai reafirmar a condição dos adolescentes de cidadãos autônomos. Esta condição é configurada dialeticamente, por um lado, pela diferenciação de si próprio como individualidade e, por outro, pela sua participação em um coletivo- a humanidade, numa relação caracterizada pelos sentimentos de pertencimento e diferenciação. A vivência e a consciência desta duplicidade é que permite ao adolescente assumir a si mesmo como presente, passado e futuro, assim como ultrapassando e transcendendo seus limites, assumir-se como parte de um coletivo, que é construído pelo próprio homem. A socialização secundária, então, na adolescência, vai propiciar que, com a vivência de vários papéis, o jovem possa estabelecer as semelhanças e diferenças entre os vários papéis sociais. Estas diferentes percepções permitirão ao adolescente assumir os

papéis com maior autonomia em relação aos modelos oferecidos, assim como estabelecer representações genéricas dos papéis e de si próprio. Esse processo de individualização é que leva a constituição da identidade adulta.

Para o estudo da identidade de adolescentes, portanto, partimos da premissa que o homem é um ser social, sendo sua subjetividade construída nas relações sociais, pela família num primeiro momento e, posteriormente, nos demais grupos do qual fará parte (socialização secundária). Com a entrada no mundo adulto, o adolescente deve apropriar-se do mundo ao seu redor e, ao mesmo tempo, permanecer num certo compasso de espera em relação aos valores e normas que deve adquirir, para ingressar neste mundo. Espera-se que ele cumpra tarefas encarregadas de representar seu caminho à independência/identidade adulta. Pressupõe-se que ele internalize as normas do mundo social e alcance autonomia familiar e que vá em busca de sua independência econômica, através da aquisição de formação educacional de forma a assegurar e adquirir habilidades para o trabalho. Além disso, durante esse processo, ocorre uma interface entre o que ele traz como potencial a ser desenvolvido e a possibilidade de vir a ser um adulto de acordo com as regras já socialmente estabelecidas em seu cotidiano.

2. Caracterizando o adolescente

Sem deixar de estar imbuídos desta compreensão da construção da identidade em conjunto com o social, vamos observar, então, como algumas peculiaridades deste processo adolescente, terão características específicas, por vezes, tendo aparência de não normalidade. Schowalter (1999) define a adolescência do seguinte modo:

Adolescência é a fase do desenvolvimento que abrange o período de transição do término do apoio relativamente total de um ou ambos os pais para a auto-suficiência relativamente completa para governar a própria vida. Embora a adolescência ocorra durante toda ou parte da segunda década da vida, as idades de início e fim variam enormemente. É mais exato conceber a adolescência dentro de uma estrutura multiaxial e levar em consideração o desenvolvimento físico, psicológico e social. (p.2356)

Esse autor divide a adolescência em: Adolescência inicial: começa geralmente na quinta série ao redor dos 10,11 anos de idade até os 13,14 anos. Caracteriza-se essa fase pelo estirão do crescimento, o desabrochar das características sexuais secundárias e um afastamento social acelerado dos pais e da família em direção ao grupo de iguais. O pensamento, aqui, é concreto, a sexualidade apresenta características unissexuais.

Adolescência intermediária: abrange os adolescentes dos 15 aos 17/18 anos mais ou menos: ocupando os anos intermediários da segunda década da vida; é o momento em que começam os namoros. A experimentação sexual é geralmente egocêntrica e marcada por alta paixão e inabilidade, mas poucas evidências de um amor afetivo. Neste período, tem início o estágio piagetiano das operações formais e a capacidade de pensar abstratamente. Adolescência tardia : (a partir dos 18 anos e sem idade para seu término). Se tudo ocorreu normalmente, esses adolescentes adquiriram uma boa capacidade de usar o pensamento abstrato e uma capacidade cada vez maior de pensar no futuro. O namoro se torna sério e a busca por alguém mais íntimo é uma questão maior. Nesta faixa etária, também, dar-se-á início a etapa decisiva rumo a independentização.

Por sua vez, Osório (1992) define a adolescência diferenciando-a da puberdade. Esta última é compreendida por processos biológicos de mudança corporal, marcada pela menarca e outros caracteres sexuais secundários na mulher e a primeira ejaculação e caracteres sexuais secundários no homem. A própria expressão puberdade é relativa ao surgimento de pêlos. Já a adolescência é um conjunto de transformações psicológicas que acompanham o fenômeno biológico da puberdade: “é o resultante de um paralelogramo de forças, onde os fatores intrapsíquicos e sócio-culturais constituem os vetores que o compõe”. (p.21). A adolescência é também considerada, por esse autor, como o processo biopsicossocial compreendido pelas alterações experienciadas pelo jovem desde a puberdade. Marcada por processos de mudanças de papéis, interesses e relações dentro e fora da família, em que o referencial social é mais amplo, incluindo como grupo de referência o companheiro. É importante ressaltar as considerações feitas por Osório: os adolescentes, que vivenciam o “processo adolescente”, são aqueles, cuja preocupação com a sobrevivência imediata é secundária. Esta observação ancora-se na percepção que os adolescentes de nível sócio-econômico baixo experimentam apenas a puberdade, não lhes sendo possível vivenciar o processo de adolescência. Esse autor afirma que, ao nos referirmos à crise de identidade do adolescente contemporâneo,

...estamos na verdade considerando os processos de transformação psicológica que experimentam aqueles jovens que pertencem aos estratos sócio-econômicos mais diferenciados, que têm o que comer, o que vestir e podem, então, usufruir as demais prerrogativas da condição humana quando satisfeitas suas necessidades mais elementares. (p.21)

O término do período de adolescência, segundo Osório (1992), pode ser considerado quando o jovem é auto-suficiente economicamente, sendo capaz de assumir seu próprio sustento por meio de seu próprio trabalho. Inclui, ainda, o não culpabilizar, ou não responsabilizar os pais por seus problemas individuais.

Knobel (1981), atento a esta situação do adolescente como alguém que está em período de transição e numa situação na qual tem que reformular os conceitos a respeito de si mesmo, afirma que até a estabilização de sua personalidade o jovem vai passar por um certo grau de conduta patológica que, conforme seu critério, considera inerente à evolução normal desta etapa da vida. Caracteriza, então, esse autor a adolescência como uma “Síndrome Normal da Adolescência”, com as seguintes características:

...1)- busca de si mesmo e da identidade; 2)-tendência grupal; 3)- necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4)-crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5)-deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características do pensamento primário; 6)-evolução sexual manifesta, que vai do auto erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7)-atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8)-contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9)-uma separação progressiva dos pais; e 10)-constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. (Knobel,1981:29)

Qualquer que seja o referencial sob o qual a adolescência é compreendida, em função de todo este processo de aquisição da identidade de adulto, ela caracteriza-se por situações e comportamentos controversos por parte do adolescente e do seu meio circundante. Neste caminhar rumo à “adulter”, inúmeras experimentações de independência vão se realizando, num oscilar de comportamentos de dependência e independência, até que estes últimos tornem-se a tônica das ações. Estas experimentações e oscilações são percebidas pelos adultos como comportamentos anormais e vivenciadas pelos adolescentes como situações conflitivas e angustiantes, nas quais ele vai, gradativamente, desfazendo-se de padrões de comportamentos pré-estabelecidos. Percebemos, assim, que a “Anormalidade” na adolescência pode estar relacionada também ao modo como é percebida e compreendida e, desta maneira, todo este processo de aquisição da identidade não ocorre unilateralmente. Ao observar pormenorizadamente a aquisição gradual da identidade adulta pelos adolescentes, Vianna (1993) identifica as seguintes características:

- No primeiro momento, no início da puberdade, é onde o púbere perde seus referenciais em relação ao seu corpo, seus pais e sua identidade. Fica, neste momento, como a criança ao nascer, numa situação de indiferenciação com o mundo ao seu redor e, neste momento, o púbere perde a noção do que faz parte do seu mundo interno e do seu mundo externo. Esta situação proporciona uma sensação de estranheza em relação ao próprio corpo e o púbere apresenta dificuldades em localizar se é no corpo ou nos pensamentos que esta modificação se processa. Em função disto, são comuns, neste período, queixas psicossomáticas.

-Num segundo momento, mais ou menos dos 13/14 anos de idade, tem início a diferenciação, e o adolescente começa a concentrar-se no mundo ao seu redor (pais, amigos, escola), para conhecer aquilo que até bem pouco tempo lhe parecia ótimo, bom, e sem problemas. O outro agora é, desta maneira, percebido de modo diferente. Tem início, aqui, um processo de confronto com tudo que o cerca e trata esses conteúdos de modo onipotente e mágico. Assim, tudo tem que ser resolvido no tempo imediato, tornando o adolescente poderoso e desafiador. Os pais dos adolescentes, neste momento, são seus alvos preferidos, já que deixaram de servir como modelos e passaram a fazer parte de tudo que pode ser questionado, criticado e melhorado. Além disso, em seus pensamentos e sentimentos, os pais tornam-se seus iguais e, dependendo da onipotência, podem ser desqualificados. Na medida em que presta atenção no outro, o adolescente, concomitantemente, volta-se para si e, gradativamente, vai se separando do outro.

- Num terceiro momento, o adolescente, por volta (15/16 anos), volta-se para seu interior e tem início de forma nítida a separação do mundo exterior. Conversa consigo próprio, escreve horas a fio de diário, reavalia suas condições emocionais a todo momento. Imaginação e fantasia fluem largamente neste momento. Até aqui, fantasia e realidade estavam no adolescente reunidas, e ele, então, não as diferenciava e, desta maneira, misturava as situações da realidade com a fantasia e vice-versa. Antes de dar início ao momento seguinte, um processo importante se inicia, auxiliado pela aquisição do pensamento abstrato, que é a capacidade de diferenciar a fantasia e a realidade e passar de um processo ao outro sem misturá-los. Com esta aquisição, consolidar-se-ão os novos papéis sociais adquiridos, já que a autonomia em relação aos pais estará aumentada significativamente.

- Por fim, num quarto momento, ao redor dos 17 anos e sem data cronológica para seu encerramento, o “eu” e o “outro” estarão diferenciados, e o adolescente inicia a

capacidade de diferenciado do outro atingir a plena capacidade de realizar uma relação de reciprocidade.

Desta forma, na adolescência, o indivíduo sairá de uma situação de indiferenciação entre ele e seu meio circundante, para, gradativamente, iniciar o processo de separação-individuação, necessários para que se reconheça e, concomitantemente, reconheça o outro e adquira sua identidade própria. Quando não consegue direcionar-se para o crescimento, opõe-se às resistências impostas pelo ambiente, permanecendo nas etapas anteriores.

Auxiliares importantes neste processo de separação e individuação, a rede social, ao redor dos adolescentes, composta pelos “amigos”, assume papel de destaque. O conceito de rede social, segundo Moreno (1994), refere-se à expansão da rede de proteção familiar, à medida que crescemos. Dessa expansão, temos a formação de redes sociais como os amigos, a escola, nos quais transitam as informações e, na adolescência, servem como reforço necessário, para que o adolescente possa experimentar o afastamento de seus pais. O grupo de iguais vai contribuir, para que as turbulências desta etapa vital sejam sentidas e percebidas dentro de um contexto confortável de que “isto, estas sensações não acontecem somente comigo”. Diferentemente das crianças, o grupo de amigos na adolescência, também, faz parte e participa ativamente do caminho rumo à aquisição da identidade de adulto. O grupo de iguais funciona como continente para as ansiedades existenciais do adolescente, na medida em que, pela necessidade de afirmar-se como indivíduos autônomos diferenciados de seus pais, eles têm necessidade de buscar novas pautas identificatórias junto aos amigos. No grupo de iguais ocorre, então, a possibilidade do compartilhar de experiências e de confrontos num clima propício, facilitando a aquisição da identidade adulta, diferenciada.

Percebemos, assim, que a importância do grupo de iguais relaciona-se às funções essenciais, exercendo na vida dos adolescentes como: companhia social, apoio emocional, guia cognitivo e de conselhos, bem como de acesso a novos grupos sociais. Os amigos podem contribuir para os processos de integração psicossocial, de promoção do bem-estar, de desenvolvimento da identidade e de consolidação dos potenciais de mudança dos adolescentes. Nesse sentido, os amigos podem influenciar o adolescente, positivamente ou negativamente, na formação de hábitos e atitudes.

3. A família dos adolescentes

Como vimos, a família tem, para o adolescente, a importância de oferecer a proteção e o suporte necessários para seu desenvolvimento. Funciona como uma “matriz de identidade”, onde se formarão os papéis. O “locus” da família é matriz responsável pela manutenção da espécie e funciona como agente processador das mudanças inerentes à evolução humana, tanto no âmbito individual como coletivo. É também a rede social de sustentação da construção da identidade adulta mais importante na adolescência.

Destacando o papel da família em relação à construção da identidade de adolescentes, Osório (1996) aponta as seguintes funções, que deverão ser compreendidas, admitindo-se as influências dos pais sobre os filhos e vice-versa: a) prover o alimento afetivo indispensável à sobrevivência emocional de seus membros; b) promover a transmissão à descendência da experiência acumulada pelas vivências individuais e coletivas; c) servir de contingente para as ansiedades existenciais; d) proporcionar o ambiente adequado para a aprendizagem empírica que baliza o processo cognitivo do ser humano; e) transmissão das pautas culturais dos agrupamentos étnicos e a preparação para a cidadania.

Minuchin (1990) ressalta que a principal função da família em relação à construção da identidade dos adolescentes é que ela vai garantir e permitir o desenvolvimento e a diferenciação de seus membros. Na adolescência: “O sentido de separação e de individuação ocorre através da participação em diferentes subsistemas familiares e em diferentes contextos familiares, tanto quanto através da participação em grupos extrafamiliares” (p.59). Dessa forma, cada sentido de identidade individual é influenciado por seu sentimento de pertencimento a diferentes grupos.

Para compreendermos a família dos adolescentes, precisamos identificar que o indivíduo possui um ciclo de vida, que se inicia no nascimento, passa pela adolescência, continua pela vida adulta até atingir a etapa de velhice e morte. Por sua vez, a família passa por etapas e desenvolvimentos desde a sua constituição como um sistema. O ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, que é como vimos no contexto primário de desenvolvimento humano. Os terapeutas familiares sistêmicos dividiram o ciclo de vida da família em períodos, onde ocorrem mudanças nos padrões de relacionamento entre os membros da família naquele momento. A necessidade dessa divisão baseou-se na percepção de que há um aumento de estresse nestes pontos de transição de um estágio para outro no processo desenvolvimental familiar, uma vez que

estes produzem rompimento no ciclo que estiver ocorrendo. A compreensão do ciclo vital da família vai permitir perceber que a adolescência é uma etapa dentro de um contínuo do ciclo de vida das famílias, na qual a tensão está relacionada às modificações necessárias em que cada parte envolvida deverá efetuar

Carter e McGoldrick (1995) dividiram o ciclo de vida familiar nos seguintes estágios: “1°. saindo de casa: jovens solteiros; 2°. a união da família no casamento: o novo casal; 3°. famílias com filhos pequenos; 4°. famílias com filhos adolescentes; 5°. lançando os filhos e seguindo em frente; 6°. famílias no estágio tardio da vida.”(p.17). Estaremos, assim, compreendendo as características da família dos adolescentes, admitindo a evolução do ciclo de vida das mesmas. Além disso, tanto os adolescentes quanto os pais e os irmãos estão envolvidos, cada qual, diferentemente, em função das diferentes idades, em seu próprio momento desenvolvimental. O ciclo de vida individual engloba as fases do desenvolvimento do indivíduo: infância, adolescência, adulto, velhice e morte. A compreensão do entrelaçar entre o ciclo vital individual de cada membro familiar e o ciclo vital da própria família facilitará o desvendar do processo adolescente em relação aos demais membros da família. Isso poderá facilitar a identificação dos pontos de tensão e ansiedade dos adolescentes.

Iniciando pelos pais dos adolescentes, estes terão, nesta etapa na qual o filho está na adolescência, como principal objetivo a ser alcançado, o aumento gradativo da flexibilização de suas fronteiras familiares, para permitir a independência dos filhos que, por sua vez, estarão almejando a aquisição de sua identidade. Paralelamente, os pais dos adolescentes terão também de desenvolver papéis que os capacitem para lidar com a fragilização dos avós. Esses dois pólos contraditórios darão a estas famílias a conotação conflituosa de lidarem, por um lado, com a exarcebação da força física e a juventude e, por outro lado, com a degeneração física dos avós. Concomitantemente, os pais de adolescentes estarão vivenciando modificações corporais importantes (com mais ou menos 40 anos de idade) e, conseqüentemente, iniciando a sua própria fragilização física. Assim, os pais passam a rever sua própria adolescência e os aspectos que podem ser resgatados de uma juventude presente diante de si.

Ao especificar a crise na adolescência em relação ao ciclo de vida familiar, Paccola (1994) argumenta que: “...o aumento de ansiedade na família pode dar-se em duas direções: na vertical, que inclui tabus, mitos, segredos e expectativas da família, movendo-se para a próxima geração; e na horizontal, em relação às transições evolutivas esperadas

no ciclo de vida da família” (p.35). A crise do adolescente, segundo essa autora, não se trata de um fato isolado entre os pais e os filhos adolescentes, mas a mobilização de todo o sistema que envolva as relações entre este jovem e os outros irmãos, os irmãos menores e os pais, os filhos de um modo geral e os próprios pais entre si e o grupo social ao redor destes protagonistas. Do mesmo modo que os adolescentes perdem seus padrões de relacionamento nesta etapa da vida, seus pais também perdem seus padrões de relacionamento com seus filhos. Os pais, igualmente, passarão, gradativamente, de uma situação de total controle dos filhos para a independentização dos mesmos. Aqui, incidirão os problemas cruciais de relacionamento na adolescência, em que os pais com fronteiras rigidamente estabelecidas, ou, o contrário disso, pais com fronteiras muito flexíveis, dificultarão o desenvolvimento adequado desta etapa.

Preto (1995), ao analisar também essa etapa do ciclo vital das famílias com adolescentes, identificou que a maioria das famílias são capazes, após um certo grau de confusão e perturbação, mudarem as normas e os limites e reorganizarem-se, para permitir aos adolescentes maior autonomia e independência. Porém, essa autora afirma que: “...Por serem intensas, as demandas adolescentes frequentemente servem como catalizadores para reativar questões emocionais e acionar triângulos” (p.224). Isto é, essa autora compactua com o fato de que, na adolescência, são geradas situações conflituosas.

Percebemos, assim, que durante a adolescência do(s) filho(s) ocorrem mudanças em todo o sistema familiar, que são geradoras de tensão e conflitos, porque as pessoas estão em diferentes ciclos de vida. Dependendo das condições emocionais das partes envolvidas, estes conflitos desenvolver-se-ão ou não.

Outro ponto a ser destacado é que a família, como um sistema, move-se através do tempo e, portanto, está sujeita à influência da classe social, educação, raça, etnicidade, sexo e local de residência, enfim, todo o contexto sócio-econômico e cultural em seu ciclo de vida. Carter e McGoldrick (1995), neste sentido, afirmam que, em anos recentes, têm sido dada mais atenção ao papel da cultura e etnicidade pois os padrões de relacionamento são profundamente alterados pelos valores e atitudes étnicos transmitidos através das gerações. Neste sentido as autoras dão os seguintes exemplos:

...os anglo-americanos tendem a promover a separação precoce dos adolescentes e sua transição para a idade adulta (Mc Gill & Pearce, 1992). Diferentemente da maioria das famílias italianas, hispânicas e judias, eles não lutam para ter os filhos perto de casa. Mc Gill & Pearce (1982) observam que os anglo-americanos são bons em promover a separação, mas talvez ofereçam orientação e apoio

insuficientes para os adolescentes. O resultado poderia ser uma separação prematura que conduz a uma identidade pseudo-adulta e ao estabelecimento de relacionamentos imaturos, numa tentativa de substituir a família. (Carter & McGoldrick, 1995: 233).

A adolescência, por si mesmo, é um fenômeno cultural que aparece e é valorizada no século XX. A noção de infância foi descrita como uma invenção da sociedade ocidental do século dezoito e a de adolescência como uma invenção do século dezenove, segundo Áriès (1981), relacionadas aos contextos cultural, econômico e político daquelas épocas. Aberastury (1980), também, reconhece a influência do contexto sócio econômico e cultural. Ao se referir a adolescência no mundo atual, essa autora alerta para o fato de que, debaixo do disfarce da adolescência difícil, há uma sociedade difícil, incompreensiva e hostil. Para a autora, a busca de identidade pelo adolescente é dificultada pela tensão e ansiedade do mundo atual. Conseqüentemente, Aberastury acredita que :

Na formulação das medidas para uma higiene mental do adolescente- ainda que a adolescência tenha o caráter universal que assinalamos- devem admitir-se caracteres próprios e portanto, medidas específicas nos diferentes meios sociais e, especialmente, em sociedades como as latino-americanas, que estão sofrendo, em diversos graus, uma transformação : da sociedade tradicional à sociedade moderna, técnica ou industrializada, ou de um mundo rural à adaptação dos avanços do industrialismo e da urbanização. (p.90)

Observando, então, as mudanças no ciclo de vida familiar em nossa contemporaneidade, que irão, com certeza, influenciar no processo adolescente, temos que, na geração passada, as mudanças nos padrões de ciclo de vida familiar aumentaram dramaticamente, especialmente por causa do índice de natalidade menor, da expectativa de vida mais longa, da mudança do papel feminino e do crescente índice de divórcio e recasamento. Carter e McGoldrick (1995) analisam que, na verdade, o significado da família está mudando drasticamente, uma vez que ela não está mais organizada primariamente em torno da atividade da criação dos filhos que, enquanto antigamente, esta função ocupava os adultos por todo o seu período de vida ativa, agora, ocupa menos da metade do período de vida adulta que antecede a terceira idade.

Dados do último censo brasileiro, obtidos em 2000, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que, na população adulta, entre 25 e 39 anos de idade, o índice de divórcio encontra-se em patamares em torno de 19%. No centro-oeste, 24,2% das mulheres são responsáveis pelos domicílios. Em Goiás, o número

de pessoas que vivem juntas sem casar já corresponde a um terço das uniões por casamentos civil e religioso. Além disso, a partir da década de 1940 até o ano 2000, houve um decréscimo na taxa de fecundidade da população brasileira de mais de 60%.

Estas mudanças levam, na realidade, a transformações radicais nos papéis do homem e da mulher na família. A função paterna não está mais encarnada no pai, mas ampliou-se como a nova estrutura familiar, tais como: casamentos que se sucedem, filhos de diversas uniões, determina-se uma fragmentação de papéis, dividindo, também, o lugar do pai que, diluído pela flutuação de posições na nova célula familiar, deixou de funcionar como modelo identificatório e representante da lei. Esse alargamento da função paterna, não mais encarnada unicamente pelo chefe da família, levou a uma descentralização não só do poder, mas também das funções de provedor e legislador, levando muitos genitores a esvaziarem seus lugares, eximindo-se da responsabilidade sobre seus filhos, muitas vezes abandonando-os afetiva e economicamente. Este papel descompromissado do pai foi enormemente facilitado pelo acesso da mulher ao mercado de trabalho e pelo movimento feminista. Como resultado, temos um número cada vez maior de mulheres que criam seus filhos sozinhas, ou optam por ter filhos sem a participação dos pais. Como consequência desta situação, teremos segundo Luce e Silva Filho (2001):

...um impasse: sofremos por não ter mais um pai que nos diga o que fazer, no que a lei se constitui. No patriarcado havia uma identificação vertical a um líder, assim determinado pela referência a um ideal; e o que temos hoje são comitês de ética, grupos que se aglutinam a partir de uma identificação horizontal, entre iguais, para aí, em “conversas de café”, deliberarem sobre a lei, sobre o que é legítimo, sobre o que é verdadeiro. E, como consequência da característica provisória dos comitês, da flutuação de seus membros, também assim é a idéia moderna de verdade: mutável, temporária. (p.64)

Em outras palavras, nosso modo de vida contemporâneo está promovendo o surgimento de novas formas de subjetivação e de formação de identidade que darão ao adolescente características diversas de outras épocas. Com as mudanças na estrutura familiar, houve uma progressiva desvalorização desta instituição, embora sua atuação continue sendo de fundamental importância. Paulatinamente, ela abriu mão e perdeu o controle de sua atuação como formadora e educadora de seus filhos. Os pais se sentem inseguros sobre seus próprios padrões morais e valores. Existem dificuldades, como acabamos de ver, em colocar opiniões e limites, gerando, com isso, uma considerável diminuição de sua influência e autoridade sobre os adolescentes. Estas modificações são

importantes, uma vez que o adolescente é extremamente vulnerável a essas mudanças contemporâneas dentro da estrutura familiar.

Osório (1996) analisa os diferentes tipos de modelos de estrutura familiar desde a idade média à nossa época, com o objetivo de identificar as principais mudanças no transcorrer dos tempos. Ressaltamos, baseados neste autor, as características da família burguesa e da família do século XXI. A primeira foi escolhida como referencial de comparação, por ser a herdeira da revolução industrial, que sinalizou a modernidade. Além disso, é a família da qual se diz que está “em crise”, face à emergência dos novos modelos deflagrados pelos avanços tecnológicos contemporâneos. A segunda, por ser a tentativa de identificação dos novos padrões em nosso tempo. Comparando a família burguesa com a família da “Aldeia Global” do limiar do século XXI, Osório destaca as seguintes diferenças:

Na Família Burguesa: o grupo familiar está estruturado em função da necessidade de transmissão dos interesses da classe dominante emergente; a função do lar é de lugar de lazer, refúgio e intimidade; os objetivos educacionais são os de renúncia ao corpo e à mente; os pais são modelo de identificação, existe a autoridade parental; os valores individuais baseiam-se na busca da eficiência e da competência; a vida sexual pré-matrimonial é marcada pela masturbação reprimida, renúncia instintiva valorizada, separação entre sexo e amor e moralidade machista; o papel do homem é a manutenção da casa e da mulher é da criação dos filhos; o casamento é regido pela imposição dos pais, objetivando a preservação ou acumulação de bens patrimoniais.

Na “Família da Aldeia Global” ou do “Limiar do século XXI”: o grupo familiar está estruturado em função da necessidade de conviver (“instinto gregário”) e do desejo ou intenção de procriar (“instinto reprodutor”); a função do lar é prover segurança física e psicológica; os objetivos educacionais são desenvolver aptidões específicas para a vida competitiva; os filhos são depositários das expectativas parentais (veículo de realização de seus desejos e compensação pelas frustrações havidas); autoridade paterna e materna compartilhadas; os valores individuais buscados são a capacidade competitiva (mais superação de limitações); a vida pré-matrimonial é marcada pela experimentação de distintas formas de obtenção de prazer erótico consoante às inclinações pessoais; os papéis sexuais são equivalentes, ressalvas quanto as diferenças quanto ao papel reprodutor da espécie; o casamento civil e religioso é substituído por livre união consensual.

Galletti (2000), ao analisar, também, a família burguesa do final do século XIX, em comparação com a família na atualidade, conclui que houve uma progressiva descentralização da atuação familiar. No início da família burguesa, as figuras centrais, pai e mãe, eram responsáveis pela repressão, dominação, influência e autoridade. Essas figuras eram facilmente identificáveis. Porém, com o decorrer do tempo e maior complexidade social, a instituição familiar cedeu espaço, para que outras instituições fizessem este papel (escolas, médicos, psicólogos, pedagogos e meios de comunicação de massa). Assim, outros agentes sociais passaram a desempenhar grande parte da função familiar. Afinal, temos que considerar que a modernização implicou no aparecimento de um leque enorme de possibilidades e alternativas materiais, tecnológicas, intelectuais e sociais, assim como o questionamento de todas as verdades estabelecidas.

Constatamos, portanto, que a família, em nosso mundo contemporâneo, tem novas configurações, mas continua sendo local *sine qua non* de formação de atitudes e valores. Estas mudanças na estrutura da família estão relacionadas ao contexto sócio-econômico e político de nosso mundo atual. Assim, a família não se constitui como um sistema isolado, mas reflete o social e com ele interage. O adolescente, nestas novas configurações da família, com a descentralização do poder, assume, também, o papel de mediar junto à família, a sociedade, função esta anteriormente executada somente pela família. Desta maneira, na atualidade, podemos ponderar que a adolescência assume papel de destaque e a crise da família refere-se ao conjunto de modificações impostas por toda essa conjuntura.

Acreditamos que, para onde a família caminhará, ela não mudará seu papel fundamental como guardiã de nossas identidades pessoais. Por isso, concordamos com Osório (1996), quando este afirma que revitalizar a família com o aporte de novas e mais satisfatórias modalidades de relacionamento entre seus membros é indispensável para seguirmos aperfeiçoando a convivência humana e repensá-la, a luz das modificações contemporâneas, é tarefa de todos nós. Não podemos deixar de cogitar a emergência de novos modelos familiares em todos os recantos da “Aldeia Global”, e este será o paradigma da sociedade do futuro no planeta que habitamos.

4. O adolescente do Ensino Médio

A escola é um outro aspecto que deve ser considerada em relação ao adolescente, considerando que este, por estar em um processo de formação, esteja

vinculado a uma instituição escolar. A discussão, aqui, desenvolvida sobre a faixa-etária do adolescente que frequenta o Ensino Médio supõe aquele aluno que não se encontra em grande defasagem na relação série/idade. Estes dados são compatíveis com o último relatório do ENEM (dez, 2001), que trouxe, em relação à distribuição dos participantes por idade, que a maioria, ou seja: 66,3% dos participantes tem até 19 anos de idade (p.27) e que, 61,1% dos estudantes concluiu o Ensino Médio em 3 anos (p.32).

A divisão cronológica da adolescência deve ser observada, sem perdermos de vista o que é esperado para as idades acima, depende de uma série de condições. Em decorrência, teremos adolescentes com a mesma idade cronológica, porém, apresentando características diferenciadas.

Os adolescentes do Ensino Médio, de nosso estudo, encontram-se na faixa-etária dos 14 aos 19 anos de idade. Esta faixa abrange, portanto, a adolescência intermediária e o início da tardia. Destacaremos, neste momento, algumas características deste período, levantadas por Vianna (1993):

-Em relação aos vínculos sociais

Aos 14/15 anos, com a entrada no Ensino Médio, em primeiro lugar, incrementar-se-ão os vínculos sociais em detrimento dos familiares, que estarão, aqui, sendo muito questionados e dar-se-á início às saídas noturnas em companhia dos amigos. Neste momento, estarão, também, em cheque a própria estrutura familiar e os modelos até aqui adquiridos, uma vez que serão constantemente confrontados com os das famílias dos amigos. Temos tido, nos tempos atuais, cada vez mais, saídas noturnas desacompanhadas por adultos e estes adolescentes estarão, portanto, mais sujeitos a conflitos e expostos a situações de risco (drogas, violência, sexo precoce). A influência dos amigos, aqui, ganha terreno com a instalação de inúmeros comportamentos diferentes. Com as saídas, o adolescente terá que optar pelas ofertas do mundo social e, em alguns momentos, ver-se-á diante da difícil tarefa de discordar dos amigos, ou concordar com eles e ver-se diante de situações, para as quais pode não estar preparado. Quanto maior a idade, mais saídas, porém a influência dos amigos poderão se intensificar ou não.

-Em relação ao outro sexo

Nesta faixa-etária, há um incremento significativo das relações heterossexuais. Os grupos aqui serão constituídos de ambos os sexos, em oposição à faixa etária anterior, na qual o grupo de amigos se constituía de amigos do mesmo sexo. O “ficar” vai evoluindo para o namoro e a atividade sexual .

-Em relação ao pensamento

O pensamento abstrato vai a partir dos 15 anos, gradativamente, tomando vulto em relação ao pensamento concreto. Isto vai possibilitar o declínio do pensamento mágico, da onipotência, do fantasiar e o aumento da realidade. As manifestações de conduta até aqui dominada pela ação, começam sair da impulsividade para a ação pensada antecipadamente. Como esta passagem não ocorre linearmente, o adolescente oscilará entre a fantasia e a realidade por diversas vezes sem distinção até que a transição de um para o outro possa ser efetuada.

-Em relação à noção temporal e espacial

Até por volta de mais ou menos 15 anos, o pensamento concreto dava ao adolescente a característica de agir somente no presente, e este tinha muitas dificuldades de postergar seus desejos e ações, bem como era extremamente imediatista e impulsivo. A partir desta faixa-etária, ele começa, em função da capacidade de abstração a diferenciar presente, passado e futuro e, cada vez mais, vai tendo condições de preferir suas necessidades e a desenvolver projetos de vida.

A noção espacial passará de uma necessidade crucial de demarcação, para o adolescente ter a noção desta internalizada e, conseqüentemente, ter o limite incorporado ao seu espaço corporal.

-Em relação à independentização

Os comportamentos de antependência, que até os 15 anos se caracterizavam pela oposição à autoridade radical, dão, gradativamente, espaço às negociações. As contestações começam a enfraquecer e o adolescente se vê diante da necessidade de sair de sua onipotência, para lidar com suas dificuldades.

O carro, já que é um instrumento de independência dos pais, ganha espaço decisivo nesta faixa-etária, seja para o adolescente dirigir, ou para andar na companhia de outros mais velhos. Para eles, o carro funciona como independência física dos pais, com a possibilidade de grandes afastamentos. Como vem a fazer parte da vida dos jovens, concomitantemente, com as saídas e o uso de drogas lícitas e ilícitas, pode expor o adolescente a riscos. A rigidez ou permissividade excessivas dos pais quanto ao fato de dirigir pode trazer conseqüências relacionais ou comportamentais. A controvérsia da idade ideal para direção responsável acaba sendo difícil de ser estabelecida, uma vez que faz parte de todo o contexto do adolescente.

-Em relação à escolha profissional

Uma das mais importantes decisões a ser tomada pelos adolescentes vai necessitar, para que seja bem feita, do seu amadurecimento emocional, pois, para escolher uma profissão, deverá ter atingido o pensamento abstrato, reconhecer-se “quem sou eu?”, “como é meu mundo neste momento de minha vida ?” e, portanto, diante das minhas características e possibilidades: “qual escolha profissional eu posso fazer ?” . A escolha profissional envolve muito mais do que a aptidão e o interesse do jovem diante das inúmeras possibilidades profissionais, pois envolve todos os aspectos do ser humano, de sua identidade, de suas possibilidades sócio-econômicas e físicas. Logo, quanto mais cedo necessitar que aconteça, maior a probabilidade de desacertos e dificuldades na escolha profissional.

Observando, por sua vez, o Ensino Médio, a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), promulgada em 20/12/1996, lei 9394, caracteriza o Ensino Médio como etapa final da educação básica e, ao mesmo tempo, torna-o etapa obrigatória para :

...consolidar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, desenvolver a autonomia intelectual e do pensamento crítico do educando, assegurando-lhe a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos- garantindo-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecendo-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (Art. 22 e 35da LDB)

Como vimos até o momento, o adolescente, ao cursar o Ensino Médio, encontra-se em um momento de construção de sua identidade enquanto indivíduo e cidadão. É uma etapa precípua de aquisição de novos papéis sociais, destacando-se, neste momento, o caminhar em direção à aquisição de seu papel profissional. Concomitantemente, estarão em formação a crescente independência de seus pais, bem como a aquisição do pensamento abstrato. Esta etapa escolar atua em adolescentes em pleno processo de construção de identidade, para, ao seu término, entregá-lo às portas da profissionalização, seja via acesso ao Ensino Superior, seja, a entrada no mercado de trabalho.

Pelas propostas do MEC³, percebemos a intenção deste órgão de aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental e preparar o adolescente para a

³ Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio: Projeto Escola Jovem (1999); e O novo Ensino Médio: conceitos fundamentais (2000).

autonomia, isto é, prepará-lo para o mercado de trabalho e para a cidadania. Apesar disso, concordamos com Kuenzer (2000), quando esta afirma que os objetivos do Ensino Médio debatem-se num conflito estrutural entre um caráter terminal e outro propedêutico. Reforça também, o fato do Ensino Médio estar atrelado às políticas públicas de investimentos municipais, governamentais e federais.

Esse conflito também é percebido por Oliveira (1998) que aponta que o Ensino Médio não pode ser definido simplesmente como a “etapa final de educação básica” ou como “curso de preparação para a universidade”. Ele deve, sim, ter orientação ou identidade própria e não ser moldado pelo vestibular ou qualquer outro processo seletivo. Pelo contrário, a seleção ao Ensino Superior adotada é que deverá fortalecer o projeto formativo do Ensino Médio. Neste sentido, ponderamos que, se esta realidade se instalasse, isto é, se o Ensino Médio se fortalecesse, talvez a pressão existente para o sucesso no vestibular fosse amenizada. Como consequência, a formação do adolescente para a cidadania, a preparação técnica-científica para o trabalho e para a vida numa sociedade tecnológica seriam prioridade. Desta maneira, o Ensino Médio estaria em compasso com a adolescência e com possibilidades de tornar-se fator de proteção às drogas nesta faixa-etária. Esta situação, do fortalecimento do Ensino Médio, está, conforme esse autor, ligada diretamente à necessidade de mudanças no processo seletivo de acesso ao Ensino Superior. Enquanto o vestibular continuar tendo um caráter seletivo e discriminante, já que o acesso ao Ensino Superior ainda é privilégio das classes mais favorecidas, o Ensino Médio continuará atendendo à demanda do mercado e não à demanda do adolescente.

A adolescência, portanto, exige uma estrutura do Ensino Médio e do Superior (já que adolescentes cada vez mais jovens adentram a Universidade) que implica em ter que lidar com o tempo necessário e as vicissitudes do processo de maturação emocional dos jovens. Por outro lado, a necessidade da escolha profissional, ainda durante o Ensino Médio, num período em que o adolescente está no auge de sua crise de identidade, torna a relação da escola com a adolescência ainda mais importante. O dilema vocacional dos adolescentes no Brasil, segundo Osório (1992), fica atrelado, também, em adequar as aspirações profissionais desses jovens com a realidade do mercado de trabalho que lhes é oferecido. Segundo este autor, as expectativas dos adolescentes inspiram-se em modelos irreais que estão longe de corresponder às possibilidades sócio-econômicas de nosso país:

...onde há uma enorme pressão social para que os jovens atinjam o estágio universitário, transformando o ingresso nos cursos de nível superior num

gigantesco funil gerador de frustrações. Por outro lado, o acelerado processo de obsolescência técnica e decomposição econômica da universidade brasileira gera profissionais cada vez mais incompetentes e despreparados para ocupar espaços no já escasso mercado de trabalho existente para eles. (p.38)

No entanto, o processo recessivo da economia do nosso país, convém lembrarmos, faz com que muitos desses profissionais de nível superior engrossem as fileiras dos desempregados, ou subempregados nos anos subseqüentes a sua entrada na universidade. Além disso, com facilidade, podemos identificar, entre os que estão nas universidades, freqüentes trocas ou abandonos de cursos, demonstrando a insatisfação e fragilidades destes jovens diante da decisão tão importante. Essas constatações reforçam, ainda mais, a importância do Ensino Médio para os adolescentes no sentido de prepará-los para o futuro. Percebemos, assim, que o atual Ensino Médio ainda tem muito que se aprimorar no sentido de estar em conformidade com a adolescência. Apesar disto, identificamos que as propostas iniciais estão lançadas e cabe ao conjunto da sociedade implementá-las e cobrá-las a passos curtos.

5. A adolescência no mundo atual– as mudanças no trabalho

Como até o momento estamos visualizando o adolescente e a adolescência em relação a todo um conjunto social, não podemos nos furtar da necessidade de vislumbrar o contexto sócio-econômico e as implicações no mundo do trabalho. Esta necessidade se acentua quando verificamos que, justamente neste período, todas as energias do adolescente estão voltadas para a solução dos problemas, trazidos por seu crescimento somático e emocional e dele se exige que produza, academicamente, faça uma escolha profissional e assuma crescentes responsabilidades sociais e financeiras.

Para percebermos o contexto sócio-econômico, temos que nos inserir, na situação atual do capitalismo e do fenômeno da globalização atingindo a todos. Pensando na globalização, averiguamos que ela vem acompanhada de aspectos como a transnacionalização e a ocidentalização do mundo. Nosso adolescente se encontra inserido em um contexto histórico-social, marcado por esse processo, trazendo consigo inúmeras características que influenciarão na identidade do futuro adulto. Harvey (2000), baseando-se em Marx, analisou que os processos sociais que agem no capitalismo são caracterizados por promover: o individualismo, a alienação, a fragmentação, a efemeridade, a inovação, a destruição criativa, o desenvolvimento especulativo, as mudanças imprevisíveis nos

métodos de produção e de consumo (desejos e necessidades) e a mudança da experiência do espaço e do tempo. Segundo Harvey, a descrição do capitalismo feita por Marx nos oferece: “... uma base muito sólida para pensar as relações gerais entre a modernização, a modernidade e os movimentos estéticos que extraem energias dessas condições” (p.107). Concordamos com este autor que, a análise feita por Marx, pode ajudar-nos a desvendar a trama presente nos dias atuais, em que o capitalismo atinge o mundo inteiro. Destacamos que o processo de alienação descrito por Marx, como característica do capitalismo, é um dos fatores centrais presentes atualmente determinante e influenciador no processo de aquisição da identidade adulta.

Em suma, o adolescente, no mundo hodierno, encontra-se num contexto social marcadamente caracterizado por mudanças no mundo do trabalho, onde os modelos fordista e toyotista, onde o cronômetro e a produção em série são substituídos pela flexibilização da produção. Segundo Antunes (1999), pela “...especialização flexível, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado” (p.16) Neste sentido, empregos requerendo principalmente força muscular têm sido largamente substituídos pelo uso da máquina. As escolas e os empregadores exigem cada vez mais habilidades de linguagem, matemática e ciências, isto é as habilidades de processamento de palavras e dados se tornam cada vez mais necessárias para obtenção de emprego. Ademais, os empregadores estão menos interessados nos jovens que são prejudicados por pouca educação, hábitos de trabalho insatisfatórios ou comportamentos de alto risco. A competição para os que possuem educação limitada são cada vez maiores, além do que os jovens, em início de carreira, estão mais suscetíveis aos revezes da economia.

Como afirma Osório (1992), o fato da sociedade atual privilegiar o desempenho e a competição em detrimento do prazer lúdico da atividade laborativa predispõe à transformação da ocupação em emprego, à valorização do capital em detrimento da utilidade social do produto do trabalho, ao surgimento da ideologia do lucro fácil e todas as demais mazelas que infernizam as relações de produção em nossa sociedade. Com isto, este autor conclui que:

O fulcro da crise educacional dos jovens de hoje está nesta perversão da natureza do trabalho, que conduz ao já aludido périplo à procura da satisfação profissional, que nunca chega porque busca sustentar-se em elementos desgarrados da genuína fonte do prazer proporcionado pela atividade laborativa, que é o seu potencial criativo e sua inserção numa escala de valores encimada

pelo bem-estar coletivo. Em suma, o dilema vocacional dos jovens contemporâneos é realizar-se profissionalmente numa sociedade que reduziu o trabalho a mero sucedâneo do Poder Econômico. (p.40-41)

Por outro lado, temos, também, no mundo contemporâneo, a fluidez do intercâmbio cultural que ocorre com a globalização e, como consequência imediata, a complexidade das relações sociais. A pluralidade de convocações sociais para que, cada um ocupe, a cada momento, uma diversidade de papéis diferentes, pode igualmente dificultar a construção de identidades estáveis. E é nesse contexto que se insere a adolescência contemporânea, com todas as suas dúvidas e perplexidades existenciais, suas angústias frente à necessidade de propor-se um projeto de vida em meio à escalada suicida dos arsenais nucleares. Além disso, Osório (1992) afirma que o adolescente sente sua desesperança frente à impossibilidade de reassuramento através do mito do futuro predizível, fantasia prospectiva que sustentava e norteava as gerações de adolescentes de épocas pregressas. Segundo esse autor, nosso mundo atual é uma época em que, como em nenhuma outra até então, a sociedade funciona como uma caixa de ressonância para a crise da identidade adolescente, ampliando seus elementos conflitivos e bloqueando os mecanismos elaborativos que permitem sua resolução: “...o mundo de nossos dias, em muitos sentidos, dá-nos a impressão de estar atravessando uma crise de identidade em tudo e por tudo similar à adolescência” (p.34).

Analisando o adolecer no Brasil, Figueiredo (1998) argumenta que o adolescente brasileiro é um verdadeiro pára-raios das impropriedades sociais que são as geradoras das desigualdades sociais. Neste sentido, nosso adolescente, questiona esse autor, poderia ser um elo importante para a transmissão e potencialização da violência social? Figueiredo hipotetiza: “...há um sofrimento adolescente no Brasil, maior do que seria o esperado em culturas menos cindidas e constitutivas de subjetividades menos dissociadas” (p.63). Com isto, segundo ele, o processo de aquisição da identidade adulta pelo nosso adolescente torna-se provisório, variável e problemático.

Além disso, com a enorme desigualdade social gerada em nosso mundo globalizado, há o crescimento do mercado de trabalho informal, com especial destaque ao tráfico de drogas. Ao analisar os adolescentes trabalhadores do tráfico, Freitas (2002) afirma que, na medida que o tráfico gera empregos e paga salários, deve ser considerado uma unidade econômica onde:

O crime organizado tornou-se uma opção de trabalho, principalmente para os jovens, apesar de estar associado a um quadro de violência permanente. Os adolescentes são aqueles que compõem preferencialmente a mão-de-obra necessária ao bom andamento desse negócio informal e ilícito que é o crime organizado. Eles são atraídos por uma oportunidade de trabalho que lhes dá um ganho de dinheiro bem acima das possibilidades que a sua escolaridade permitiria. (p.59-60)

Esse autor alerta, ainda, para a gravidade desta situação do uso de menores de idade no tráfico de drogas em nosso país em função de que, pelo nosso código penal, tanto a criança quanto o adolescente são intocáveis e não respondem pelos próprios atos. O tráfico de drogas torna-se importante probabilidade de ganho rápido de dinheiro pelos jovens e fornece possibilidades, segundo este autor, dos líderes do narcotráfico oferecerem possibilidades de identificações para os adolescentes de classes sociais distintas. Esta questão amarra-se na imagem de poder destes líderes, bem como nas características dos adolescentes que buscam desafios e riscos como forma de consolidação do “eu”.

Portanto, por ocasião da adolescência, o jovem se vê na contingência de ter que escolher uma ocupação profissional. Muitos fatores intervêm nessa definição, quer ela seja orientada para uma formação acadêmica ou para a prática profissional. O jovem está às voltas consigo mesmo, pouco conhecendo de suas aptidões e tendências. Seu contato com os diferentes setores de trabalho, ainda, é restrito, bem como o são suas possibilidades práticas de desenvolvimento e de realização pessoal, social e econômica. A opção para uns dependerá de suas condições sócio econômicas, ou da tradição familiar. O trabalho será determinante como possibilidade do jovem finalizar sua independentização, já que o ganho financeiro instala uma série de prerrogativas de autonomia.

Como percebemos, ao longo desse item, o contexto sócio-econômico vem apresentando mudanças significativas, que estão influenciando no adolescer e as possibilidades dos adolescentes em relação ao mercado de trabalho. A rápida mudança da evolução dos conhecimentos e da tecnologia, que não dão tempo para que a mente humana se familiarize e adapte-se aos novos sistemas, agravam a complexidade do processo de identificação. A pergunta que fica para todos nós é: Que acontecerá com nossos jovens diante das inúmeras mudanças no mundo atual?

CAPÍTULO II

O ADOLESCENTE COM PROBLEMAS COM DROGAS/ÁLCOOL

Eu tenho 18 anos, então tipo assim, quando eu tinha 13 anos eu experimentei, com 15 eu bebia de vez em quando, mas por 2 anos, agora é que eu estou começando a beber freqüentemente (Particular, 3º. ano)

Tipo, desde os quatorze anos mais ou menos, quase todo mês eu passo mal. (Pública, 3º. ano)

1. A drogadição: os fatores intervenientes do uso esporádico à dependência

Apesar do álcool se diferenciar das demais drogas, por não ser considerado uma droga ilícita, abordaremos a questão da drogadição no seu todo. Neste sentido, serão apresentadas, aqui, a relação adolescente/droga, independentemente da droga usada ser o álcool ou outra droga ilícita. Esta indistinção nos permitirá visualizar a complexidade do fenômeno da drogadição desde o uso esporádico e recreacional ao abuso e dependência.

Como vimos, na introdução o limiar entre o uso, o abuso e a dependência é sutil. O abuso e a dependência dependem, para ser diagnosticado, dos seguintes fatores: a quantidade de consumo da droga e da freqüência do uso; o tempo que o indivíduo a está utilizando; a interação destes fatores com a capacidade que o indivíduo tem de manter suas atividades cotidianas (escola, trabalho); e da qualidade das relações afetivas e familiares ao seu redor. Nem todo aquele que experimenta drogas se torna um dependente químico. Muitos adolescentes fazem apenas o **uso social**⁴ da substância química, que é: “aquele uso que ocorre em companhia de outras pessoas, freqüentemente usado de forma imprecisa como indicação de um beber não problemático”. Quando: “o uso de uma substância psicoativa, em geral ilícita ocorre em circunstância social ou relaxante, sem dependência ou outro transtorno” este uso é denominado de **uso recreativo**.

⁴ Os conceitos: uso social, uso recreativo, uso nocivo e uso arriscado, foram elaborados por Seibel e Toscano Jr (2000, p. 2-4).

Porém, alguns adolescentes podem fazer também o **uso arriscado** que: “é aquele padrão de uso de substância psicoativa que aumenta o risco de conseqüências prejudiciais para o usuário”. Outros, por sua vez, podem fazer o **uso nocivo** que: “é aquele que pode causar dano à saúde. Tal dano pode ser físico ou mental, como no caso do HIV adquirido através do uso de drogas injetáveis, ou nos episódios de transtorno depressivo secundário a um grande consumo de álcool”. Para tornar-se dependente químico, precisa haver a busca incessante da droga de tal forma que o indivíduo dela torne-se um escravo. Segundo Kalina (1999) um dependente químico, ou:

Um ADITO às drogas (leia-se escravo, segundo sua origem etimológica), é alguém que através das substâncias químicas, as drogas (leia-se embustes, mentira, segundo sua origem etimológica), modifica a percepção interna de sua realidade contextual mediante a alteração transitória ou definitiva do equilíbrio neuroquímico cerebral com conseqüências autodestrutivas ou heterodestrutivas, a curto ou a longo prazo, que podem culminar com sua morte. (grifos do autor). (p.174)

Outra questão importante é que, embora as ações de determinada droga sejam críticas para o processo, não se presume que todas as pessoas que se tornam dependentes da mesma droga experienciem seus efeitos do mesmo modo, ou seja, motivada pelo mesmo conjunto de fatores. Sobre esta questão, Jaffe (1999) afirma que a disponibilidade da droga, sua aceitação social, e as pressões por companheiros podem ser os principais determinantes da experimentação de uma droga, mas outros fatores, tais como a personalidade e a biologia individual, provavelmente, são mais importantes com relação ao modo como os efeitos de determinada droga são percebidos. Além disso, as ações particulares da droga podem ser dominantes para determinar se o uso da droga progredirá para a dependência, enquanto fatores adicionais podem ser críticos para a possibilidade de que o uso da droga leve a efeitos adversos, ou para a determinação da probabilidade de recuperação bem sucedida da dependência. Em relação à parte biológica, este autor afirma que:

...Para algumas drogas, o uso também inicia os processos biológicos associados com tolerância e dependência física. Por sua vez, a tolerância pode reduzir parte dos efeitos adversos da droga, permitindo ou exigindo o uso de doses maiores, que então podem acelerar ou intensificar o desenvolvimento da dependência física.. Acima de um certo limiar, a dependência física geralmente age como um motivo distinto e recorrente para o uso adicional da droga. (p. 828)

As drogas, portanto, podem causar dependência física e/ou emocional. Em relação a este aspecto é importante conscientizar-nos de que as alterações provocadas pelas

drogas produzem prazer em quem as usa. Este prazer, físico e/ou emocional, por sua vez, associado aos fatores acima apresentados, será um determinante contribuidor da dependência química. Esta situação prazerosa é geralmente desqualificada e subestimada, por todos nós, que lidamos com o usuário ou dependente químico. Com isto, nós todos não dimensionamos adequadamente o tamanho do problema com que estamos nos defrontando.

A conceituação da dependência química, incluindo vários fatores, evoluiu, ao longo dos anos, até se chegar ao atual conceito que a compreende como uma síndrome:

Uma síndrome manifestada por um padrão comportamental no qual o uso de determinada droga ou classe de drogas psicoativas recebe uma prioridade muito superior a outros comportamentos que anteriormente apresentavam um alto valor. O termo “síndrome” deve ser considerado como significando não mais que um agrupamento de fenômenos, de modo que nem todos os componentes precisam sempre estar presentes ou nem sempre precisam apresentar-se com a mesma intensidade... A síndrome de dependência não é absoluta, mas é um fenômeno quantitativo que existe em diferentes graus. A intensidade da síndrome é medida pelos comportamentos secundários ao uso da droga... Não pode ser identificado um ponto nítido para a distinção entre a dependência de drogas e a não dependência, mas apenas o uso recorrente da droga. No seu ponto extremo, a síndrome de dependência está associada com “comportamento compulsivo de uso da droga”. (Jaffe, 1999: 815)

Outro aspecto a ser destacado é que a dependência caracteriza-se, também, por um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, indicando que o indivíduo continua usando a substância apesar de problemas significativos relacionados a esta.

Ao observarmos o conceito sindrômico de dependência química, na adolescência, verificamos que a questão se complexifica em função da dificuldade do diagnóstico do abuso e dependência em adolescentes. Neste sentido, Scivoletto (2001) argumenta que, apesar desta dificuldade, a distinção entre abuso e dependência é fundamental para o planejamento e desenvolvimento de intervenções médicas e psicológicas apropriadas. Acrescentamos que, também, para qualquer medida preventiva, esta distinção se faz necessária.

A questão principal em relação às dificuldades do diagnóstico de dependência química, em adolescentes, está relacionada ao tempo de uso da substância por eles. Os adolescentes, em função do pouco tempo de uso, teriam menos tempo para apresentar a deteriorização de suas funções sociais, assim como apresentar problemas físicos e psicológicos significativos como consequência ao abuso de substância. Scivoletto (2001)

alerta, baseada em alguns trabalhos, que apesar destas características, que poderiam limitar a manifestação dos problemas ao abuso do álcool e/ou drogas, os adolescentes que porventura iniciem o uso de qualquer droga, apresentam evolução mais rápida da experimentação até o abuso. Além disso, o abuso de múltiplas substâncias também é mais prevalente entre os jovens do que nos adultos. O uso de múltiplas drogas, segundo Seibel e Toscano Jr.(2000), é o consumo de mais de uma droga ou classe de drogas, muitas vezes ao mesmo tempo ou seqüencial e normalmente com a intenção de intensificar, potencializar ou neutralizar os efeitos da droga.

Convém destacarmos que os adolescentes dificilmente apresentam sintomas físicos de dependência na forma de tolerância e sintomas de abstinência, o que se reflete na baixa necessidade de tratamentos específicos de desintoxicação para esta faixa etária. Também os adolescentes minimizam os prejuízos causados pelo abuso de substância. Por isso, há uma maior tendência de valorização das alterações sócio-comportamentais em detrimento dos sintomas físicos para o diagnóstico da dependência em adolescentes. Normalmente, as drogas entram no mundo do adolescente para tirá-lo da situação angustiante, provocada por suas dificuldades. Neste sentido, as drogas, por vezes, acabam funcionando como “remédio” para estes adolescentes.

Scivoletto (2001) alerta-nos, igualmente, que os adolescentes, raramente, procuram ajuda especializada exclusiva para problemas relacionados ao consumo de álcool/drogas. Frequentemente, eles admitem que apresentam problemas de relacionamento com os pais, desinteresse pela escola e/ou queda no rendimento escolar, mas, para eles, estes problemas são causados pela incompreensão por parte dos pais e professores. O uso de álcool e outras drogas é, muitas vezes, citado como um detalhe frente a tantos problemas. Nestes casos, é freqüente ouvir dos adolescentes que eles usam estas substâncias por escolha própria e que são capazes de controlar o uso se quiserem, revelando, assim, a onipotência, característica desta faixa-etária.

Outra questão comum, que é mais regra do que exceção entre adolescentes, que são considerados dependentes químicos, segundo Jaffe (1999) e Scivoletto (2001), é a presença de dois ou mais transtornos psiquiátricos. Esta situação denominada de comorbidade (diagnósticos duplos) é importante no que se refere a drogas, uma vez que tem sido confirmado uma alta prevalência dos transtornos psiquiátricos adicionais entre adolescentes que buscam tratamento para dependência do álcool, cocaína ou opióides. A

comorbidade se fez presente, também, em relação ao diagnóstico de duas dependências de drogas diferentes, comprovando a relação de álcool e outras drogas em adolescentes.

A ocorrência de outro diagnóstico psiquiátrico associado ao abuso ou dependência de drogas, segundo Scivoletto (2001), é tão freqüente na população adolescente que é considerado como regra e não exceção. Essa autora estima que 89% dos adolescentes com problemas com álcool e drogas tenham, pelo menos, outro diagnóstico psiquiátrico associado. Os mais comuns são, segundo essa autora, os Transtornos do Humor (especialmente depressão maior) e os Transtornos de Conduta. Outros diagnósticos podem incluir Transtornos Ansiosos, Esquizofrenia, Transtornos de Ajustamento, Bulimia Nervosa e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A importância da elucidação da ocorrência de comorbidade tem importância prognóstica, uma vez que o consumo de álcool e outras drogas pode ser secundário a estes diagnósticos. Além disso, o adequado tratamento do problema pode contribuir para o sucesso do tratamento do abuso/dependência de drogas. Por exemplo, se o adolescente estiver usando álcool abusiva e freqüentemente como meio de perder a timidez exagerada (provavelmente fobia social), que dificulta muito o relacionar-se com amigos e sexo oposto, o tratamento deste problema é essencial para impedir o avanço rumo à dependência do álcool.

Apesar da dependência química, como acabamos de ver, constituir-se numa situação complexa, é importante, também, não perdermos de vista que, todas as alterações e disfunções ocorridas na infância e na adolescência, serão balizadoras das condições sócio-emocionais que os adolescentes terão diante da opção pelo uso ou não das drogas. Dito de outro modo, para que o adolescente se torne um dependente químico vários fatores que atuaram ao longo de sua vida estarão em cena, como por exemplo: as condições orgânicas, genéticas de cada adolescente, predisponentes à drogadição; as condições emocionais, que estes adolescentes chegam a puberdade, bem como o modo como se desenvolve o processo emocional do adolescente de aquisição da identidade; as condições da família; as condições sociais, destacando a rede de amigos, as condições sócio-econômicas e a disponibilidade das drogas no contexto social.

Podemos considerar, portanto, que, na droga-dependência, ocorre uma interação entre vários fatores. Ao descrevermos, a seguir, alguns destes fatores etiológicos do uso de substâncias químicas não significa, no entanto, que esta compreensão multifatorial tente dar maior peso a qualquer dos fatores. Compreendemos que o uso de álcool e drogas, e/ou a dependência, não é uma propriedade de qualquer elemento isolado,

mas é uma abstração inferida a partir das relações entre vários elementos de um sistema, e a interação destes elementos em um determinado sujeito. Assim, a prioridade de determinados fatores sobre outros só pode ser vista, quando particularizado em definido sujeito. Qualquer interpretação geral que dê demasiada ênfase a uma parte estará deixando de fora parte da natureza da dependência.

1.1. Fatores biológicos

Abordar os fatores biológicos traz à tona a questão do que torna o indivíduo predisposto à dependência química. Neste sentido, existem correntes que valorizam as características biológicas inatas. Observando o posicionamento de diversos autores em relação às determinações genéticas, (Kalina,1986; Aricó e Bettarello,1988; Bergeret e Leblanc,1991 e Bucher,1992), percebemos que todos compreendem a organicidade somente em interação com os outros fatores. Aricó e Bettarello (1988) afirmam que algumas pesquisas isolam as determinações genéticas, embora este isolamento seja justificável, não se deve generalizar estes dados. Esses autores citam o seguinte exemplo:

Há estudos metodologicamente conduzidos, mostrando que há certa determinação genética no alcoolismo. São estudos em que se analisa a incidência do alcoolismo em descendentes de alcoolistas que foram criados por pais adotivo sem problemas com consumo de álcool. Com este método de estudo consegue-se certa separação entre o que decorre de determinantes hereditários e o que depende de fatores familiares. Com procedimentos metodológicos, consegue-se também anular as influências que outros fatores- como por exemplo sexo, idade, nível sócio econômico cultural- poderiam desempenhar na gênese do alcoolismo. Pois bem, verificou-se que os filhos de alcoolistas apresentam maior disposição ao vício, mesmo quando criados por pais adotivos. (p.23)

Na mesma linha de pensamento, Jaffe (1999) afirma que os filhos de pais alcoólicos apresentam maior risco para o desenvolvimento do alcoolismo e dependência de drogas do que os filhos de pais não alcoólicos. Esse autor, também, constatou que o risco aumenta em parte devido aos fatores ambientais. Em relação ao alcoolismo, embora o autor reconheça que ele pode desenvolver-se na ausência de uma história familiar detectável, alerta que o risco da influência hereditária é grande, uma vez que as pessoas dependentes do álcool apresentam um risco muito maior para o desenvolvimento de outras variedades de dependência de drogas. Do mesmo modo, as pessoas dependentes de drogas também estão em risco para o alcoolismo e, freqüentemente, têm uma história familiar de

alcooolismo. Jaffe, então, conclui que os fatores genéticos podem aumentar a vulnerabilidade para a dependência química em geral.

Por outro lado, alguns fatores genéticos podem agir, também, para diminuir a vulnerabilidade do alcooolismo. Partindo para a observação de dados sobre as diferenças biológicas e comportamentais no uso de álcool, Jaffe constatou que os estudos de padrões de consumo alcoólico de filhos adolescentes e adultos jovens de pessoas alcoólicas ainda não produzem resultados consistentes. Esta inconsistência se deve ao fato de que parece existir dois subtipos de vulnerabilidade ao alcooolismo: “... uma caracterizada por início precoce, um alto grau de herança e alcooolismo e criminalidade nos pais biológicos, o outro por início mais tardio, menos gravidade e alcooolismo que se manifesta apenas quando o ambiente que rodeia o indivíduo conduz à ingestão pesada do álcool.” (p.832)

Os fatores biológicos, portanto, muito têm que caminhar para a comprovação de sua inferência no homem que usa álcool e/ou drogas. No momento, podemos apenas deduzir que é um fator a ser levado em conta, sem deixarmos de considerar sua relação com a personalidade e o contexto sócio-econômico e cultural.

1.2 Fatores psicodinâmicos: o adolescente busca a identidade e encontra o álcool e as drogas

A compreensão psicodinâmica dos adolescentes com problemas com álcool/drogas é fundamental para o fenômeno da droga-dependência. Esta importância vem sendo percebida, segundo Kalina (1999), desde que Freud relacionou a psicopatologia da mania e do humor com o alcooolismo e a embriaguez, oferecendo, assim, as bases para uma compreensão profunda das toxicomanias. Freud, apud Kalina (1999), considerava as toxicomanias e o alcooolismo como sucedâneos da masturbação, que, para ele, constituía o “hábito primário”. Com referência ao álcool, Freud afirma que, sob a influência do álcool, “o homem adulto” passa a comportar-se cada vez mais como criança que encontra prazer, tendo à sua disposição, livremente, o curso dos seus pensamentos, sem submeter-se a compulsão da lógica. Considera, também, que o alcooolismo manifesta impulsos regressivos que permitem acreditar que o álcool não é substituto de necessidades masturbatórias adolescentes, mas infantis. Assim, o alcooolismo seria compreendido em termos de fixação oral. Esta oralidade é o sucedâneo do drogadito ser intolerante à espera da satisfação do desejo e demonstra o caráter regressivo desta personalidade.

A escola Kleiniana, segundo Kalina (1999) ainda nesta perspectiva interpretativa, acredita que o adito ingere drogas, para sobrepor-se a uma vivência persecutória de desintegração. Em lugar de focalizar as causas do fenômeno, em termos de prazer orgástico e oralidade, adota um ponto de vista que sublinha a importância da fuga à dor, à tentativa de escapar da depressão e ao que é sentido como persecutório. Segundo Melanie Klein (1940), apud Kalina, o toxicômano dificilmente poderá tolerar o ingresso na posição depressiva. A posição depressiva seria vivenciada por ele como uma incorporação perigosíssima de seus aspectos dissociados, o que implicaria a desintegração total de seu ego, isto é, a psicose.

Assim, a importância da compreensão psicodinâmica incluída na drogadição, desde Freud, deve ser, também, analisada em relação à adolescência, para identificar o que acontece com o adolescente, quando este encontra no álcool/drogas o caminho para a busca de sua identidade. Esta possibilidade fundamenta-se no fato de que o álcool e as drogas aparecem neste momento crucial da vida do indivíduo, inicialmente como solução mágica e tentadora, que coloca em ordem o caos em que vivem. Mas, logo depois, as esperanças e sonhos vinculados à solução mágica caem por terra, uma vez que a realidade não pode ser continuamente substituída pelos efeitos das drogas.

Mas, o que ocorre, nesse momento da adolescência, que desencadeia problemas complicados até então encobertos? Aricó e Bettarello (1988) afirmam que a resposta: "...parece alicerçar-se nos lutos fundamentais que o adolescente tem de viver e elaborar, ou seja, aprender com as experiências de perdas" (p.54). Como apontou acima Kalina (1999), referindo-se a escola Kleiniana, a dificuldade central do toxicômano se refere à dificuldade em elaborar os lutos na adolescência, a não resolutividade deste pelo corpo infantil, pela identidade da infância e pelos pais da infância irá transformar o luto normal em patológico, que pode traduzir-se em sintomas graves, determinantes ou facilitadores da dependência química.

Tomando como referência as características apresentadas por Knobel (1981) da "síndrome normal da adolescência", citadas anteriormente, procuraremos identificar as alterações provocadas pela drogadição (do uso à dependência) na busca da identidade adulta, isto é, no desenvolvimento do processo adolescente normal, ou mesmo, como o uso de álcool/drogas pode alterar o curso do desenvolvimento emocional do adolescente:

- Busca de si mesmo e da identidade: Na busca de si mesmo, processo concomitante à busca da identidade, o adolescente vai buscar referência, em primeiro

lugar, no próprio corpo, que está passando por transformações visíveis e, conseqüentemente, incita a curiosidade a respeito das drogas. Para Aricó e Bettarello (1988), esta curiosidade “Alimenta a esperança mágica de encontrar sua própria essência e sentido existencial através das “viagens” alucinógenas” (p.56). Em caso de uso de álcool/drogas, pode ocorrer o fracasso na busca da identidade, podendo o adolescente chegar a despersonalização (vivência de estranheza em relação à si próprio). Se isto ocorrer, o adolescente já não se reconhece mais, nem o seu corpo, nem a sua pessoa. Esta situação pode ser transitória, induzida por drogas alucinógenas ou, tornar-se permanente, caracterizando-se num quadro psicótico.

- Tendência grupal: como na adolescência a procura de si mesmo é imperiosa, pois a identidade está imersa em conflitos e dúvidas, surge a tendência grupal como defesa frente a esta problemática. O adolescente busca no grupo a identidade própria ameaçada através das transformações. Ao se identificarem entre si, sentem-se mais protegidos, com menos dúvidas e conflitos. O grupo, caso haja uso de álcool/drogas, vai servir como centro de referência, onde serão aceitos e valorizados, porém massivamente. As dificuldades levantadas no item anterior eclodirão numa dificuldade do adolescente se diferenciar do outro e, portanto, misturar-se massivamente ao outro de modo dependente e sem capacidade de discriminar as ofertas deste grupo. Isto se constituirá em terreno fértil à entrada das drogas e de comportamentos anti-sociais (furtos, tráfico, etc). Aricó e Bettarello (1988) afirmam: “Trata-se, aqui, de um processo amplo de identificação, onde todos se identificam entre si, onde todas as diferenças individuais são anuladas, pois provocariam divisões temidas na unidade grupal” (p.56).

- Necessidade de intelectualizar e fantasiar: com as dificuldades anteriores, e sob a influência de álcool/drogas, o adolescente pode isolar-se do mundo em seu mundo interior, substituindo a realidade inóspita pelo mundo das fantasias, dos sonhos e dos desejos. Neste sentido, o adolescente perde contato com as regras da família e da escola. A onipotência da resolutividade mágica de todos os seus problemas, aqui, ganha terreno. As drogas, na verdade, serão um disparador automático desta situação, impedindo o adolescente do contato com a realidade indesejada.

- Crises religiosas, que podem ir do ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso: o adolescente, na verdade, desloca para o plano religioso os conflitos emocionais não resolvidos. O álcool e as drogas podem dificultar a falta de reconhecimento de si próprio e, como conseqüência, o adolescente, pode deslocar de modo

fanático para a religião ou ideologias a busca da identidade. Neste sentido, ele pode tanto defender, como atacar o mundo das drogas de modo contumaz e rígido.

- Deslocalização temporal, onde os pensamentos adquirem características de pensamento primário: característica na qual o adolescente vive eminentemente no presente, em que as urgências são enormes e as postergações são irracionais. Em caso de uso de álcool/drogas, pode ocorrer parada emocional rumo à aquisição da identidade de adulto. Como conseqüência, o adolescente poderá ter sérias implicações em seus projeto de vida, chegando ao extremo de não completar qualquer tarefa que exija postergar suas necessidades imediatas. Entra, então, em várias atividades, porém, sem concluí-las. Seu pensamento, por sua vez, torna-se eminentemente concreto, dando-lhe características imaturas em discordância com sua faixa etária. As drogas, portanto, adentram nestas circunstâncias com facilidade, pelo imediatismo de seu efeito prazeroso e pela sua concreticidade e proporciona o desencadear de fantasia através de um objeto concreto.

- Evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta: as drogas e, principalmente, o álcool podem ser utilizadas para vencer a timidez, que se expressa como defesa diante a aproximação erótico-sexual adulta. Desse modo, é comum observarmos adolescentes que preferem ter relacionamentos sexuais sob efeito das drogas, provavelmente impedindo o contato com este núcleo conflitivo. Se a dependência química avançar, aumentam os jogos masturbatórios que, ao invés de preparar os indivíduos para a vida adulta, podem, patologicamente, substituir as próprias experiências heterossexuais.

- Contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, dominada pela ação: aqui, o uso de álcool/drogas pode acentuar a ação impulsiva e intempestiva. Assim, o agir substitui o pensar e o adolescente, como age impulsivamente, não consegue se diferenciar e perceber o outro. O outro é “usado” com o intuito de satisfazer suas necessidades. O adolescente, nesta situação, não mede as conseqüências de suas ações, já que o pensar é facilmente eliminado pelo uso de álcool/drogas. Ao mesmo tempo, não percebe que suas ações inadequadas atingem o outro e a sociedade e, conseqüentemente, não aceita as repreensões impostas.

- Atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade: em casos de uso de álcool/drogas, estas atitudes são exacerbadas como substitutivas da hostilidade frente aos pais. Os atos de rebelião podem chegar até ao crime e a delinqüência . O confronto com os adultos são, desta maneira, desenvolvidos sob a

égide da revolta, segundo Aricó e Bettarello (1988). As drogas poderão, também, ser amplamente utilizadas pelos adolescentes, sendo, provavelmente, maior o consumo de drogas ilícitas, com possibilidades de tráfico.

- Constantes flutuações do humor e do estado de ânimo podem vulnerabilizar os adolescentes ao uso de álcool/drogas. Se este uso ocorrer, pode, como consequência, desenvolver estados depressivos ou eufóricos mais acentuados do que os característicos da adolescência. Se o adolescente chegar a apresentar quadros depressivos e/ou eufóricos, há necessidade de intervenção psicológica e farmacológica. As oscilações de humor podem ser uma das principais causas de início do uso das drogas, já que, para se livrar da depressão ou da euforia, o jovem recorre às drogas como remédio às estas sensações desagradáveis, com as quais ele não consegue lidar. Geralmente a depressão vem acompanhada da ansiedade, que agrava o quadro, podendo o adolescente se isolar ou buscar, incessantemente, a companhia de outros.

- Separação progressiva dos pais: em caso de uso de álcool/drogas, ao invés de uma separação progressiva dos pais, pode ocorrer uma separação abrupta, na qual o adolescente busca nas drogas a falsa sensação de “adulter”. Além disso, em casos onde a relação entre os adolescentes e seus pais são simbióticas, isto é, de dependência recíproca, as drogas podem ser utilizadas, para quebrarem esta convivência.

Para finalizar, a compreensão é a de que a adolescência é um processo normal na vida do indivíduo, cujo período é, muitas vezes, gerador de angústia e incertezas, impulsionando o adolescente a buscar a própria identidade. Nesta busca, o uso de álcool ou drogas pode surgir como possibilidade de identificação. Esta, quando efetuada, cumpre a função, na adolescência, de substituir a aquisição dos papéis exigidos nesta etapa da vida, pelo papel de “Dependente Químico”. Nesta construção identificatória do adolescente com as drogas, conseqüentemente, há uma parada em seu desenvolvimento emocional, ficando seus ideais, fantasias e projeto de vida abalados.

1.3. Fatores familiares: porta de entrada e de permanência na dependência

Como vimos até o momento, os adolescentes, com problemas com drogas, podem tornar-se severamente doentes. A família, por sua vez, vai ter papel determinante e fundamental no processo de drogadição dos adolescentes. Neste momento, chamamos de processo, já que a dependência química varia num “continuum” do uso esporádico ao abuso e dependência e, neste processo, as disfunções familiares poderão se somar às

disfunções mentais, emocionais e, também, às sociais, que serão apresentadas a seguir. A importância destas características da família, além de ancorarem a nossa compreensão da drogadição na adolescência, reforçará a discussão acerca da necessidade da parceria família/escola na prevenção.

O entendimento da dinâmica familiar na drogadição é relevante para a compreensão da etiologia da dependência de substâncias e, também, para seu tratamento. Muitos autores (Kalina, 1987; Bergeret e Leblanc, 1991 e Jaffe, 1999) concordam que o uso e abuso de substâncias por um membro da família é influenciado pelo comportamento de uso de substâncias de outros membros na família e de que estes inter-relacionamentos complexos podem afetar profundamente suas vidas. Outro aspecto diz respeito às similaridades entre a dinâmica familiar em diferentes dependências, por exemplo, álcool e cocaína, levando os pesquisadores e clínicos, segundo Jaffe (1999), presumirem que certos princípios gerais se aplicam a todas as variedades de dependências de substâncias:

A observação de que o alcoolismo é encontrado com frequência nas famílias daqueles que buscam o tratamento para outros tipos de dependência, de que as pessoas dependentes de álcool são dependentes também de outras substâncias e que aqueles dependentes de drogas ilícitas frequentemente são alcoólicos, sugere que existem aspectos comuns entre as famílias com um membro dependente. (p.834)

Precisamos ficar atentos ao fato desta relação entre o comportamento de um membro da família, como causador do comportamento de adição de outro membro. Kalina (1986) relata que, em sua experiência clínica, não encontrou dependências que não tiveram sua fonte inspiradora na família e/ou no meio social imediato. Este autor chega a hipotetizar a existência de “famílias psicotóxicas”, isto é, famílias, nas quais o modelo de recorrer aos tóxicos, para enfrentarem os problemas, têm uma história com significados particulares e que se apresentam com uma intensidade muito maior que nas outras. Como dissemos no primeiro capítulo, a família serve de modelo de identificação e de formação de valores e atitudes, desta maneira, seus comportamentos de risco podem ser imitados.

Os terapeutas familiares sistêmicos percebem a drogadição como sintoma que oferece um foco deslocado para o conflito entre os membros da família e que o usuário (paciente em foco) pode estar exercendo um papel para manter o equilíbrio da família disfuncional. Porém, não podemos deixar de reconhecer que a adição frequentemente surge em famílias nas quais um ou ambos os pais (e frequentemente os avós) têm problemas com

drogas ou álcool e outra psicopatologia. Jaffe (1999) ressalta as seguintes características comuns das famílias dependentes do álcool e de drogas ilícitas:

dependência de drogas em múltiplas gerações; alta incidência de perda parental pelo divórcio, morte, abandono, ou encarceramento; superproteção ou excesso de controle por um dos pais (geralmente a mãe), cuja vida é extraordinariamente dependente do comportamento do filho com adição (relacionamentos simbióticos); pai distante, frio, para engajado ou ausente (quando o pai está vivo); filho desafiador, que usa drogas e que parece estar engajados com seus companheiros, mas que permanece incomumente dependente das famílias até tarde na idade adulta (pseudo-independência). (p.834)

Analisando diferentes autores (Kalina, 1986, 1987, 1999; Bergeret, 1991; Minuchinn, 1995; Jaffe, 1999 e Sudbark, 2000) sobre situações que podem contribuir para a dependência química dos filhos, percebemos que as dificuldades com colocação de limites, pelos pais aos filhos, são um fator a se considerar. Poderíamos dizer que o problema dos limites é central na questão do uso de álcool/drogas, já que tem uma correlação direta com o lidar com a frustração. É a possibilidade de se equilibrar entre o que se pode e o que não se pode fazer. O drogadito tem dificuldade de lidar com a frustração e é imediatista e narcisista (o adolescente pensa em si mesmo como foco de atenção da família). Estas características podem produzir um senso de onipotência e o sentimento que não é necessário mudar, isto é, não é mister adaptar-se às realidades sociais. As famílias, com dificuldades no exercício do dizer “não”, estarão contribuindo para a permanência do uso de álcool/drogas.

O uso de drogas, segundo o referencial sistêmico, pode desencadear uma interdependência entre o adolescente, a droga e os membros da família, de forma que aquela possa estar servindo como “escape” de outras situações conflituosas na família. Esta situação vai se constituir em co-dependência. Este termo, também designado por co-adição, co-alcoolismo, constitui, segundo, Jaffe (1999), padrão de comportamento de membros da família, que foram significativamente afetados pelo uso ou adição em substância de um de seus membros. Este padrão de comportamento tem as seguintes características: a permissão e a negação. Em relação à permissão, os membros da família sentem que têm pouco ou nenhum controle sobre o comportamento do filho e, desse modo, permitem este comportamento inadequado. Para esta permissão, eles se utilizam de algumas justificativas, como relutância de aceitar a adição como doença, comportam-se como se o uso da substância fosse voluntário, não condenável e de que o usuário se

preocupa mais com álcool/drogas do que com os membros da família. Além disso, outro comportamento permissivo da família ocorre, quando os membros podem se sentir culpados e deprimidos, porque o adito, em um esforço para negar a perda do controle sobre as drogas e para mudar o foco da preocupação de sua família, tenta, freqüentemente, colocar a responsabilidade por tal uso em outros familiares, que, amiúde, parecem aceitar de bom grado parte ou toda esta responsabilidade.

Por sua vez, na negação, os membros da família, como os próprios usuários, freqüentemente, comportam-se como se o uso da substância, que está causando problemas óbvios, não fosse realmente um problema, isto é, engajam-se na negação. Jaffe (1999) acusa que a principal causa da negação, é que ela pode ser usada como auto-proteção, no sentido de que os membros da família acreditam que, se existe um problema com álcool ou drogas, então, eles são os responsáveis por isso. Além disso, os membros familiares relutam sobre a necessidade do atendimento profissional ao filho. Apesar de repetidos fracassos, continuam acreditando que uma maior força de vontade pode resolver o problema. Quando estes esforços adicionais fracassam, eles atribuem a si próprios ao invés do adito ou ao processo da doença; e, juntamente com o fracasso, vêm os sentimentos de raiva, menor auto-estima e depressão.

Roig (1999), também em relação à complementaridade entre pais/filhos na drogadição, relaciona as seguintes características: os filhos são as drogas de cada um dos pais, há uma reedição do conflito edípiano adolescente, que é estimulado e torna-se intolerável para os filhos; há uma manipulação do(a) filho(a) para preencher dinâmicas conflituosas de um dos membros (ou dos dois); a função do álcool, ou droga, é de funcionar como anestésico para a diluição do superego; há a incapacidade para lidar com a ambivalência e posição depressiva; há um funcionamento imediatista pela falta de introjeção conceitual do “não”.

Portanto, problemas no funcionamento da família, nas negociações das normas e regras internas do grupo familiar podem ser fator importante para a entrada e a permanência do uso de álcool/drogas. A família também tem papel primordial na recuperação e tratamento dos adolescentes com problemas com álcool/drogas, já que é o locus do qual o adolescente emergiu. Além disso, ela é a fonte dos relacionamentos mais duradouros e o sustento primário do adolescente e onde as possibilidades de mudanças necessárias, nos casos de drogadição, terão mais probabilidade de ser efetuadas.

1.4. Determinantes sócio-culturais: a nossa sociedade como um fator tóxico/alienante ao uso de álcool/drogas

Após termos percebido algumas facetas da drogadição, não poderíamos nos furtar a vislumbrar os determinantes sócio-culturais. Esta importância se referenda no fato de que, em nosso contexto atual, o capitalismo, que já abrange quase que por completo o mundo inteiro, expandindo-se através do fenômeno da globalização, torna as formas de objetivação e aquisição de identidades lançadas num redemoinho de incertezas. Nesse contexto, até os modelos tradicionais de definição pelo coletivo estão perdidos. Isto acontece devido às mudanças nas relações de trabalho no mundo atual, onde a fluidez do intercâmbio cultural, que ocorre com a globalização, torna as relações sociais complexas. Como se caracteriza esta complexidade?

Cruz e Ferreira (2001) afirmam que esta complexidade ocorre devido, pela globalização, aos indivíduos poderem compartilhar identidades com pessoas que vivem a milhares de quilômetros, imersos em outras culturas. Dessa maneira, são partilhadas várias diferenças sócio-econômicas e culturais que podem, na adolescência, gerar insegurança e instabilidade. Além disso, há uma pluralidade de convocações sociais para que cada um ocupe, a cada momento, um papel diferente. Os adolescentes, em consequência, podem assumir múltiplas identidades, algumas delas contraditórias entre si, podendo, desta feita, ter a aquisição de sua identidade de adulto com dificuldades para ser alcançada. Isto é, a passagem de uma organização social tradicional para uma outra ordem de relações de trabalho e de família acompanha-se de uma nova forma de subjetividade.

Na adolescência, o impacto destas questões se reforçam, na medida em que a tônica são as exigências de qualificações e a alternância entre desemprego e sub-emprego que dificultam, cada vez mais, a definição de uma trajetória profissional relativamente estável. O abandono dos valores tradicionais, engolfados pelas modificações rápidas das relações sociais e, num contexto de crescimento da valorização das forças de mercado, do consumismo, do imediatismo e do individualismo, tem produzido, entre outras consequências perversas, uma ausência de referência social. Nesta situação, a droga aparece como opção para os mais jovens e menos privilegiados.

Além disso, com as mudanças da política econômica do capitalismo, com o advento da política neo-liberal, aprofundou-se o fosso da desigualdade social, tornando as relações e os sujeitos mergulhados na própria alienação. Luce e Silva Filho (2001), por

exemplo, afirmam que isto acontece, já que a nossa cultura, baseada no narcisismo e no espetáculo, transforma a individualidade em objetos descartáveis. Ademais, esta sociedade de consumo repousa num ideal contraditório ignorando que quem realiza seu ideal é o toxicômano:

O sonho de todo publicitário e / ou fabricante seria o de realizar um objeto do qual ninguém poderia passar sem; objeto que teria qualidades tais que apaziguaria, ao mesmo tempo, as necessidades e os desejos, que necessitaria de uma renovação permanente, uma perfeita dependência. A toxicomania é o paradigma de nossa sociedade de consumo, é a sua verdade. Ela não é apenas um problema singular, mas sim um fenômeno sócio-cultural importante. (p.68)

Concordando com o mesmo pensamento, Inem (2001) afirma que a droga sempre existiu, o que nem sempre existiu é um mercado comum e o imperativo de consumir como efeito de um novo discurso. O que ocorre, segundo esta autora, é o seguinte:

A droga, enquanto produto do discurso capitalista, que quer sujeitos fiéis e escravos ao seu consumo, foi elevada ao *status* de mercadoria e, como tal, obedece às leis do mercado. A Chamada “epidemia do século” legitima a implantação de políticas de “combate às drogas” e miraculosos tratamentos comportamentais e farmacológicos. (p.116). (grifos da autora)

Bucher (1996), por sua vez, analisando esta questão sob o ponto de vista macroeconômico, identificou que o consumo de drogas ocupa um lugar de destaque na sociedade, não se opondo ao seu funcionamento, mas inserindo-se nele, participando com alta lucratividade das suas regras mercantis, financeiras e comerciais como tantos outros ramos de produção e de distribuição. Kalina (1999) também chamando nossa sociedade atual de alienada, cuja principal característica é o da animização progressiva dos objetos e a paralela coisificação dos seres humanos, que transformam a relação entre os homens em, relação entre coisas, afirma que a drogadição:

...não é mais do que uma das conseqüências da alienação histórica-social, política e econômica, através da qual se manifesta a dramática dissociação em que vivemos. Trata-se, pois, como sintoma, de mais um passo na escala da atomização padecida pela identidade pessoal, pela integridade do ego, na sociedade contemporânea. (p.88)

Os adolescentes drogados, assim, estariam cindidos e alienados, e a droga passa, com eles, a fazer parte da própria identidade pessoal. Poderíamos supor que os adolescentes colariam-se às drogas, numa tentativa alienada de se sentirem reais neste

mundo, onde o real são as posses e o dinheiro. Podemos, ainda, estender esta situação para o não reconhecimento do outro e das normas da sociedade, em que observamos o desrespeito, o imediatismo, a violência, de todos para com todos, transformando a vida do homem em vida alienada, numa existência alheada.

Em outras palavras, todos são o mesmo sujeito e este não é nenhum deles, já que a identidade de todos está alienada (depositada) no objeto central de suas vidas: álcool/droga. Logo, o drogado não percebe sua fragilidade, nem se percebe como um ser histórico e social, nem que ele é um ser explorado, na medida que, para obter a droga que procura, está obrigado a destruir cada vez mais sua identidade. A droga, portanto, tem a tarefa primordial de “velar” a realidade ao redor do toxicômano, bem como a de sua própria realidade individual. Luce e Silva Filho (2001), também, percebem a toxicomania dentro deste cenário e classificam-na como um sintoma social, justamente, por estar inscrita no discurso dominante em nossa época, em nossos laços sociais e, desta maneira, afirma:

A droga seria, para o toxicômano, uma espécie de metáfora de todos os objetos, enquanto fundantes do valor subjetivo de cada um. Assim, não haveria nenhuma diferença estrutural entre aqueles que celebram com uns papalotes de cocaína e aqueles que celebram com uma liquidação num shopping: a toxicomania é como uma estrutura, “nos somos drogaditos de objeto”. (p.68)

Além disso, esses autores alertam para o fato de que a toxicomania é um exemplo do poder que os objetos de consumo exercem sobre nós. As drogas, como mercadorias por excelência, assim como o hábito de consumi-las, revelam apenas nossa alienação de consumidores domesticados:

A própria existência da publicidade já demonstraria que “as drogas não são objetos como os outros”: elas têm o poder de sinalizar o desejo e de mantê-lo em alerta, coisa que nenhum bem de consumo pode realizar. Além disso, as drogas promovem uma experiência que tem o caráter extremo de absorver inteiramente a vida de uma pessoa. (p.69)

Nesse sentido, podemos deduzir a importância das propagandas sobre as drogas lícitas. Ao analisar a relação entre os adolescentes, o álcool e a mídia televisiva nos Estados Unidos, Strasburger (1999) demonstra que há um imenso investimento em propagandas associando o beber entre adolescentes, naquele país, com o bom humor e como símbolo da “idade adulta”, portanto, símbolo de poder e autonomia. Além disso, relata que estes comerciais são virtualmente feitos sob medida para apelarem, para que

crianças e adolescentes associem o beber com a imagem de pessoas jovens que se divertem, que são sexys, bonitas e bem sucedidas, vivendo o melhor momento de suas vidas. Os comerciais mostram que beber é uma atividade absolutamente inofensiva, sem maiores riscos à saúde, além de que associam pessoas supostamente bebendo, dirigindo ou engajando-se em esportes aquáticos. Concluindo esta questão, Strasburger traz uma tabela com os sete mitos, nos quais os anunciantes de álcool desejam que os adolescentes acreditem:

1. Todos bebem álcool.
2. Beber não traz riscos.
3. Beber ajuda a solucionar problemas.
4. O álcool é uma poção mágica que pode transforma-lo.
5. Esportes e álcool andam juntos.
6. Se o álcool fosse realmente perigoso, não estaria sendo anunciado.
7. As companhias de bebidas alcoólicas promovem apenas o beber com moderação. (p.86)

Em território brasileiro, esta situação não é muito diferente, os anunciantes associam as bebidas a essas características apontadas por Strasburger. Fazendo uma análise da imprensa escrita, em nosso país, Carlini-Cotrim (2000) demonstra sua perplexidade diante das contradições com que a mídia trata o tema em relação ao álcool e às drogas. A autora cita, para sua análise, a reportagem da revista *Veja* (n.1548, de 27/05/98.), na qual aparecem fotos de dezenove jovens que morreram no decorrer dos últimos anos em função da dependência do crack e da cocaína. A *Vejinha* (encarte da *Veja* de São Paulo), na mesma semana, por sua vez, apresenta como ilustração de capa um carrinho de supermercado repleto de garrafas de vinho, anunciando as maravilhas do álcool como algo capaz de proporcionar satisfação e prazer, como se tratasse de um hábito, aparentemente, inofensivo. Portanto, relata a autora, os jovens são induzidos ao falso raciocínio de que o álcool é permitido, enquanto que as drogas ilícitas não. Desta maneira, os holofotes, em nosso contexto, estão voltados para as drogas ilícitas e não as lícitas e, assim, deixam de expor a gravidade do uso do álcool. Aqui, convém lembrarmos que a maioria das mortes por cocaína está associada ao uso abusivo do álcool. O álcool na mídia, no entanto, é apresentado de modo positivo, representando status, poder, o que o torna amplamente valorizado pelos adolescentes como modo de ascender ao mundo dos adultos.

Calcados nessas duas ilustrações, podemos analisar que os anunciantes baseiam-se num mecanismo amplamente utilizado pelos adolescentes em seu caminho de diferenciação: a imitação. Antes de atingirem a identidade adulta, a imitação é responsável, inclusive, pela aquisição de vários papéis sociais. Ressaltamos que, apesar da imitação ser importante na adolescência, outros mecanismos na aquisição de identidade estão em

andamento e são importantes, como já foi por nós apontado no capítulo I. Nesta questão da influência das propagandas em relação ao uso de álcool/drogas, a identificação com os pais e o próprio aparato individual de cada adolescente assumem importância na forma como cada propaganda é apreendida.

Outrossim, as propagandas podem, conseqüentemente, contribuir para uma representação positiva dos adolescentes em relação às bebidas. Esta situação é importante de ser percebida, uma vez que o diferencial do álcool, em relação às outras drogas, depende de hábitos de consumo da sociedade onde se vive. Edwards (1998) considera que os fatores sociais têm um papel importante para o surgimento de problemas com o álcool e que os alcoolistas são propensos a um consumo intenso de álcool influenciados pela cultura. Ele conclui afirmando que os dados sobre alcoolismo por ele revisados realçam a importância do ambiente como determinante de risco de problemas com álcool, já que o consumo pesado está ligado ao consumo em geral:

Os movimentos coletivos da população, subindo ou descendo na escala de consumo, sugerem que o consumo normal representa o fundamento cultural do consumo pesado, e que o nível de consumo e, portanto, o risco de problemas com a bebida- para um consumidor com uma inclinação constitucional específica-, está diretamente relacionado à quantidade de álcool à qual está exposto no seu ambiente cultural. (p.106)

Concordando com esse posicionamento, Lima (1997) afirma que existem evidências que, determinados fatores sócio-culturais e econômicos, desempenham um papel importante no alcoolismo. Isto leva-nos a refletir sobre a importância do contexto social no Brasil. Esta importância se intensifica em relação: ao preço da bebida alcoólica; ao incentivo da mídia no consumo de bebidas alcoólicas; às políticas governamentais que, apesar da legislação proibitiva ao consumo de bebidas alcoólicas por menores, isto na prática, não acontece e a importância da educação e da compreensão destes fatores, como preditores dos fatores de proteção e de risco ao alcoolismo.

Atrelada á questão cultural, temos a influência do preço de varejo no consumo de álcool. Não queremos priorizar a questão do custo, mas vislumbrá-la como um dos fatores determinantes no consumo de álcool, ao lado da cultura, do aprendizado social deste uso, da existência de uma “cultura” do álcool, da constituição psicológica e física, enfim, todas as influências sociais e culturais que podem ter impacto no consumo nacional. Edwards (1998), ao analisar a influência do preço no consumo de álcool, (estudos

econômicos), concluiu que o álcool como outras mercadorias parece estar sujeito às leis econômicas de oferta e de procura:

A demanda de um produto é sensível ao custo de varejo real para o consumidor. Em geral, à medida que um produto torna-se mais caro em relação a outros bens de serviços, a procura por ele diminui, e à medida que ela torna-se mais barato, a procura aumenta. (p.125)

Estudando a possibilidade dos consumidores pesados ou dependentes, poderem ser afetados por mudanças de preços, este autor, baseando-se nos poucos estudos existentes a este respeito, identificou que os consumidores pesados, também, experienciam a maior redução no número de efeitos adversos relacionados ao consumo de álcool. Isto fica fácil de ser observado, quando se analisa a relação entre os preços do álcool e os problemas decorrentes de seu consumo, particularmente a cirrose hepática. Como a mortalidade por cirrose é um indicador bastante utilizado para definir o consumo pesado de álcool, Edwards (1998) analisou um estudo americano sobre esta questão e finalizou que o preço, realmente, parece intervir no consumo per capita do álcool. Neste estudo, o aumento nas taxas de impostos estaduais sobre o álcool diminuiu os índices de mortalidade. Em vista desse fator, o autor aponta a taxaçoão como estratégia de saúde pública, isto é, a taxaçoão é uma alavanca potencialmente útil para a saúde pública.

Portanto, o uso de álcool/drogas na adolescência, tal como entendemos hoje, é um sinal dos nossos tempos e carrega todos os seus significados, pois está ligado ao lazer, à mídia e às culturas juvenis. É sinal de identidade e de passagem e, principalmente, carrega o peso das grandes contradições do nosso sistema social, cultural e econômico: o individualismo, a ênfase no consumo, as pressões pelo sucesso econômico, a marginalidade, a desigualdade de renda, a incerteza, entre outras. Estas contradições tornam difíceis ao adolescente ter um “projeto de vida” num mundo paradoxalmente comprometido com um “projeto de morte”. Esta contradição acentua ainda mais a alienação dos adolescentes que, segundo Osório (1992), impõe ao conjunto da sociedade a pergunta de como os adolescentes podem

...desenvolver-se e arquitetar seu futuro numa sociedade autofágica, que se imola diuturnamente no altar dos deuses econômicos, configurando o absurdo holocausto da espécie que se aniquila a pretexto de assegurar sua própria sobrevivência. (p.38)

Dessa maneira, a compreensão dos determinantes sociais é importante na educação e na prevenção ao uso de álcool/drogas pelos jovens, como possibilidade de, através do desvelar desta realidade, tornar possível a transformação dos homens objetos em sujeitos de sua própria história e cidadania.

2. As conseqüências do uso do álcool: a violência e seu custo social

O alcoolismo, ou seja, a Síndrome de Dependência do Àlcool (SDA) abrange o conceito de dependência química, já abordado anteriormente e, portanto, inclui: a compulsão para consumir a substância; a dificuldade para controlar o comportamento de consumir; um estado de abstinência fisiológico, quando o uso da substância cessou ou foi reduzido; a evidência de tolerância, de tal forma que doses crescentes de substância são requeridas para alcançar efeitos originalmente produzidos por doses mais baixas; o abandono progressivo de interesses alternativos em favor do uso da droga e a persistência do uso da substância mesmo diante de evidências dos danos causados por ela. Estes sintomas podem estar presentes em diversos graus, pois o alcoolismo é um processo que vai se constituindo gradativamente e que admite uma interface entre o beber social e o alcoolismo, em geral, em vários anos.

Schuckit (1999), revisando a literatura mundial sobre a população adulta, observou que 90% das pessoas nas sociedades ocidentais consomem bebidas alcoólicas em algum momento em suas vidas. Pelo menos 40% delas têm algum prejuízo de vida temporário relacionado ao álcool, tais como ausências da escola e do trabalho, dirigir pelo menos moderadamente intoxicado. Dez por cento ou mais dos homens e 5 a 10% das mulheres, realmente, reúnem os critérios para abuso ou SDA .

Lima (1997), analisando a prevalência do alcoolismo nos principais estudos brasileiros na população adulta, encontrou taxas de prevalência de alcoolismo, variando entre 6,25% até 22,6%, com predominância do alcoolismo entre os homens. Reconhecendo a escassez de estudos brasileiros que apontam as prevalências do alcoolismo, este autor alerta-nos que estudos padronizados, que medem a freqüência do uso e a quantidade de álcool consumido, são poucos em nosso país. Por sua vez, Bertolote (1997), baseando-se no Programa Nacional de Controle dos Problemas Relacionados com o Consumo de Àlcool- PRONAL (Ministério da Saúde, 1987), dimensionou que a prevalência do alcoolismo e de abuso de álcool, na população adulta, é estimada em torno de 5 a 10% desta população, o que compreenderia de 3,5 a 7 milhões de pessoas e que, incluindo os

familiares diretos envolvidos no problema, alcançaria de 20 a 30 milhões de pessoas. Estes dados de Bertolote vêm reforçar a abrangência da questão do alcoolismo.

Observando os dados mais recentes fornecidos pelo CEBRID sobre a prevalência de alcoolismo na população em geral, abrangendo a faixa-etária a partir dos 12 anos de idade, em território brasileiro, obtidos no primeiro grande levantamento domiciliar nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas, envolvendo as 24 maiores cidades de São Paulo, em 1999, obtivemos que 6% desta população é compatível com o diagnóstico de alcoolismo

Após observarmos o panorama mundial e brasileiro sobre o álcool, identificamos que uma alta proporção das pessoas são bebedoras, especialmente da metade da adolescência até à metade da casa dos 20 anos e, uma vez que o consumo per capita é alto, não nos surpreende que uma ampla porção das pessoas tenham problemas relacionados ao álcool em algum momento de suas vidas. Para a maior parte dos alcoolistas, o beber controlado é uma situação comum, mas temporária e, quando observamos o evoluir do beber percebemos que, do primeiro drinque à morte, ocorrem vários estágios, onde os abusos são subestimados na maioria das vezes.

As conseqüências do consumo abusivo de álcool estão relacionadas a problemas clínicos, psiquiátricos e sociais. Segundo Lima (1997), em homens e mulheres abaixo de 40 anos, o uso de álcool é associado com o aumento da mortalidade por todas as causas, mesmo em baixos níveis de consumo. Já Seibel (2001) enuncia que as conseqüências do uso abusivo de álcool são percebidas tanto na perda da liberdade individual, quanto nas conseqüências físicas e psíquicas desses indivíduos. Essas conseqüências, segundo este autor, atingem a estrutura familiar, com freqüência ligada a atos de violência e à sociedade, com implicações em acidentes e absenteísmos em trabalho.

Os custos, decorrentes do uso abusivo, de risco ou nocivo do álcool, tornam cada vez mais urgentes um conjunto de intervenções de saúde pública incluindo a prevenção. Iniciando pelos custos sociais, Edwards (1998) define que o custo total resultante do consumo de álcool para um país deve incluir os setores como: a saúde e previdência social, prejuízos para a indústria, despesas com acidentes de trânsito nas estradas e gastos penais. Alertando para o fato de que a avaliação destes custos é complexa, este autor preferiu reproduzir os custos dos EUA pela confiabilidade e pela extensão das análises. Neste país, o autor encontrou para os custos econômicos totais do “abuso do álcool”, em 1990, a estimativa de 100 bilhões de dólares, sendo mais de 80%

destes custos relativos a tratamento, morbidade e mortalidade. Estes custos baseiam-se em índices sócio-econômicos aplicados às estimativas de 1995.

Portando, ao analisarmos os estudos de Edwards e Schuckit, o consumo do álcool pode contribuir imensamente para problemas interpessoais e os relacionados ao trabalho, até mesmo em pessoas que não preenchem os critérios para o alcoolismo.

Esses dados sobre o alcoolismo nos adultos servem como referência para estimarmos a porcentagem dos adolescentes que terão problemas com o álcool, já que na adolescência ainda não se tem o alcoolismo(SDA). Os dados na adolescência referem-se ao uso na vida, uso freqüente ou uso pesado.

Em nosso país, Bucher (1992), analisando essa questão, cita os dados estatísticos da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e outras Drogas (ABEAD), em 1990, quando se estimou que os custos econômicos diretos do consumo de álcool se reflete no fato de que 32% dos leitos hospitalares em psiquiatria e 40% das consultas médico-psiquiátricas são destinados a pacientes com abuso de álcool:

O alcoolismo é a oitava causa de auxílio doença na Previdência Social e a terceira causa de absenteísmo no trabalho. Cerca de 75% dos acidentes de trânsito fatais e 39% das ocorrências policiais estavam associadas ao uso de bebidas alcoólicas. Com base nestes dados, Bertolote(1990) estima que os custos diretos e indiretos do consumo de álcool equivalem a 5,4% do PIB do país, enquanto que a produção e comercialização (e tributação) de bebidas alcoólicas contribuem apenas com 2,4% do mesmo PIB. (p.23)

Seibel (2001), por sua vez, ao analisar os dados do Ministério da Saúde, identificou que o alcoolismo ocupava, no triênio 1995-96-97, o quarto lugar no grupo de doenças mais incapacitantes. Considerando a prevalência global, o alcoolismo somente está atrás das depressões, das anemias ferropriva e quedas, tendo o custo total de gastos relativos a internações decorrentes do abuso e dependência do álcool e outras drogas, ultrapassando 310 milhões de reais. Alerta-nos este autor para a alta prevalência de comorbidade psiquiátrica relacionada à dependência do álcool, apesar da escassez de dados epidemiológicos sobre esta questão. Continuando seu levantamento, Seibel afirma que, no ano de 1996, a cirrose alcoólica do fígado foi a sétima maior causa de óbito no Brasil, na população maior de 15 anos.

Buscando os dados recentes do CEBRID, de 2000 e 2001, sobre internações por problemas com drogas psicotrópicas no Brasil, obtivemos que o álcool, ainda, é o grande vilão, tendo no ano de 1999 sido responsável por 85,35% das internações, enquanto

que as demais drogas, neste mesmo ano, teve a taxa de internação de 14,7%. Estendendo a avaliação sobre as internações decorrentes do uso de psicotrópicos no Brasil, o CEBRID (2001) analisou os dados de 1988 a 1999 e obteve que o álcool foi responsável por cerca de 90% dessas internações. A proporção de homens foi muito superior a de mulheres numa relação de 15/1 para o álcool.

De importância significativa para nós, neste momento, fica a citação de Schuckit (1999) que o início dos problemas com o álcool, suficientemente, severos tem, como idade de pico o início da década dos 20 anos de idade. Disto, podemos inferir que, durante os anos intermediários da adolescência (15 aos 20 anos), temos os picos de abuso e bebedeiras sociais com sérios riscos de agravamento. Diante das estatísticas apresentadas de início do uso de álcool ainda na infância, será que temos dados suficientes, no Brasil, para avaliar se o pico dos problemas severos com álcool ocorre, somente, a partir dos 20 anos de idade?

Em relação à associação entre a violência e o uso de bebidas alcóolicas, Minayo e Deslandes (1998) alertam sobre a complexidade da avaliação linear nessa questão. Esta complexidade, segundo as autoras, está ligada, em primeiro lugar, que, apesar das evidências empíricas, há uma incerteza quanto às explicações causais entre álcool/violência. Isto é, a presença de álcool/drogas como causadores dos eventos violentos é apenas inferência dos pesquisadores. Perguntam estas autoras se, em estado de abstinência, estas pessoas teriam cometido as mesmas transgressões. Outra questão é o não discernimento entre o uso de drogas como um fator que, associado a outros, desencadeia comportamentos violentos e o uso de drogas, como fator causador, porque, na verdade, o que se pode inferir é a alta proporção de atos violentos, quando álcool/drogas estão presentes entre agressores e vítimas, ou em ambas as partes. A terceira questão se refere ao fato de que, enquanto o álcool/drogas podem ser causa, resposta ou mediadores de uma diversidade de comportamentos sociais violentos, pouco se sabe das contribuições dessas substâncias na vitimização, pois a maioria dos estudos refere-se aos agressores e não às vítimas. A complexidade desta questão, também, estende-se a relação violência/gênero sexual e a grande variabilidade dos efeitos provocados por cada tipo de substância. Estas questões Minayo e Deslandes associam à complexidade devido à contribuição tanto de fatores sócio-culturais quanto de personalidade:

Essas complexidades sugerem que a violência interpessoal que ocorre sob o efeito de substâncias é contextualizada, ou seja, acontece em locais específicos,

sob normas e regras específicas de determinados grupos e diante de expectativas que alimentam e são alimentadas dentro desses grupos. Para encontrar nexo causal entre determinadas substâncias e violência seria necessário saber se os comportamentos e atitudes violentas ocorreriam ou não no interior desses segmentos, caso o álcool e a droga não estivessem presentes. As evidências empíricas sugerem que drogas ilícitas e álcool desempenham papel importante nos contextos onde são usados, porém sua importância fica em grande medida dependente de fatores individuais, sociais e culturais. (p.5)

Num outro estudo, realizado por Duarte e Carlini-Cotrim (2000), no qual os autores analisaram os processos de homicídios nos Tribunais do Júri de Curitiba, entre 1995 a 1998, frente ao uso de álcool, tanto pelos autores dos crimes, quanto pelas vítimas, verificou-se que 58,8% dos autores dos crimes, estavam sob efeito de bebidas alcoólicas na ocorrência, o mesmo ocorrendo com 53,6% das vítimas. Quando consideraram os processos criminais como unidade de análise, observou-se que, em 76,2% dos 130 processos, a vítima e/ou autor do crime estavam sob efeito do álcool no momento das ocorrências. As autoras concluíram que os achados obtidos foram consoantes com a literatura internacional, que vem constatando uma alta frequência de indivíduos sob efeitos de bebidas alcoólicas envolvidos em situações de violência.

Devemos avaliar com cuidado a relação álcool/violência, embora sejam vários os estudos que associam esta relação. Acreditamos ser necessários mais estudos sobre esta questão, porém, precisamos ficar atentos ao fato de que o álcool não é um fator isolado e está diretamente relacionado ao contexto sócio-econômico e social, bem como às características individuais de cada pessoa. Assim, a violência decorrente do uso do álcool, também, relaciona-se a estes fatores.

2.1 Os efeitos da facilidade do acesso ao álcool pelos adolescentes

A facilidade de acesso ao álcool e a sua disponibilidade, segundo Edwards (1998), podem ser estimulantes ao consumo. A forma e o nível de disponibilidade de álcool sugerem sua aceitabilidade ou adequação social, especialmente para os jovens. Se o álcool está facilmente disponível e é aceitável a sua aquisição, então somos forçados a concluir que o jovem não vai aceitar o modo social de consumir bebida alcoólica. Este fator, também, pôde ser observado por este autor, ao analisar os vários exemplos em diferentes países, onde a disponibilidade global de álcool tem estado sujeita a mudanças drásticas. A constatação foi de que, quando há uma redução súbita da disponibilidade no

varejo, os problemas derivados do álcool diminuem e, quando a disponibilidade inesperadamente aumenta, os problemas aparecem.

A complexidade desta questão alerta para a importância dos seguintes fatores: a proibição do uso de bebidas alcoólicas por menores; a densidade dos locais de venda de álcool; a disponibilidade no varejo de bebidas específicas (conforme o teor alcoólico); a regulamentação de bebidas de acordo com o teor alcoólico (por exemplo *flach power*, *Keep Cooler*); horário e dias de venda; idade mínima para beber (que são aplicadas frouxamente); serviço de bebida responsável (a pessoa que serve e a intervenção do serviço); a responsabilidade do atendente e as sanções contra o serviço para pessoas intoxicadas; os monopólios comerciais de bebidas alcoólicas; e, finalmente, os acordos comerciais e a disponibilidade do álcool.

Quando trazemos estes dados para o nosso país, não podemos deixar de constatar a ambivalência em relação à proibição do uso para menores e a não execução desta norma o que facilita o acesso ilimitado ao álcool por todos. Além disso, o preço no varejo que, em alguns casos, as bebidas alcoólicas são mais baratas do que o litro de leite. Por último e não menos importante, a convivência dos órgãos públicos em relação ao estímulo da mídia ao uso de álcool que, somados aos fatos anteriores, caracteriza o governo como omissos nesta questão.

Outro ponto importante a ser levantado é a falta de legislação sobre os locais, onde os bares são instalados. Não é difícil identificarmos a presença de bares ao redor das escolas em nosso país. Segundo Abramovay e Rua (2002), a escola sofre interferências do “entorno” ao seu redor e, portanto, o ambiente externo da escola pode estar associado à violência dentro ou fora da escola. Em Goiânia, estas pesquisadoras constataram que 53% do corpo técnico-pedagógico apontaram as cercanias da escola como o local onde ocorre mais violência. Nesse contexto, os bares e botequins, ao redor da escola, são percebidos pelas diretoras como afetando o ambiente escolar.

Preocupados com essa situação, o CEBRID (2000) divulgou uma carta elaborada em conjunto pela Secretaria Antidrogas (SENAD) e a Associação Brasileira de Estudo de Álcool e outras Drogas (ABEAD), dirigida ao governo, sobre a preocupação quanto a veiculação das propagandas sobre cerveja no Brasil, e sugerem o uso como orientação médica. Além do conteúdo enganoso e perigoso, ao apresentar a ingestão de álcool como recurso de incremento à saúde, deturpa a figura da classe médica. Apontam, ainda, a gravidade de informes publicitários, estabelecendo uma explícita relação de causa

e efeito entre o consumo da cerveja e o bem-estar de um casal, que associa o uso do álcool com mudança de humor e melhoria da disposição, das relações interpessoais e da qualidade de vida. Outra, veicula o álcool, segundo estes órgãos (SENAD e ABEAD), como meio de fornecer prazer e solucionar problemas, o que representa uma das principais dificuldades daqueles que apresentam diagnóstico de abuso ou dependência de álcool e outras drogas. Diante desses fatos, sugerem estes órgãos: primeiro, a interrupção imediata na veiculação destas campanhas inadequadas; segundo, a orientação de futuras campanhas em direção ao consumo responsável e inclusão de informação acerca dos efeitos prejudiciais do consumo; terceiro, a inclusão obrigatória de mensagem sobre os riscos de consumo de bebidas alcólicas em toda e qualquer campanha publicitária, a exemplo do que ocorre com produtos da indústria do tabaco.

Em uma entrevista do professor Edwards ao professor Dias da Silva (maio de 2001), divulgada na íntegra pela ABEAD (2002), sobre a ambigüidade da lei que proíbe veiculação de propagandas de bebidas alcólicas destiladas e libera as propagandas das bebidas fermentadas como a cerveja, Edwards, responde:

A evidência científica sugere que o controle individual sobre o consumo do álcool pode ser uma abordagem política que pode vir a contribuir para a melhoria dos danos relacionados ao álcool. Diversas estratégias, inclusive a cobrança de imposto, para controlar os postos de venda, os quais variam em número e tipo, além de restrições impostas à propaganda, podem ajudar a respaldar a intenção maior.

Parece-nos, portanto, que a questão das políticas públicas em relação a tal problema assume relevância. Em nosso país, com a liberalidade do consumo de bebidas alcólicas para menores, o que vem acontecendo é uma tendência de aumento do consumo pelos adolescentes, como podemos observar nos últimos estudos entre estudantes, aqui, apresentados.

CAPÍTULO III

O ADOLESCENTE DO ENSINO MÉDIO E O ÁLCOOL: UM RECORTE DA REALIDADE

Após termos abordado a questão do adolescente do Ensino Médio e o uso de álcool, com ênfase na literatura, traremos, neste momento, os dados obtidos em nosso estudo realizado em 2001, em escolas de Goiânia. Foram sujeitos do estudo 40 alunos, sendo 20 do primeiro ano e 20 do terceiro ano, oriundos de escolas das redes particular e pública de ensino. A tabela abaixo fornece uma visão dos alunos estudados .

Tabela I- Idade dos alunos por série e rede de ensino

IDADES	ESCOLA PARTICULAR		ESCOLA PÚBLICA		TOTAL
	1º ANO	3º ANO	1º ANO	3º ANO	
14	1				1
15	5		3		8
16	3	2	5	1	11
17	1	3	1	6	11
18		5		2	7
19			1	1	2
TOTAL	10	10	10	10	40

Fonte: dados da pesquisa

No que se refere ao primeiro ano, a idade dos alunos variou de 14 a 19 anos, sendo que a maioria dos estudantes está concentrada nos 15 e 16 anos (80%). Metade dos estudantes da escola pública trabalha em atividades remuneradas, o que, segundo seus relatos, torna-se muito cansativo de ser conciliado com o estudo. Metade dos alunos das

escolas pública e particular praticam esportes e somente 7 alunos estudam línguas (todos da escola particular).

Quanto aos alunos do terceiro ano, a idade variou entre 16 e 19 anos concentrando-se a maioria entre 17 e 18 anos (80%). Do total, 4 alunos (20%) trabalham, sendo três deles em atividades remuneradas (escola pública) e 1 em trabalho voluntário com o pai (escola particular). A maioria dos alunos das duas redes de ensino praticam esportes (14 alunos=70%); três alunos fazem o curso profissionalizante (todos da escola pública); enquanto os da escola particular têm aulas complementares do currículo, às tardes nas 2^{as}, 4^{as} e 5^{as}-feiras. Estes dados demonstram que a maioria dos alunos do terceiro ano da escola pública (3 trabalham e 3 cursam curso profissionalizante) estão direcionados ao desenvolvimento profissional, enquanto os alunos da mesma série da escola particular estão com suas atividades direcionadas para a preparação para o vestibular.

1. A relação adolescentes/ álcool

Quando se considera a experiência dos alunos em relação ao álcool, verifica-se que, no primeiro ano, todos os 20 alunos já fizeram uso de álcool. O que chama a atenção é que a primeira experiência ocorreu muito cedo: todos com menos de 15 anos, sendo que 8 antes mesmo de completarem 10 anos. É marcante a influência da família nos primeiros contatos com a bebida:

- Meu pai ia pra casa da minha avó jogar baralho, e eu ia com ele. Ele bebia pra caramba, aí eu chegava lá e bebia também com ele, isso eu tinha uns cinco, seis anos. (pública, 1º ano)

-Experimentei acho que com dez, onze anos, lá em casa. Tinha uma festa. Aí minha mãe não viu nada de mais eu experimentar. (pública, 1º ano)

Atualmente, 9 dos 20 alunos fazem uso esporádico do álcool. Este uso geralmente está associado às saídas e às festas. O uso freqüente (6 vezes ou mais no mês) ocorre com dois alunos, enquanto que 4 deles atualmente não fazem uso algum de álcool. Apesar do pequeno número de alunos que fazem uso freqüente de álcool, 5 deles relataram ter passado mal após beberem, sendo que, dentre estes, vários citaram que passaram por situação vexatória após este uso abusivo do álcool, como por exemplo, tirar a roupa em público, vomitar:

- Eu já, no carnaval, eu bebi demais e aí desmaiei no meio do povo . Oh, vomitei no meio do povo, meu amigo me levou arrastado. (particular, 1º ano)

- Uma vez, eu fui lá pra Caldas Novas. Fui no começo do ano pra Caldas Novas, com uns colegas meus. Daí, a gente ia fazer uma festa lá, aí eu comecei a beber, beber, bebi, bebi muito, que eu fiquei bêbado. Comecei, então, a subir em cima da mesa pra poder tirar a roupa. Aí, lá em Caldas Novas, cidade pequena, que todo mundo conhece praticamente todo mundo. No outro dia, todo mundo me olhava, tal, começava a falar: - Aquele lá que tirou a roupa. (pública, 1º ano)

Ainda em relação à frequência atual do uso do álcool, 7 percebem que estão bebendo mais este ano (4 da escola pública e 3 da escola particular). Atribuem este aumento às saídas com amigos, porque os pais estão mais liberais e, para se sentirem mais adultos:

- Eu só bebo quando eu saio. Beber em casa acho que não tem graça nenhuma... (particular, 1ºano)
- Eu acho o seguinte: é que nesse ano acho que todos nós estamos saindo mais...(pública, 1ºano)
- Foi porque os meus pais ficaram mais liberais. A idade assim, dezesseis anos, quinze, aí deixou sair agora. (pública, 1º ano)
- Eu acho que, geralmente, a pessoa com dezoito, dezenove, mas para se firmarem como adultos, eles bebem pra se firmarem como adultos, pra mostrar: - Ah, eu sou mais velho. (particular, 1º ano)

Por outro lado, 4 da escola particular relataram que, atualmente, não fazem uso algum de álcool, e 3 que este ano estão bebendo menos (2 da escola pública e 1 da escola particular). Em relação ao uso de drogas ilícitas, 2 relataram uso de maconha e um, o uso esporádico de cocaína (os 3 da escola pública) .

No terceiro ano, a primeira experimentação de álcool, também, foi precoce: todos antes dos 14 anos de idade. Neste grupo, houve relatos de início de uso de álcool antes dos 10 anos de idade: aos 3, 6, e 7 anos respectivamente. O que mais chamou a atenção foi que a maioria dos adolescentes tiveram o início do contato com o álcool no seio familiar:

- Eu tive um primo que bebia. A minha mãe estava grávida, eu tinha que passar a maioria do tempo na casa deles, porque ela tinha problema na gravidez. Então, eu, com três anos, ele pegou e enfiou o copo de cerveja na minha boca. Sorte minha, porque eu tinha noção do que era, porque eu via meu pai chegando bêbado em casa e não gostava, eu tinha três anos. (pública, 3º ano)

- Cinco, eu tenho um parentesco assim, meu tio assim, eles bebem muito, mas, só que a minha família já não bebe, os primos também, juntam assim. (pública, 3º ano)
- Eu, por exemplo, eu comecei a beber, não era escondido sabe, eu saia com meu pai. Ele dizia: pode beber cerveja. Daí, colocava no meu copo e eu bebia com ele sabe. (particular, 3ºano);

Outro relatou que o pai o incentivava ao consumo de álcool, mesmo em suas tentativas de parar de beber, após perceber que já estava bebendo demais:

- Seu pai é que te oferecia⁵
- É, por exemplo, às vezes, eu falava: - Pai, vou deixar de beber cerveja, sei lá, seis meses. Aí eu ficava um, dois, no terceiro mês ele: - Não, vamos sair comigo, vamos pro barzinho, vamos beber”. Eu: - Não, eu não vou, não vou. Daí o pai insistia – Não, eu não vou beber sozinho. (particular, 3ºano)

Atualmente, somente 4 alunos fazem uso esporádico de álcool (1 da escola particular e 3 da escola pública), enquanto a metade dos alunos de ambas as redes de ensino afirmam fazer uso freqüente. Um deles, da escola pública, chega a fazer uso pesado de álcool (20 vezes ou mais no mês), e vários relataram a ingestão de grandes quantidades de bebidas alcoólicas, a ponto de passarem mal no dia seguinte:

- Tipo, desde os quatorze anos mais ou menos, quase todo mês eu passo mal
- Quase todo mês você passa mal?
- É, porque, tem vez que a gente faz festa direto, aí tem vez que, em festa, a gente bebe um pouco à mais e passa mal, não de vomitar, mas você sente mal mesmo. (pública, 3ºano) .

Vários identificaram, com clareza, que houve uma progressão crescente no uso de álcool:

- Todo final de semana. Eu tenho 18 anos, então, tipo assim, quando eu tinha treze anos eu experimentei, com quinze eu bebia de vez em quando, mas por dois anos, agora, é que eu estou começando a beber e, agora, eu estou bebendo freqüentemente. (particular, 3ºano)

O aumento do uso de álcool é indicado por 9 alunos (3 da escola particular e 6 da escola pública). A maioria dos alunos, em ambas as redes de ensino, dizem que bebem

⁵ As frases grifadas referem-se a fala da pesquisadora durante a entrevista.

freqüentemente, que já passaram por situação vexatória após beberem, ou que já passaram mal no dia seguinte. Os relatos acerca dos usos abusivos de álcool por esses alunos, além de ocorrerem em grande número, chamaram a atenção pelos sintomas apresentados após beberem. Estes sintomas acabaram revelando a grande quantidade de bebidas consumidas, a freqüência com que se repetem e a influência no dia seguinte destes jovens:

- É, realmente eu não sei quantas vezes eu passei mal
- Mas já foram muitas?
- Já foram muitas
- Mais de dez?
- Acho que já. Todo final de semana eu bebo, mas não é toda vez que eu fico ruim, entendeu? Mas, quando eu fico, dá aquela, como se diz, morgação, eu fico na cama, só assistindo televisão, não faço nada. Quando eu faço também não bebo, dá aquela ressaca, bebo água toda hora; (particular, 3º ano)
- E hoje vocês fazem uso de álcool?
- Muito
- Eu bebo, ontem eu chapei. (pública, 3º ano)

Dos sintomas referidos como consequência do uso do álcool, o mais freqüente foi o vômito:

- Ficaram cuidando de mim assim, é, tipo assim, eu vomitei, dormi sentada na festa num lugar lá, vomitando assim...
- Não, comigo foi assim também, eu lembro de tudo do dia que eu bebi. Fiquei ruim mesmo, não conseguia nem caminhar, foi vexame também, eu saí vomitando, vomitei no carro de amigo, foi assim horrível, tanto que nunca mais bebi do jeito que bebi naquele dia, porque eu misturei de tudo quanto é bebida. (particular 3º ano).;

Necessidade de ter que tomar glicose:

- Passei mal uma vez e foi assim pra nunca mais, tanto que eu fiquei ruim, meu pai queria me levar pro hospital, saí carregada para tomar glicose. (pública, 3º ano);

Esquecimento no dia seguinte:

- Por que você não acredita que ela lembra do que aconteceu à noite?
- Porque já teve uma situação que ela falou muitas coisas no dia que ela tava bebendo e no outro dia eu perguntei pra ela...
- Não, eu lembro das coisas, dos fatos, mas, às vezes... ,às vezes, as pessoas conversam comigo. Você acha que eu vou lembrar de todas as palavrinhas que as pessoas falam pra mim? Não, eu lembro de todo o fato, eu lembro que eu conversei com ele, eu lembro que...

- O que você acha que ela não lembra?
- Praticamente tudo. (particular, 3ºano)

Os relatos revelaram, também, além da intensidade do uso de álcool, quanto os adolescentes já sabem lidar com as situações decorrentes do beber abusivo e quanto os amigos se ajudam nesta situação, ensinando ao colega que deve vomitar, para conseguir ingerir mais bebidas e depois tendo que o socorrer:

Aí começamos, aí começou a beber whisky, tal. Quando foi umas três horas da manhã, eu acho que eu já tinha bebido quase uma garrafa de whisky. Aí falei: “Não, vou lá no banheiro”. Eu não ia para vomitar, mas cheguei lá tinha um amigo meu, falei: “Nó véio, meu estomago tá meio ruim, né”. Não estava com vontade de vomitar, mas estava meio. Ele falou: “Não, vomita que você zera e pode beber de novo”. Aí, fui lá e, então, comecei a vomitar e não parava, sabe, aí é que eu fiquei ruim. Aí eu peguei e deitei no chão do banheiro. O pessoal jogava água gelada em mim. Além disso, me davam coca-cola para beber. Fiquei ruim mesmo, dormi sentado na festa, escorei a cabeça assim na mesa...

- O cachorro lambendo a boca dele.

Não, foi horrível, foi ruim, mas foi muito ruim. (particular. 3º ano)

A maioria citou como motivo para beber a timidez, demonstrando que vários precisam do álcool para conseguir conversar:

- Eu me divirto mais quando eu bebo, sabe, porque eu perco a timidez.;
- Eu regulo o que vou beber, quando eu vejo assim que eu já estou...
- No grau...
- Já estou liberando, já estou conseguindo conversar bastante, aí eu paro.
- Então, você usa a bebida para sua timidez?
- É, estimula, estimula. (pública, 3º ano)

Outros chegam a criticar seu comportamento de beber, percebendo que a bebida é uma “farsa”, ou seja, um paliativo temporário de suas dificuldades, para se expressarem mais, porém não prescindem deste recurso de beber:

- É uma farsa, a bebida é uma farsa.
- Como é uma farsa?
- Porque você está ali, na hora que você está bebendo, está tudo bem, você tá curtindo. Na hora da onda também você fica tonto, tal, às vezes, é legal, você tem coragem de fazer muita coisa, mas depois é só passar mal, vomitar.
- É a bebida na verdade, ele tira o eu de você, o que você queria fazer na verdade.
- É.
- Você bebe, fica mais solta, não é? Você tem coragem de fazer qualquer coisa
- Acho que bebida em geral solta a pessoa. (pública, 3º ano)

Os alunos do terceiro ano, também, relataram o uso de drogas ilícitas: maconha (5), 3 da escola particular e 2 da escola pública; lança- perfume (4), todos da escola particular); ácido (3)1 da escola particular e 2 da escola pública; cocaína (2), ambos da escola pública); e LSD com um relato de uso esporádico (escola particular). Dentre estes usuários de drogas ilícitas, 4 deles relataram que o álcool foi a primeira droga utilizada por eles.

Ao analisarmos todos os alunos do primeiro e do terceiro anos, identificamos que: a média de uso de álcool na vida foi de 87.5%; a idade de início do álcool encontrada foi abaixo dos 15 anos de idade, sendo que a maioria entre os 10 e 14 anos; e vários relatos de início precoce de uso de álcool, antes dos 10 anos de idade. Estes dados estão em conformidade com os dados do CEBRID sobre os estudantes do Ensino Fundamental e Médio.

Diante dos dados da precocidade do uso de álcool e a relação deste uso com a influência dos pais, percebemos que os adolescentes identificam-se com o hábito de beber de seus pais e, durante esta etapa de suas vidas, acabam utilizando-se do álcool como possibilidade de autonomia e maturidade. Como este início se deu na passagem da infância para a adolescência, esta criança ou este púbere introjetou os papéis e atitudes de seus pais. Nesta faixa-etária, ainda, não há questionamentos sobre as atitudes dos pais, mas, ao contrário disto, a identificação pura e simples. A gravidade desta identificação dos filhos com o uso de álcool pelos pais, nesta faixa-etária, é que a bebida passa a fazer parte da identidade deste sujeito como qualquer outro comportamento saudável. Conseqüentemente, na adolescência, torna-se comum beber e, ao invés de oposição ao comportamento dos pais, o álcool reforça a identificação com eles, no sentido de se tornarem “iguais” aos pais, isto é, bebendo “somos adultos também”.

Em relação à frequência atual de uso de álcool, quando comparamos o 1º e o 3º anos das duas escolas, observamos a passagem do social para o freqüente e pesado. Isto é, identificamos o crescimento do consumo de álcool do 1º para o 3º ano. Em relação ao uso social do álcool, enquanto que, no primeiro ano, 45% dos estudantes fizeram esse uso, no terceiro ano, 20% dos estudantes relataram esse tipo de uso. Em relação ao uso freqüente, enquanto que, no primeiro ano, 20% relataram esse uso, no terceiro ano, 55% fizeram esse uso. Como vimos, o uso abusivo de álcool, com estudantes passando mal, ou passando por situações vexatórias após beberem, aumentou do 1º para o 3º ano, passando de 25% dos estudantes do 1º ano para 55% dos estudantes do 3º ano.

De modo geral, percebemos que, ao entrar no Ensino Médio, os adolescentes passam a beber mais em função de vários motivos: para conseguirem conversar, quando se sentem tímidos; para se soltarem mais; porque seus pais estão mais liberais em função de suas idades ou, simplesmente, porque estão em festas e as bebidas fazem parte deste lazer. Isto revela que o álcool, em primeiro lugar, serve como muleta para que os adolescentes lidem com as suas dificuldades individuais face às exigências impostas pela idade e pela necessidade do exercício de independência como, por exemplo, demonstrar que estão mais seguros, necessidade de terem que abordar o sexo oposto. Em segundo lugar, há um incentivo à precisão dos adolescentes mostrarem-se mais adultos, já que são incentivados e liberados a saírem mais.

Verifica-se também um aumento significativo de consumo de drogas ilícitas do 1º para o 3º ano. No primeiro ano, houve relatos de uso de drogas ilícitas somente na rede pública de ensino, enquanto que, no terceiro ano, este uso de drogas ilícitas distribuiu-se nas duas redes de ensino de modo equivalente. As drogas citadas no 1º ano foram: maconha (2 alunos) e cocaína (1 aluno). No terceiro ano: maconha (5); lança-perfume (4); ácido(3); cocaína (2) e LSD(1). É importante lembrarmos que, apesar de, no primeiro ano, os relatos de uso de drogas ilícitas ter concentrado-se na escola da rede pública, o primeiro ano da escola particular foi composta por alunos escolhidos pela direção da escola. Este fato, somado ao fato de que no terceiro ano a distribuição de uso das drogas ilícitas foi equivalente, impede de atribuímos à escola pública um maior uso de drogas ilícitas.

Esses dados demonstram que, com o avançar do “processo” adolescente rumo à aquisição da identidade adulta, quanto mais o adolescente se defrontar com as situações inerentes à faixa-etária para a aquisição da autonomia, como sair mais e sozinho, ter que relacionar-se com o sexo oposto, torna-o mais exposto a recorrer a este recurso de beber, ou até mesmo à outra droga. Isto indica que o confronto entre as características individuais e as exigências que acabamos de citar deixa os adolescentes em conflito sobre qual atitude tomar. Isto é, eles querem a independência, sair mais, terem liberdade e namorar e, quando não conseguem, sentem-se inseguros e recorrem ao álcool. Se este comportamento de beber trazer alívio ao conflito, poderá ser usado em larga escala, como forma de auxiliá-los a executar os papéis inerentes à adolescência. Desta maneira, pode ser instalado um círculo vicioso de recorrer a este recurso inadequado. Assim, a atenção às dificuldades dos adolescentes faz-se necessária como medida preventiva.

Esse comportamento revela, mais uma vez, a identificação com seus pais que, provavelmente, justificam o beber diante de suas dificuldades. Esta imitação do comportamento dos pais, nesta faixa-etária do Ensino Médio, num momento em que a busca de independência orienta a tônica das ações do adolescente, revela que o beber abusivamente possa representar a contradição dos adolescentes entre a busca de independência e uma ação dependente, aqui dependência do álcool. Isto é, objetivando separar-se do outro (pais/sociedade), o adolescente acaba identificando-se com eles no comportamento de beber que, só na aparência, representa independência. Somado a este fato temos que a cerveja foi de longe a preferida pelos estudantes. Esta bebida é muito divulgada nas propagandas televisivas em nosso país. Podemos inferir também que o álcool, na forma que se constitui em nossa realidade brasileira, já faz parte da sociedade, como um rito de passagem à idade adulta, e é percebido por todos como sinal de independência.

2. A relação álcool/ família

No primeiro ano, os relatos sobre o uso de bebidas alcoólicas por familiares foi bastante expressivo, já que 16 desses alunos identificaram este uso, sendo que a maioria relatou o uso freqüente (6 vezes ou mais no mês) e abusivo de álcool pelos pais e/ou familiares:

- Todo final de semana meu pai bebe
- Todo final de semana seu pai bebe. Alguém mais aqui tem pais que bebem?
- Meu pai bebia
- O meu bebe
- O meu pai bebe de vez em quando, assim, só quando...
- Socialmente
- O seu bebe muito ou bebe só socialmente?
- Socialmente até cair. (pública, 1º ano);

Acreditam, 3 deles, ser os pais alcoolistas. A extensão do uso de bebidas alcoólicas pelos membros da família pode ser observada pelos relatos de atritos familiares decorrentes desse uso (9 alunos relataram atritos familiares), que contêm cenas de desrespeito e violência doméstica:

- Meu pai bebia muito, tanto é que minha mãe separou dele. Uma vez ele bebeu tanto que minha mãe tinha feito a janta e chamou ele pra jantar, e minha mãe não tinha destampado as panelas. Ele falou assim:- Uai, você não destampou as panelas. Então, minha mãe, minha irmã estava passando mal,

minha irmã era bem novinha, ela falou assim: - Não, eu estou fazendo o chá da sua filha, que ela está passando muito mal, destampa as panelas que agora eu estou fazendo o chá dela. Aí ele simplesmente jogou todas as panelas no chão e bateu nela. (pública, 1ºano)

- Meu pai bebia demais, aí tinha vez que ele chegava em casa, discutia com a minha mãe, aí, quando ele começava a discutir com minha mãe, eu acordava por causa que ele estava falando muito alto. Eu ia lá, falava pra ele parar de brigar com ela, aí ele queria começar, queria bater em mim, aí nós dois acabava era brigando assim, de porrada, só que muitas vezes minha mãe acabava me defendendo, tal. Aí quem acabava levando era ela, eu ficava com mais raiva dele ainda; (pública, 1º ano)

Os adolescentes reconhecem a influência dos familiares em seus hábitos de beber:

- Às vezes, você tem influência dos seus irmãos, minhas irmãs são bem mais velhas que eu, aí a gente sai. (particular, 1º ano)
- Em muitos casos os próprios pais influenciam o adolescente, a criança a tomarem bebida
- Você acha isso? Você já viu isso acontecer?
- Na minha família, um pouco é desse jeito
- É mesmo?
- Com certeza, acontece com muitas famílias, em muitos lugares, os pais mesmo oferecem bebidas aos filhos. (particular, 1º ano)

Além disso, o uso descontrolado de bebidas alcoólicas pelos pais está gerando, nos filhos, a necessidade de controlar o hábito de beber de seus pais:

- Eu tenho, a minha irmã, ela é muito controladora sabe. Meu pai bebe, a B. vai lá e joga tudo fora, aí, nunca mais ele chegou bêbado em casa por causa dela, porque ela chega nele e chora muito. (particular, 1ºano);

Ou diante da dificuldade de controlar este hábito, acabam tendo a sensação de impotência diante da situação:

- É, geralmente minha mãe, ela bebe,mas ela fica mais, como que eu vou te falar, não é agressiva, minha mãe não é agressiva, discute mais, entendeu ela fala mais
- Mais encrenqueira?
- É, fica mais encrenqueira, aí, geralmente, a gente discute. O assunto que dela geralmente não é normal. Ela não assume que está bêbada, mas aí até um tempo atrás eu brigava com ela, mas eu vi que não ia dar jeito mesmo, falei: -Ah!
- Largou?
- Larguei; (pública,1ºano)

- Às vezes, você acaba ficando indiferente num assunto pra não acabar numa discussão. Meu pai não assume que ele tava fora do estado normal. Ele não assume e não se redime. (particular, 1ºano)

Como medida restritiva ao hábito de beber dos pais, os filhos se recusam a obedecê-los:

- Minha mãe pede para eu ir comprar cerveja. Eu falo para ela;- Se você quiser beber cerveja, você vai fundo, porque eu não compro. Eu não gosto que ela bebe, porque ela está bebendo todos os dias à noite, assistindo televisão. Aí, quando eu preciso dela, ela não pode me ajudar, porque não está no estado normal dela. (particular, 1ºano).

Os alunos criticam o governo por permitir o uso de bebidas alcoólicas por menores:

- Eu acho um dos problemas do nosso país é os bares venderem cigarro e bebidas alcoólicas para menores. Porque, grande porcentagem das pessoas que acabam numa clínica, iniciaram o uso ainda pequenos. (particular, 1ºano)

Alguns relatam que os pais têm dificuldades sobre o que fazer, quando percebem que os filhos beberam:

- Minha mãe, quando percebe que eu estou bêbado, ela fica olhando estranho para mim. Só fica olhando, e eu não gosto. (pública, 1ºano).

Outros relatam que os pais os repreendem no dia seguinte:

- Você tem que manejar, não pode beber deste tanto não. Vai devagar na dose.
- Você obedece e pára de beber?
- Não, só dou um tempo. (1º ano, escola pública).

Quando percebem que têm algum familiar usando álcool exageradamente, alguns alunos tomam a atitude de conversar e encaminhar para tratamento:

- Eu converso, falo que bebida não leva a nada. Como a maioria das pessoas da minha família gostam de cerveja, eu converso sobre o mal que a bebida faz. (pública, 1ºano)
- Eu, já quis internar meu primo.
- Eu também quis internar meu pai. Mas eles não obedecem, porque somos novos. (pública, 1ºano)

No terceiro ano, também, é comum o uso de bebidas alcoólicas na maioria das casas dos adolescentes, 4 deles consideram o pai alcoolista e 8 identificam que os pais bebem exagerada e freqüentemente. A maioria dos relatos foram da família incentivando os filhos ao uso do álcool:

- Depois, como minha mãe, ela comprava, às vezes, aquelas garrafas de vinho e, aí, quando vinha meus primos em casa, eu bebia. Aí eu bebia um copo, dois copos, essas coisas assim. (pública, 3ºano)

Ou são coniventes com o uso de álcool dos filhos:

- Seu pai já bebeu?
- Ele bebe
- Ele bebe
- Ele bebe com a gente. (particular, 3ºano)

Só encontramos um relato do alcoolismo do pai ter incentivado o filho na opção de não beber:

- Eu não gosto de mexer com relacionamento com álcool, porque meu pai teve uma dependência, ele era alcoólatra. (pública, 3º ano)

Identificamos, também, que a maioria dos pais não percebem que os filhos estão bebendo:

- Minha mãe não vê eu beber; (particular,3ºano)

Ou não sabem reagir, quando constatam que o filho bebeu:

- Que os seus pais fazem quando percebem que vocês beberam muito?
- É, quando eu chego bêbada em casa, minha mãe curte com a minha cara
- Curte com a sua cara
- Fala que eu fico muito engraçada, quando eu bebo, mas no outro dia quando eu estou ruim, ela fala : -Minha filha, não faz isso, que você vê o exemplo do seu pai, não sei o que fazer com você. (particular, 3ºano);

Ou mesmo diante do fato do filho ficar constrangido em beber na presença da mãe, esta o autoriza a beber:

- ... quando eu bebia, eu não gostava de chegar perto da minha mãe, agora é só ir em festinha de criança com a minha mãe, aí ela diz: “-Pode beber”. Aí eu bebo, de boa, normal. (particular, 3ºano)

Já alguns filhos percebem o uso exagerado dos pais, conversam e os encaminham para tratamento. Além dos filhos não serem obedecidos, são censurados por repreender os pais:

- A gente conversa, encaminha, mas não adianta. Eles até dão bronca na gente. Dizem que somos chatos. (particular, 3º ano)
- Quando a gente vai conversar, eles falam: - Quieta com isso. Se brincar, eles te batem ainda. (pública, 3ºano)

Os dados indicam que a maioria dos estudantes entrevistados, do primeiro e do terceiro anos, relatam que é comum o uso de bebidas alcólicas em casa. A presença de pais que bebem muito e, freqüentemente, foi apontada por 30% dos alunos da escola particular e 80% escola pública. Apontam os pais como alcoolistas, 17,5% do total de alunos, enquanto 45% informam ter atritos familiares decorrentes do uso de álcool.

Embora a escola pública tenha apresentado um maior número de alunos que indiquem pais bebedores freqüentes, o índice de alcoolismo dos pais e de atritos familiares, segundo a percepção dos filhos, foi similar nas duas redes de ensino. Os relatos sobre a influência da família no início do hábito de beber e na manutenção do consumo foram em grande número. A família, nestes casos parece servir como modelo identificatório, no qual os adolescentes recorrem ao álcool. Se somarmos a isto que a maioria dos pais, tanto dos 1ºs quanto dos 3ºs anos, têm dificuldades em repreender os filhos que bebem, podemos deduzir a necessidade e investimento pesado em prevenção neste setor. Para termos uma idéia, somente 10% do total de pais repreende os filhos, quando percebem que este está bebendo. Isto, por sua vez, demonstra as dificuldades dos pais no exercício da autoridade e colocação de limites.

Por outro lado, os pais também participam ativamente do processo rumo a aquisição da “identidade de adulto” do filho. Nesse percurso, os pais, também, vão ter que adquirir novos comportamentos como, por exemplo, ter que flexibilizar suas fronteiras de relacionamento com os filhos. Nessa flexibilização, vai ser necessário, em determinados momentos, que imponham limites aos filhos e que, em outros, deixem os filhos optarem pelo que quiserem. Por dificuldades em oscilar de um comportamento ao outro, os pais podem, rigidamente, nada permitir ou, ao contrário, ser muito permissivos, não colocando limite algum. Nos relatos dos alunos, ficaram claro a permissividade e a ausência de

orientação familiar para o beber responsável. Esses adolescentes ficam, assim, sem normas para regular o beber.

Em relação à atitude dos adolescentes, quando percebem que têm algum familiar usando álcool exageradamente, obtivemos que: 40% do total encaminhariam os familiares para tratamento ou conversariam com eles, enquanto 35% não encaminhariam, por não acreditarem na eficácia do tratamento. Estes dados revelam que os filhos têm atitude de tomar providências em relação aos hábitos dos pais beberem bem mais intensas que os pais em relação aos filhos que, ao contrário dos filhos, apresentam dificuldades para lidar com as bebedeiras dos mesmos. A omissão da família quanto ao hábito de beber dos filhos é importante, já que ela continua sendo o principal agente transformador e formador de atitudes e valores. Em algumas situações, os filhos adolescentes, em relação aos pais que bebem muito, parecem exercer a autoridade que estes não conseguem exercer, demonstrando inversão na situação familiar, os filhos exercendo o papel dos pais e vice-versa. Essa perda de autoridade dos pais pode ser um dos contribuidores do hábito de beber dos filhos.

Identificamos, assim, que o uso de álcool pode fazer parte do desenvolvimento psicológico do adolescente. A orientação e modelo familiar, por sua vez, têm um impacto importante nos hábitos de consumo de bebida alcólicas dos filhos adolescentes. Além disso, a aprovação dos pais somadas a uma baixa percepção destes dos riscos do uso de álcool, contribuem tanto no início, quanto na manutenção do beber por adolescentes.

3. A influência dos amigos no uso/abuso de álcool:

No primeiro ano, percebemos a influência do grupo de amigos no hábito de beber, mas o que nos chamou mais a atenção foi como os adolescentes tiveram dificuldades, para identificarem esta influência. Eles apresentam várias falas que ora admitem esta influência:

- ...porque beber, geralmente, você não bebe sozinho, você bebe com os amigos, bebe mais à noite e, quando você sai mais, você bebe mais. (particular, 1ºano)
- A maioria das vezes, também, os amigos influenciam, porque geralmente você está numa rodinha assim, cinco, seis pessoas que estão tudo bebendo, aí você bebe também. (particular, 1ºano);

Ora negam explicitamente tal influência:

- Eu acho que não tem nada a ver, se você não quiser beber, você não bebe. (particular, 1ºano)

Com a continuação da discussão, fica claro que as contradições acerca da influência dos amigos está relacionada a percepção que, se admitirem esta força, estarão admitindo a “fraqueza” de cada um:

- Mas depende da personalidade de cada um, se você põe uma pessoa vulnerável, que vai com a opinião de outros, vê todo mundo bebendo, você bebe, agora, se você tiver sua opinião própria, você não vai beber. (particular, 1ºano).

A seguir, quando indagados, se não é comum os adolescentes serem inseguros e não ter opinião própria, concordam:

- Mas não é comum nos adolescentes assim, às vezes, não terem opinião própria?
- A maioria
- É igual o L. disse, a maioria faz isso. (particular, 1ºano)

Outros demonstram claramente a contradição em relação ao assunto, quando após acabado de afirmar a influência dos amigos no hábito de beber, em seguida negam esta pressão:

- ...mas, quando eu encontro com uns amigos meus de meio de semana , a gente vai pro barzinho, fica conversando e aí bebe
- Então, o seu uso de álcool depende dos amigos?
- Não, não depende dos amigos não, depende mais é de mim, porque eu posso estar com eles, eles podem estar bebendo e eu não
- Depende do dia que tem festa. (pública, 1ºano)
- No caso, até o ano passado, eu não tinha esse costume de ficar bebendo quase todo final de semana, ou no meio de semana com os amigos, esse ano eu estou tendo
- Por que você acha que isso está acontecendo?
- Não sei, às vezes, eu falo que não é, mas, muitas vezes, é influência dos amigos, eles chamam e tal, daí a gente anima
- Que agora a pouco você tinha falado que os amigos não influenciavam.
- É, mas algumas vezes influenciam. (pública, 1ºano)

Quando acirramos a discussão neste assunto, os estudantes passam a admitir quanto é difícil resistir à influência dos amigos:

- Mas, então, quando eles bebiam e você não bebia, o clima era meio quente?
- É, porque eles sempre ficavam falando: - Bebe, bebe, é bom, você não sabe o que está perdendo. (pública, 1ºano)

Portando, percebemos que, de modo geral, apesar das dificuldades dos adolescentes de admitirem a influência dos amigos no hábito de beber, o grupo de amigos parece exercer uma pressão nesse comportamento dos estudantes.

No terceiro ano, também, notamos divergências de opiniões, quanto a reconhecerem ou não a influência dos amigos em seu hábito de beber:

- Você começa a crescer mais e, aí, as amizades, todos eles bebem, praticamente, todos seus amigos.
- Eu acho que esse negócio de amizade, no meu ponto de vista, não influencia...
- Você acha que não influencia, mas influencia. (pública, 3ºano)

Paradoxalmente, quando perguntados se os amigos se deixam influenciar pelos demais amigos para beber, respondem afirmativamente. Suas falas revelam que, na verdade, eles têm necessidade de se demonstrarem fortes, não influenciáveis, mas que, na realidade, há uma forte influência dos amigos no seu hábito de beber. Verificamos, também, que a presença de álcool nas festas é influenciador do hábito de beber. Vários relataram que os amigos os instigam a beber, quando estão em festas e não estão bebendo por opção:

- ... vou falar de nós três aqui, quando nós vamos em festas, ele e eu, nós vamos beber e ele não. Aquele que não bebe fica assim diferente. Então, os que estão bebendo falam: “-Bebe, bebe, bebe”, ficam instigando mesmo. (particular, 3ºano)

O incentivo dos amigos a beber chega ao ponto de insistirem, para que o outro beba, associando o não beber como um comportamento anormal e o beber como “mamadeira”, ou seja, como alimento do qual não podemos prescindir:

- Já falam assim: -Ah, você não vai beber hoje?
- Tá passando mal, né?
- Você está passando mal?
- Tem uns que falam assim: - Você não quer uma mamadeira não? Aí eu já falo que aceito. É melhor aceitar que ser gozado.
- Aí, tá vendo o tanto que é ignorância? (pública, 3ºano)

Os relatos, dos que acham que os amigos não influenciam no hábito de beber, revelaram que uma das dificuldades dos adolescentes em admitir a influência relaciona-se ao fato de acharem que quem se deixa influenciar é fraco, não têm personalidade:

- Acho que depende da cabeça de cada um, se você quer você vai beber, ninguém nunca te obriga, eles falam: “Ah, o povo te obriga a fazer”, mas não tem, porque se você tiver a cabeça boa, se você tiver...
- Se o cara tiver a cabeça fraca, então, ele é induzido por amiguinho, turminha, essas coisas.
- Eu acho que não é nem questão de cabeça fraca não, eu acho que é mais questão de personalidade, se a pessoa tem a personalidade fraca então ela se deixa influenciar. (particular, 3ºano)

No geral, ao observarmos a influência dos amigos nas duas escolas, tanto nos primeiros como nos terceiros anos, percebemos que há várias contradições, nas quais eles ora admitem a influência dos amigos, ora não admitem. A diferença mais significativa apresentada foi que nos 1ºs anos as contradições são mais expressivas do que nos 3ºs anos revelando, possivelmente, que os adolescentes daquele ano estão mais suscetíveis a influências. Podemos inferir, também, que a maioria dos estudantes acabou indiretamente apontando a influência do grupo social no hábito de beber, embora eles não identifiquem diretamente essa relação.

Uma questão fundamental na adolescência é a separação e a individuação do adolescente em relação à família. O estresse e a ansiedade advindas dessa fase aumentam a vulnerabilidade dos adolescentes à pressão dos amigos. Se, por um lado, ganham autonomia em relação a seus pais, por outro, adquirem uma forte aliança com seus colegas. Nesse movimento, a influência do grupo torna-se importante. Esta importância relaciona-se ao fato de que os amigos funcionarão como rede social de sustentação, para que os adolescentes possam opor-se aos seus pais. A identificação dos adolescentes com seus amigos fornece, também, a possibilidade, ao mesmo tempo, de alteridade e semelhança, isto é, a possibilidade de, com os amigos, o adolescente reconhecer-se como seu igual e, simultaneamente, como diferente. Face a essa importância, os amigos podem influenciar o adolescente positivamente ou negativamente na formação de hábitos e atitudes, já que ele, na procura de sua identidade adulta, busca novos modelos de identificação.

A importância dos amigos durante a adolescência ocorre, também, e acentua-se, porque o adolescente interioriza formas de interpretação da realidade e condutas específicas de seu grupo de iguais. Neste sentido, a relação de amizade é um recurso

potente para a construção e explicitação das opções diante da vida. A negação por parte de alguns acerca da influência dos amigos em seu comportamento de beber reforça a constatação de que o álcool é usado como forma de independência e autonomia e, por isso, não pode ser reconhecido como imitação de comportamento de outros, mesmo que o outro seja seu melhor amigo. A admissão desta força seria como admitir a própria fragilidade nesta etapa da vida. Os recursos de onipotência dos adolescentes impedem tal reconhecimento. Assim, eles negam onipotentemente essa influência, mas, na prática, imitam o comportamento dos amigos.

4. Relação álcool/violência

No primeiro ano, houve concordância nos relatos sobre a influência do álcool no aumento da violência. Poucos se envolveram em brigas ou acidentes após terem bebido, a maioria dos relatos foi de ver isto acontecer com os amigos ou parentes:

- Meu tio morreu na minha frente. Estava num bar ali na Portugal. Daí começou a discutir com um cara, porque estava muito bêbado. O cara tirou a arma e deu um tiro na cabeça dele. (pública, 1ºano)

Outro dado importante foi que a grande maioria dos relatos de violência, após uso de álcool, ocorreu dentro de casa por uso abusivo dos pais:

- Quando meu pai chega em casa bêbado, ele começa a discutir. Geralmente, então, acaba brigando com minha mãe, com minha irmã. No outro dia se arrepende. Tarde demais. (particular, 1ºano)

No terceiro ano, quase a metade dos adolescentes (9 alunos) já se envolveram em brigas ou acidentes após uso de álcool. A maioria dos relatos é acerca de envolvimento em brigas e demonstra que com o álcool os estudantes se sentem fortes, corajosos e perdem o controle e a noção do perigo a que estão expostos:

- Não, nós não apanhamos. Nós batemos. Mas não foi a única vez que eu briguei assim, bêbado. Já bati carro, já vi gente batendo carro e eu junto assim, bêbado, não estava nem aí. ; (pública, 3ºano)
- Teve uma vez, foi engraçado demais, descendo uma turma na rua, aí, passou um povo no carro, aí começaram xingar. Então, você está de muito Mé, tudo bêbado, de repente, vêm esses caras, dois carros, armados. Aí você só vê neguinho correndo. Daí um amigo meu me parou e falou: “Vocês podem

vir tudo em mim”, eu, uai então, assustei e saí correndo. Esses meninos pegaram esse amigo meu, bateram nele muito. (particular, 3ºano)

- Bateram nele, aí, tipo assim, você chega o cara com um revólver lá, tal. Aí não dá mais para fazer nada, mas você acredita, você tenta. Sei lá, às vezes, eu nem lembro direito, mas ele não sentiu nada, fala pra mim que não sentiu nada, aí depois no outro dia, fala que a cabeça está doendo, galo na cabeça. (particular, 3ºano)

Nos relatos de violência na família devido ao álcool, os adolescentes estavam envolvidos na situação, tentando proteger a mãe das agressões:

- Eu já tive que tirar meu pai de cima da minha mãe. Uma vez ele chegou bêbado em casa e foi bater nela com tudo. Foi a maior briga. Minha mãe teve que quebrar o ventilador em cima do meu pai, eu tive que tirar. (pública, 3ºano)

Revelam, também, o quanto essa violência afeta os filhos, deixando-os em estado de choque:

- Não, meu pai tava em cima da minha mãe, eu tive que puxar ele e ele é muito mais alto que eu e eu entrei num estado, assim, de choque tão grande que, depois disso, ele parou. Ele viu o jeito que eu fiquei e ele parou de beber. (pública, 3ºano)

As situações de agressividade chegam a extremos de ter que chamar a polícia para conter a situação:

- E vocês já tiveram algum atrito familiar por causa do álcool?
- Já, muitas vezes nós tivemos que chamar até a polícia.
- Por causa do seu pai que bebia?
- Por causa do meu pai, por causa do meu irmão, mas foi assim, só para segurar a onda, porque nós não demos conta de segurá-los. (pública, 3ºano)

No geral, constatamos que houve uma progressão da frequência da violência, decorrente do uso de álcool do primeiro para o terceiro ano. Essa violência foi avaliada através do número de brigas e acidentes e de atritos familiares ocorridos após consumirem bebidas alcoólicas. Entre os alunos do 1º ano, 5% se envolveram em brigas ou acidentes, enquanto 45% deles relataram que viram isto acontecer com amigos. No 3º ano, 45% dos alunos se envolveram em brigas ou acidentes após beberem (30% da escola particular e 60% da escola pública) e 50% viram isto acontecer com os amigos. Em relação aos atritos

familiares, 45% do total dos estudantes das duas escolas relataram atritos familiares após consumo de bebidas alcoólicas.

Os dados indicam que os pais, os primeiros objetos identificatórios a serem introjetados, estão oferecendo modelos de violência para os filhos. O papel da família tem grande importância neste período vulnerável do desenvolvimento evolutivo, em que a identidade adulta do indivíduo encontra-se em processo de aquisição. Com certeza, durante esse processo, o adolescente é altamente suscetível à incorporação de novos objetos de investimento afetivo, incluindo-se a incorporação do objeto caótico. No caminho rumo à aquisição da nova identidade, faz parte, na vida dos adolescentes, a imitação do comportamento do outros antes da capacidade da completa inversão de papéis e, portanto, é durante esse momento que pode ocorrer a identificação como o agressor que bebe.

Nesses casos de violência familiar, os estados emocionais dos pais assemelham-se mais aos de adolescente do que aos de adultos. Este fato durante o desenvolvimento do adolescente gera instabilidade emocional e, provavelmente, refúgio no grupo de amigos, que passa a ter um peso ainda maior. Assim, se este grupo executa comportamentos de risco como brigas, dirigir embriagado, estes adolescentes não conseguem diferenciar-se destes amigos e acabam seguindo suas ações. Podemos inferir, desta feita, que a violência na família pode ser sério fator de risco, para que o adolescente tenha o mesmo comportamento de seus pais e, desta feita, contribua para o aumento da violência. Esses dados indicam necessidade da inclusão da família nas medidas preventivas.

5. O álcool nas representações dos adolescentes

No primeiro ano, pelas falas, pudemos perceber que o beber entre a maioria desses adolescentes é um comportamento que faz parte da sua cotidianidade:

- Eu acho normal. Hoje em dia todo mundo bebe
- Todo lugar que você vai, você encontra alguém bebendo
- Hoje em dia todos jovens estão experimentando coisas diferentes mais cedo.
(pública, 1ºano)

Além disso, parece que beber está mais associado a uma representação positiva no sentido de significar sinal de maturidade, para que o adolescente possa se mostrar mais adulto, ou para se auto-afirmarem:

- Pra tentar se auto afirmar, pra mostrar que já é maduro; (pública, 1ºano)
- Geralmente, todo mundo pensa que, principalmente sua mãe, seu pai, sua família pensam que o adolescente é uma criança, um bebezinho, precisa de cuidado. Então, bebendo, eles podem enxergá-lo melhor. (particular, 1ºano)

Por outro lado, foi interessante que o hábito de beber dos adultos foi percebido, pelos adolescentes, como sinal de fraqueza. Somente um adolescente do grupo todo identificou o abuso de álcool fora de um padrão de comportamento normal, e que o beber controlado pode ser um comportamento aceito pela sociedade:

- Eu acho que, eu tenho um primo meu que ele realmente bebe muito, e , depois, o que eu lembro dele, eu vi ele umas quatro vezes, das quatro, três ele tava bêbado. Três ele tava realmente bêbado. Eu acho que a partir do momento que fica bêbado, entendeu, você perde o estado de si. A bebida, então, não fica mais bem vista pela sociedade, você fica como um marginal, um bêbado, um mendigo, entendeu, rebaixa a esse nível. Mas a bebida, se você administrar ela bem, ela pode ser até boa, ela não fica ruim, fica até bem vista pela sociedade. (particular, 1ºano)

Por esses relatos, podemos identificar que estes adolescentes têm contradições acerca do beber entre jovens e adultos, sendo que aos primeiros são atribuídos, neste comportamento, atitudes positivas, enquanto que aos segundos, atitudes negativas. Além disso, os riscos do beber em demasia foram pouco ressaltados, demonstrando que o beber está mais relacionado como comportamento sem conseqüências negativas e “protetor” do amadurecer dos adolescentes. Com esta representação social a respeito do álcool, provavelmente, vai ser difícil a formação da consciência crítica sobre este comportamento de risco.

A metade dos alunos do terceiro ano considera que beber é normal e faz parte da cotidianidade dos adolescentes:

- Eu não acho mais nada, você vai numa festa é 80% do povo da festa bebendo. Vou falar, é que aqui entre a gente, a gente beber é normal. Eu vejo também por aí muita gente, nessas festas pagas, esses trem aí, neguinho bebendo, neguinho de galera “-Ah, vou beber que aí eu fico de boa”, vai, sai brigando com todo mundo, isso aí...
- Já ficou comum. (particular, 3ºano)

A outra metade, por sua vez, atribui, também, características negativas ao hábito de beber e tem críticas em relação a este comportamento. Estas demonstraram que os adolescentes homens, ao beberem, sentem-se fortes, ricos e poderosos, e as mulheres

ficam manhosas, fáceis, rindo à toa, demonstrando que, em geral, beber leva à perda de autocrítica:

- Vocês acham que os homens ficam mais assim...
- Ficam com certeza, bebem e ficam ricos, poderosos, fortes
- E as mulheres? Como ficam?
- Eu acho que as mulheres ficam...
- Rindo a toa
- Manhosas
- Chatas, falam demais
- O quê que os homens acham? Como as mulheres ficam?
- Mais fáceis
- Está vendo
- Oh, eu não vou mentir, ficam mesmo mais fáceis
- Vocês já fizeram assim, já se aproveitaram...
- Lógico
- O que vocês fizeram com elas?
- Uai, nada, nada (vários falam ao mesmo tempo)
- Só beijo na boca, tocá-las etc. (particular, 3ºano)

No geral, tanto no primeiro quanto no terceiro ano, a maioria dos estudantes associam adolescentes beberem como um fato que faz parte de seu cotidiano, ou que é um comportamento relacionado a aspectos positivos, como a necessidade de auto-afirmação dos adolescentes, ou sinal de maturidade. Chama a atenção apenas 10% deles terem associado adolescentes beberem como sinal de insegurança e de que precisam de ajuda. Essa percepção ocorreu apenas nos 3^{os} anos.

Quando indagados sobre o que acham, quando vêem adultos bebendo, a resposta encontrada foi a de que consideram o comportamento de adultos beberem, também, como sinal de fraqueza ou insegurança.

Ao identificarem o significado de beber em adolescentes e adultos, os adolescentes, em sua grande maioria, acham que beber é corriqueiro e faz parte da cultura. A porcentagem que identificou este comportamento como negativo foi bastante pequena. Ao contrário, percebem a bebida como facilitador inclusive da sexualidade. Se relacionarmos essa representação do ato de beber, como “normalidade”, com o pequeno número de pessoas que tomam alguma providência com esse comportamento, como vimos no item anterior, podemos concluir a gravidade e a facilidade deste hábito adentrar a vida dos jovens, como um comportamento normal e, posteriormente, consolidar-se como um hábito. Observamos que, somente, diante da gravidade do alcoolismo instalada é que as pessoas tomam alguma atitude. A maioria dos filhos encaminharia para tratamento, ou

procuraria ajuda, uma vez que seus pais já se encontram em estágio avançado de alcoolismo. O hábito de beber faz parte do cotidiano dos adolescentes e de suas representações sociais, sendo comportamento como outro qualquer.

Além disso, a aquisição da identidade ocorre numa determinada sociedade. Desta maneira, os hábitos e costumes do cotidiano desta sociedade fazem parte da consciência dos indivíduos. O beber faz parte de todos os dias e este conceito está sendo absorvido pelos adolescentes. O valor, que os jovens atribuem ao álcool é co-construído em todo o contexto sócio-econômico e cultural. Assim, nosso cotidiano assume importância nas representações sociais dos adolescentes acerca do álcool. Como vimos, essa percepção do uso de álcool dentro do cotidiano dos adolescentes, somada à pressão exercida pelo grupo de amigos, na medida em que o beber faz parte da adolescência, acentua a necessidade da conscientização da situação de risco, na qual o adolescente que opte em beber está assumindo.

6. A relação álcool/ mídia na ótica dos adolescentes

No primeiro ano, os relatos acerca das propagandas televisivas sobre as bebidas alcólicas foram detalhadas, com todos os adolescentes descrevendo-as em pormenores. Vários destes estudantes tiveram dificuldades em identificar as mensagens que as propagandas transmitem, sendo que, ao invés de assimilarem o incentivo ao consumo, identificaram apenas que a propaganda queria divulgar a sua marca:

- Na sua opinião, a mensagem que essa propaganda transmite é aumentar o que?
- A moral, tipo assim, beba a Kaiser que é melhor do que a outra bebida, mas não beba Kaiser, porque você vai beber, beba, porque é melhor que a outra marca. (particular, 1ºano)

Outros não conseguiram identificar nenhuma mensagem. Em relação à influência das propagandas no hábito de beber, houve várias discordâncias entre eles, uns identificando as influências e outros não percebendo influência nenhuma:

- Na opinião de vocês, estas propagandas influenciam os jovens a beberem?
- Influencia (vários)
- Eu acho que influência mesmo é pouca, porque realmente você já sabe que existe a bebida, entendeu, eu acho que a propaganda serve mais pra você aumentar a moral do produto. (particular, 1ºano)

Outros se contradisseram sobre a influência ou não das propagandas. Logo após reconhecerem a influência, negam-na, quando o comportamento é sobre ele próprio. A seguir, generaliza a não influência das propagandas:

- Eu acho que influencia, mas, no meu caso, não vejo esta influência. A propaganda tal influencia. Como eu não gosto, então, não influencia. É acho que não influencia as pessoas. (pública, 1ºano)

Verifica-se, portanto, a presença de dúvidas, o que indica possibilidade de trabalhos de orientação.

No terceiro ano, todos lembram, detalhadamente, das propagandas de bebidas alcoólicas:

- Essa nova da Kaiser, essa propaganda nova da Kaiser tem assim ó, tem um ator do lado e um ator do outro, tem um ator que está com a Kaiser e tem o ator que está com um suco de laranja, só com suco de laranja, não sei se vocês já viram essa. (particular, 3ºano)
- Aí, a moça vem no cara “Ah, pá, pá, pá, tá bebendo a Kaiser”, não sei o que, tira foto, é isso, agarra ele, é isso, aí, o outro “Ah, o que você tem que eu não tenho?”, ele “Não, a Kaiser”, aí o cara troca, aí vem uma mulher, chega e, então, ao invés de ficar com o cara com o suco de laranja, fica, claro, com o da cerveja. (particular, 3ºano).

Houve divergências de opiniões a respeito se as propagandas influenciam ou não os jovens beberem, porém, a maioria concluiu que as influências são maiores, e que estas ocorrem cada vez mais precocemente. Por outro lado, a maioria já identifica as mensagens implícitas nas propagandas e criticam-nas:

- Qual que é a mensagem que está implícita nessa propaganda?
- Mentira
- Se você beber Kaiser, você vai ter mulher, vai ter felicidade, você vai ter tudo de bom...; - É, o intuito deles, assim entre eles, é de passar a mensagem de que você vai ter sucesso, vai ficar bem, você vai achar ótimo beber. (particular, 3ºano)

Além disso, percebem que as propagandas passam mensagens enganosas:

- ... acho que as propagandas associam álcool, tipo assim, à mulher. Que quem bebe tem mais chance de arrumar mulher - Eles associam à coisa boa, aí, você espera uns anos e vai visitar o cara no hospital e não tem mulher por perto. (pública, 3ºano)
- Pra você, e assim, qual a mensagem mais que vocês acham? De poder, de poder em relação às mulheres, sucesso.

- De sucesso, de poder, de felicidade, você vai ter tudo se você tiver bebendo aquela cerveja, entendeu, é isso. Tudo mentira. (particular, 3ºano)

Só dois adolescentes afirmam que as propagandas não incentivam ao uso de álcool e esta atinge somente quem não tem controle sobre si, demonstrando que a maioria acredita na influência e tem consciência crítica a respeito das mensagens implícitas:

- Ela falou um negócio de influência, eu também acho que isso, influência, é quem não tem controle;
- É mas isso vai de cada um, se vai influenciar ou não. (particular, 3ºano)

No geral, no primeiro e no terceiro ano, todos os entrevistados se lembram e citam, detalhadamente, várias propagandas sobre bebidas alcoólicas. A maioria acha que as propagandas influenciam a beber e que elas chamam a atenção dos jovens. Ao analisarmos, as respostas dos primeiros anos em relação às respostas dos terceiros anos, pudemos perceber um aumento significativo na identificação das mensagens, bem como identificação na contradição existente na mensagem de felicidade e bem estar que elas passam e o que realmente acontece com as pessoas que bebem.

As propagandas podem ser um determinante sócio-cultural ao consumo de bebidas alcoólicas. Como vimos em nossos dados, os adolescentes, apesar de terem tido algumas dificuldades em identificar e criticar as mensagens implícitas nas propagandas, com o avançar da idade, passam a fazê-lo com facilidade. Esse fato, provavelmente, está associado à passagem do pensamento concreto e à aquisição do pensamento abstrato associado ao período de escolaridade vivida. Isso sugere que os adolescentes estão imitando o comportamento do outro e não diferenciando a si próprio. Ponderamos, desta feita, com o desenvolvimento do pensamento abstrato, podemos não só estimular, através da família e da educação, a discriminação sobre o conteúdo das propagandas nos adolescentes com menos idade, mas também objetivar que eles possam optar, apesar do estímulo em contrário, ao não uso do álcool.

7. O adolescente e o Ensino Médio: suas percepções

No primeiro ano, a maioria dos alunos já escolheu as profissões que desejam exercer. As dificuldades em fazer a escolha profissional, afirmam os adolescentes, estão

relacionadas à rentabilidade das profissões; ao mercado profissional; à influência dos pais e à variedade de escolhas em nosso contexto:

- Às vezes, mais por influência dos pais, também, eles influenciam muito, tipo eu queria fazer hotelaria. Meu pai acha que este curso é ruim e que não vai pagar para eu fazer este curso;
- Ah, sempre tem alguma coisa nova que aparece, às vezes, você quer fazer uma coisa e, de repente, não, vou fazer outra coisa. Aí você nunca escolhe. (particular, 1ºano).

Em relação à escola, a grande reclamação foi a respeito das normas sobre o uniforme e sobre o horário de entrada nas aulas:

- Eles falam muito que querem ver o aluno se formar e tudo mais, tal, só que o aluno chega por um motivo ou outro um pouco atrasado e eles não deixam a gente entrar;
- Nem escutam a nossa explicação, porque eu acho que, se eles escutassem, ou se não ligassem para os nossos pais pra ver o que realmente aconteceu, porque eu acho assim, se você veio pra escola pra segunda aula é porque você não está com intenção de matar, porque se você tivesse não tinha nem saído de casa. (pública, 1ºano)

Os alunos basearam suas percepções sobre as diferenças entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio nos esforços que têm que realizar no Ensino Médio e na diversidade das matérias:

- Não, é bem diferente, as matérias são mais difíceis. Você precisa ser mais esforçado. (pública, 1ºano);
- É diferente, muito diferente, porque são mais, são muitas matérias e inclui a biologia, histologia, zoologia, bioquímica, química, que na oitava não tem. (particular, 1ºano);

Diferenciam, também, o comportamento dos professores com eles, que passou de cuidadoso no Ensino Fundamental, para preocupados com os conteúdos das matérias no Ensino Médio, exigindo, assim, que os adolescentes sejam mais responsáveis:

- Acho que assim, até no Ensino Fundamental, os professores preocupavam muito com o aluno em si, entendeu, se fazia tarefa. Tinha muito mais cobrança dos professores em relação à essa tarefa. Você tinha que fazer. No ensino Médio, não tem isso, o aluno faz o que você quiser, se quiser. Tem muitos professores que não dão nem visto na tarefa. Mas o aluno acaba se tornando cada vez mais responsável por ele próprio. (pública, 1ºano)

A maioria dos alunos do primeiro ano da escola particular afirmaram que o curso está direcionado para o Vestibular. Em função deste objetivo, os alunos, já no primeiro ano, sentem-se pressionados, para que consigam entrar no Ensino Superior. Identificam estas pressões na família e na escola, ou na sociedade:

- Todo mundo, principalmente quem é filho único, mais velho ou se o irmão mais velho já passou, os pais, a família, a escola também, colocam muita pressão nos alunos;
- A pressão é mais da sociedade do que da família. (particular, 1ºano)

Em função dessa pressão, os alunos identificam que o estudo deve ser um processo contínuo e, para conseguirem a tão sonhada aprovação, não dá para deixar de estudar somente no terceiro ano:

- Você não pode deixar pra estudar na última hora, se você deixar pra estudar na última hora você vai acabar desesperando, chega na hora h vai dar branco, não lembra de nada. (particular, 1ºano)

Em função desses objetivos, esses alunos, também, relataram que seus tempos livres passaram a ser voltados para a escola:

- Mas, apesar disso ser muito particular, eu acho que a escola pensa mesmo que você tem 100% do seu tempo, inclusive fim de semana dedicado à escola. (particular, 1ºano)

Há igualmente excesso de atividades escolares como provas aos sábados e que a escola acaba atrapalhando as outras atividades, ou o inverso:

- Prova sábado de manhã, todos os sábados praticamente, então, ocupa muito nosso tempo;
- É, no meu caso assim, é difícil conciliar sempre, ou a escola está atrapalhando nas outras atividades, ou as outras atividades estão atrapalhando a escola. (particular, 1ºano)

O 1º ano da escola pública diferenciou-se da particular, principalmente, em relação ao objetivo da escola percebido pelos alunos. Na escola pública, os alunos relataram que a preocupação com o vestibular existe, porém, não percebem ser este o objetivo da escola. Quanto a falta da preparação ao vestibular os alunos responsabilizam o desinteresse dos professores nas aulas:

- Porque tem uns assim, que jogam a matéria pros alunos, eu acho que professor tem que dinamizar mais um pouco a aula também, pra gente poder assimilar melhor. (pública, 1º ano)

Por outro lado, alguns reconhecem a presença de bons professores, que se esforçam, para oferecerem um ensino de qualidade, mas que os alunos não se interessam em aprender e ficam fazendo bagunça:

- Os professores se esforçam o máximo para ensinar os alunos. Os professores ficam tentando passar toda a matéria. Alguns alunos, em vez de ficarem assistindo aula, ficam fazendo bagunça ou não ficam dentro da sala de aula. (pública, 1º ano).

Outro ponto apontado, para a não preparação ao vestibular, é a falta de atividades escolares extras como reforço. Ao invés disso, esses alunos se sentem pressionados, por terem que conciliar estudo e trabalho:

- Ai, às vezes é difícil, porque você chega do serviço cansada, igual eu chego seis horas, só tomo banho e vou direto pra cama. Ai, às vezes, quando não canso muito, ainda tem que fazer as tarefas, estudar um pouquinho. (pública, 1º ano)

Em função desse cansaço, acabam sem estudar e, conseqüentemente, não se preparando para o vestibular:

- É difícil, quando você trabalha muito no dia e tem prova no outro. Você chega muito cansado e até você criar coragem pra tomar banho e começar a estudar, já passou da hora que você tinha que dormir pra no outro dia você acordar. (pública, 1º ano)

A maioria dos alunos do terceiro ano já escolheu a profissão que deseja exercer. Na escola particular, percebe-se, claramente, a influência da escolha em direção a profissão dos pais:-

- É, a minha mãe ela é dentista, e eu desde pequena sempre tive vontade de ser igual a ela. Eu acho que peguei gosto pela profissão e, pra mim, também, vai ser muito mais fácil entrar no mercado de trabalho. (particular, 3º ano)
- No meu caso direito, porque minha família tem muito advogado. Tem também juiz e políticos. Como esse povo tem dinheiro, então, pretendo direcionar minhas escolhas nestas direções;
- Eu, meu pai e minha mãe são médicos, também, eu sempre tava lá junto com eles, tomei gosto. (particular, 3º ano)

Os alunos do terceiro ano da escola pública, quando indagados a respeito da importância do terceiro ano e sobre o que de significativo está acontecendo em suas vidas, afirmaram a necessidade de terem que estudar muito, para conseguirem passar em Universidades públicas, já que não têm condições de bancar a faculdade particular:

- Estudar muito, porque quase ninguém aqui tem condições de bancar uma faculdade particular. Aí, tem que estudar, ralar, pra chegar na faculdade pública. (pública, 3ºano).

Os que optaram por cursos não existentes na universidade pública vão ter que viabilizar o estudo em universidade privada através do trabalho. Para tanto, precisam adiar a entrada no Ensino Superior:

- Agora, no meu caso, que não tem psicologia em faculdade pública, eu já estabeleci os passos, só que a partir do ano que vem.
- Quais são?
- Nesse caso, esse ano eu termino o terceiro ano, ano que vem, vou procurar um emprego para poder conseguir pagar a faculdade, porque faculdade de psicologia aqui em Goiânia só tem na Católica, e não é barata. Se eu no começo não tiver trabalhando, vou fazer um cursinho, para ter condições de passar no vestibular. (pública, 3ºano)

Os estudantes que vão prestar o vestibular afirmam que sentem dificuldades para competir com os colégios particulares, que, segundo as opiniões, preparam melhor o aluno. Esses alunos tentam diminuir as diferenças fazendo, concomitantemente com o terceiro ano, um cursinho e esforçam-se estudando muito, para poderem ter condições de competirem:

- Acho difícil entrar numa Universidade pública, porque a gente sabe que tem muitos concorrentes de colégios particulares, que tem a preparação bem melhor. Então, deixo os finais de semana pra estudar muito pra fazer o possível para passar lá. (pública, 3ºano)
- Igual assim, eu faço cursinho, eu faço o terceiro ano aqui de manhã e cursinho à noite, porque na parte da tarde eu tiro tempo para estudar mais ou menos. Tenho que exigir mais de mim, porque até no final do ano, eu quero muito passar no vestibular. (pública, 3ºano)

Esse grupo apresentou muitos relatos de dificuldades financeiras, para prestar o vestibular, quando terminarem o 3º ano. Muitos deles vão ter que trabalhar, para conseguirem fazer vestibular e adiar este projeto para o ano seguinte, pois não têm dinheiro nem para as inscrições do vestibular:

- O meu objetivo agora já é o contrário, agora eu estou trabalhando para o ano que vem estudar.;
- Eu não tenho grana nem para fazer a inscrição...
- Porque a gente tem organizar tudo, na questão social, de fazer faculdade, de estudar, de trabalhar. É uma coisa assim, você tem que esforçar mais para conseguir, eu, por exemplo, eu não, sei lá, eu não, só vou prestar vestibular só em 2003. (pública, 3ºano)

Identificam, também, que suas situações de vida são reais e que, portanto, não têm conhecimentos suficientes, para prestarem o vestibular no final do ano. Isso, somado às dificuldades financeiras, torna-se um grande impedimento. O principal motivo alegado para estarem estudando na escola pública foi o financeiro, pois os pais não têm condições de pagar escola particular:

- Não foi uma opção minha escolher, mas foi mais por necessidade. Necessidade financeira mesmo. (pública, 3ºano).

As críticas à escola foram em grande número. Dentre elas, destacamos as constantes greves dos professores, que chegam a durar vários meses e fazem com que se sintam bastante inseguros:

- Teve greve dos professores que durou meses e meses e meses. É, a primeira greve que eu passei eu fiquei doida, falei assim, não gente. Eu lá, ralando e tendo que ficar sem aula. (pública, 3ºano).

Criticam, também, que a escola não tem objetivo, diferentemente da escola particular, que objetiva passar seus alunos no vestibular. Afirmam que o único objetivo percebido é a preocupação com a aparência dos alunos para a sociedade. Açam que a escola não tem qualquer preocupação com o Ensino, ou a aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, os alunos acabam tendo que “se virar” sozinhos:

- Qual o principal objetivo da escola?
- Falar a verdade?
- É, falar a verdade.
- Pra falar a verdade, eu acho que essa escola não tem objetivo, por exemplo, no colégio que eu estudava, a gente tinha simulado desde a 8ª série, aqui, se a gente tá querendo fazer um simulado para poder passar no vestibular, a gente vai ter que pagar pra estudar, isso, porque até agora a gente não teve um simulado, a gente já está quase entrando no 4º bimestre.
- Você está dizendo que a escola que você estudava tinha o objetivo, que era preparar vocês para o vestibular?
- Era passar no vestibular, mesmo que lá era um colégio pequeno, mas lá tinha. Pelo nível dos alunos tinham alto índice de pessoas que passavam no

vestibular, agora aqui não, se o aluno quer passar no vestibular, ele tem que se virar sozinho, porque aqui não está tendo uma base para o vestibular.

- O objetivo deles é uniformizar os alunos.
- É o quê?
- Uniformizar os alunos.
- É só para sair do colégio e falar: oh, aquele ali é aluno da escola X, tudo bonitinho arrumadinho, blusa branca e calça preta. (pública, 3ºano)

Criticam, desse modo, que não existe avaliação real dos alunos na escola, os professores não só não possuem compromisso com o ensino, ou aprendizagem, mas também trabalham por obrigação:

- Eu acho que, ainda mais, por ser um colégio público, o governo deveria proporcionar condições pra eles trabalharem conosco. Por exemplo, proporcionar uma boa biblioteca pra gente ter um bom desempenho, pra falar assim: -Nossa, eu saí lá da escola X, bem preparado. Nunca é isso, o professor chega na sala de aula e fala assim: -Olha eu vou passar um trabalho assim, assim, assado. A gente pode escrever qualquer coisinha que o professor dá dez, dá nove, não está nem aí, entendeu? Então acho, assim, que põe qualquer pessoa desinteressada para dar aula, que só quer saber do salário. (pública, 3ºano)
- Sabe, o professor não quer nem saber, joga ali o exercício, se vocês quiserem façam, se não quiser danem-se. Têm alguns professores bons e outros ruins. Tem gente que se sente obrigada a vir aqui ensinar a gente, e parece assim: -Nossa de novo esses capetas desses alunos. Sabe parece que a gente passa raiva, que isso a gente está aqui só para estudar, não é pra criar confusão ou nada não. Eles acham que é obrigado a vir aqui, sei lá, acho que não dá de si, porque quando a gente quer uma coisa, a gente faz de coração, a gente faz com prazer. (pública, 3ºano)

Essa situação, descaso da escola e dos professores com o ensino de qualidade, argumentam os alunos, gera sentimentos de exclusão e de revolta :

- A gente chega perto dele, eles falam assim: - Não, pelo amor de Deus. Sabe, eu acho, é ruim pra gente, a gente se sente meio excluído, por isso que a gente é meio revoltadinho com uniforme.
- A revolta com o uniforme é também uma forma de expressar que eles não estão assim, com total poder sobre a gente, entendeu? É a única maneira que a gente tem de demonstrar o comportamento errado deles. (pública, 3ºano)

As críticas aos professores desinteressados se estende, também, a não utilização dos laboratórios, que estão ali, somente, para manter a aparência de preocupação da escola com o ensino:

- Aqui, no colégio, tem condições dos professores, se quisessem, preparar os alunos, de ter um objetivo. Tem laboratórios, porém ficam trancados. Por

quê? Pro diretor poder falar: - Ó, a escola tem laboratório. Quer mostrar, mas nós nunca entramos lá. (pública, 3ºano).

- Estava falando do laboratório, é que o nosso laboratório é um dos mais bem equipados. Tem laboratório de química, informática e de inglês sem utilização. Falta até os produtos necessários. Alegam falta de dinheiro para o funcionamento. Resumindo, a preocupação, em geral da escola, é com a aparência. (pública, 3ºano).

Portanto, as queixas feitas pelos alunos demonstram o desrespeito sentido em relação a si mesmos. Além disso, afirmam que o ensino é de mentira:

- O nosso boletim está sem presenças e faltas. Então, como é que eles vão saber que o aluno que veio e o aluno que não veio à aula ?
- A gente já sabe que no final do ano todo mundo tem presença. (pública, 3ºano)

De modo geral, os alunos notam que o Ensino Médio traz a necessidade de estudar mais, pois a insegurança diante do futuro impera em seus pensamentos, neste momento de suas vidas. Especificam as dificuldades financeiras e a má qualidade do ensino prestado pela escola pública como uma realidade assustadora:

- A gente está no terceiro ano. A vida nossa é assim, planos ou incertezas, você não sabe. Percebemos que não sabemos quase nada para o vestibular. Ou, não temos dinheiro nem para as inscrições. Se você não tiver planejado o que vai fazer no próximo ano, você não sabe o que vai fazer, não sabe se vai ficar em casa sem fazer nada, você planeja ou você fica com medo do que vai acontecer. - Não sabemos se vamos fazer vestibular, ou se vamos ter que trabalhar. A segunda opção é a mais provável, e isto é assustador. (pública, 3ºano)

Diferentemente da realidade anterior, a vida dos alunos do terceiro ano da escola particular está totalmente voltada para passar no vestibular. Em função deste objetivo, os alunos relatam as interferências em suas vidas privadas com as várias atividades que tiveram que deixar de lado:

- Muitas vezes é, por exemplo, deixava de sair e ficava estudando, deixava de viajar e ficava estudando.
- Eu parei de jogar futebol, eu jogava, treinava quatro horas, cinco horas por dia, de segunda à quinta e sábado ainda, eu parei, agora jogo uma hora.
- Eu também, deixei de ir pra seleção goiana de vôlei.
- Abduquei da academia também. (particular, 3ºano)

Esses alunos apontaram, com facilidade, que o principal objetivo da escola é o vestibular. Esta prioridade, segundo eles, pode ser, facilmente, verificada já que o marketing da escola é feito em cima dos alunos que passaram em boas universidades. Em função desse objetivo, afirmam: a escola tem uma carga horária grande de atividades curriculares, tanto na parte matutina, quanto na parte vespertina. Esta situação acaba não deixando que tenham tempo livre, atrapalhando inclusive seus estudos:

- É muito cansativo as aulas à tarde. Não dá tempo de ir para casa. Quando vamos para casa, ficamos muito cansados. Têm muitas pessoas aqui, na nossa sala, por exemplo, que almoça perto do colégio.
- Porque não tem tempo de ir pra sua casa pra almoçar e voltar e, quem vai, chega na casa, almoça correndo, volta correndo.
- Aula à tarde atrapalha a tarde inteirinha, perde a tarde inteira por conta de aula.
- A aula termina 4 h:10 min, sua tarde fica praticamente toda tomada. Por exemplo, quem tem alguma atividade nesse dia, ou é a partir desse horário ou não é.
- Quer dizer, vai estudar, mesmo, quando chegar em casa, tem que estudar, é muito difícil você arranjar uma hora. Acho que me atrapalha estudar. (particular, 3ºano)

Identificaram, como principal diferença do Ensino Médio em relação ao Fundamental, a pressão do Vestibular. Sentem essa pressão por parte de suas famílias, dos professores e da sociedade:

- Existe, porque, no primeiro grau, é tudo festa, por exemplo, você estuda pra você passar, tudo bem, quando você chega no segundo grau...
- Pressão.
- ... os professores já começam: - A partir de agora vocês não são mais crianças, vocês têm que estudar, vocês têm que prestar atenção pra vocês passarem no vestibular.
- Só isso.
- Só isso que eles falam.
- Pressão pro vestibular.
- Aí começa a pressão em cima da gente.
- Uma pressão leve no primeiro ano, porque no terceiro, nossa. (particular, 3ºano)

Esta pressão por vezes atrapalha seus rendimentos escolares:

- É porque, quando você passa pro terceiro ano, você sofre pressão de tudo quanto é lado, é no colégio, é família, é seu pai falando o tempo inteiro e, daí, chega uma hora que você começa a se cobrar demais. Essa cobrança fica muito forte e, aí, às vezes, isso atrapalha demais, porque a pessoa não dá conta de estudar direito. (particular, 3ºano)

O sentimento principal citado por todos os alunos dessa escola foi o medo de não serem aprovados no vestibular.

As diferenças de objetivos de vida e objetivos da escola, entre a escola particular e a escola pública foram bastante diversos. Enquanto todos os alunos da escola particular têm suas vidas direcionadas a passar no vestibular, com todas as conseqüências que este fato implica, a maioria dos da escola pública têm que adiar este objetivo em função das dificuldades financeiras. Enquanto na escola particular os alunos se sentem preparados para o vestibular, na escola pública, eles se queixaram de sentir excluídos pelo descaso da escola e dos professores com o ensino de qualidade. Em função dessas diferenças, optamos, no momento, por apresentar os dados da escola pública e particular separadamente, a fim de ressaltar estas diferenças.

Como pudemos perceber, no geral, a vida dos adolescentes do primeiro e do terceiro ano das duas escolas encontra-se marcada pelas expectativas em relação ao futuro. As escolhas das profissões estão amplamente direcionadas às suas realidades econômicas e à influência dos pais. Apesar das diferenças quanto ao ensino, nas duas redes, os alunos sentem-se pressionados e inseguros diante do futuro.

A diferença principal está baseada no objetivo da escola. Enquanto os alunos da escola particular dividem-se entre as inúmeras atividades escolares, objetivando o vestibular, os da escola pública estão tendo que viabilizar alternativas para a entrada no Ensino Superior. Enquanto o vestibular é uma realidade imediata para os alunos da escola particular, não o é para os da escola pública. Diante desses fatos, percebemos as dificuldades de sairmos dos parâmetros anteriormente imputados ao Ensino Médio que acaba tendo um caráter mais terminal do que propedêutico. Além disso, a nova proposta para o Ensino Médio, embora sugira integração com o mercado de trabalho, pelos relatos, parece que isto ainda não acontece. Os alunos que estão no mercado de trabalho estão fazendo-a por necessidade pessoal, ou por opção própria. Os alunos da escola pública que necessitariam, em função de suas dificuldades financeiras, desta ponte, Ensino Médio/Mercado de trabalho, afirmaram as desesperanças com o futuro.

Em relação à escola pública, precisamos destacar que, no primeiro ano, houve elogios aos professores e à qualidade de suas aulas, enquanto que o terceiro ano só críticas. Podemos inferir, em relação a esse dado, que a pesquisa pode ter sido utilizada para mediar suas reivindicações junto à direção. A atitude social reivindicatória é característica dos adolescentes e pode ter sido exacerbada por algum viés de nosso desconhecimento durante

a entrevista. Por outro lado, a pressão externa, por uma profissionalização, é maior no terceiro ano.

Não podemos deixar de constatar que as diferenças entre a rede pública e a particular escancaram a desigualdade social em território brasileiro. O Ensino Médio público e gratuito, ainda, não está servindo de porta de entrada aos alunos mais carentes na Universidade. Os alunos desta rede de ensino têm que estar, neste momento de suas vidas, preocupados com a sobrevivência e a profissionalização antes de almejem o Ensino Superior. A rede privada, por sua vez, continua direcionada amplamente para a entrada no curso superior, com excesso de carga horária.

Esses fatos levam-nos a pensar que tanto o ensino público quanto o particular não estão correspondendo às propostas de uma educação ao longo da vida, mas, ao invés disso, a rede particular prioriza uma educação apenas voltada para a Universidade (de preferência pública), enquanto que o público, não. Além disso, as necessidades e as características da adolescência parecem não estar sendo levadas em consideração. Ainda não há preocupação com a escolha profissional dos adolescentes nem com outras necessidades desta faixa-etária nas duas redes de ensino. Se analisarmos essas questões através da observação do crescimento de matrículas do Ensino Médio, que foi de 87% (segundo relatório do ENEM 2001), podemos concluir que se resolveu o problema do fluxo e não o da qualidade do Ensino Médio.

8. As conseqüências do álcool na escola

No primeiro ano, a escola foi citada como fator de proteção ao uso de álcool, por apenas um aluno, que alegou o cansaço pela pressão do Ensino Médio, fazendo com que beba menos:

- Eu acho que eu bebo menos pelo fato que antes, no ano passado a gente estava no Ensino Fundamental, era mais fácil, não tinha tanta pressão. Agora, você tem que estudar bastante: dia de semana você não pode sair de jeito nenhum, fim de semana você tem prova no sábado. Aí, você chega em casa cansado, aí, você vai dormir. (particular, 1º ano)

Não houve relatos de absenteísmo escolar posteriormente ao uso de álcool, nem de efeitos sentidos por eles no dia seguinte a este consumo. Porém, identificaram o prejuízo do uso de álcool no dia seguinte, na escola, em vários amigos, principalmente, após festas locais, como Carna-Goiânia e a Pecuária.

No terceiro ano, ao analisarmos a relação entre o uso de álcool e a escola, identificamos apenas um relato da escola como fator de proteção ao uso de álcool durante a semana, porém não ao ponto de impedir que o adolescente beba frequentemente:

- Você, que estava dizendo que chapô, você bebe final de semana e durante a semana também?
- É, quando eu posso, aí é o negócio, quando eu tenho que estudar, um trezinho assim, aí eu não saio, dia de semana. (particular, 3ºano)

Por outro lado, 2 identificaram a pressão para estudar como incentivadores do uso de álcool:

- Beber para esquecer um pouco o vestibular também, né.
- Vocês acham que eles bebem por isso, por conta da pressão?
- Eu acho ridículo beber por conta da pressão, prefiro dá um trem lá, do que beber, mas têm muitos que bebem.;
- Como que a escola leva você a beber?
- Tem vez que a gente está assim: - Nossa, chega, chega, não quero ver mais livro. Aí você fala assim: - Nossa, eu quero me divertir, eu quero sair, eu quero ter meus amigos do meu lado. Aí, você já apela, larga os livros do lado, fala: - Não, hoje eu vou pra gandaia...
- Vou beber hoje. (particular, 3º ano)

Ainda em relação à escola, encontramos vários relatos de faltas escolares, perda de provas, demonstrando que o álcool interfere na capacidade produtiva desses estudantes:

- Ela matou prova. Ela bebeu tanto uma vez, que ela matou prova. Gente, isso é um absurdo pra mim. (pública, 3ºano)
- É, esse dia que eu matei prova, passei por um vexame muito feio que eu nunca mais vou fazer isso assim, exagerado como eu exagerei. (particular, 3ºano)
- Perdi prova foi porque a prova era no sábado, eu saí na sexta, a prova era sete horas eu cheguei em casa dez pra sete. (particular, 3ºano)

Afirmaram, também, que percebem que têm professores que bebem, porque, no outro dia ele está cansado, falando demais:

- Cansativo no sentido de agüentar os amigos, você que não bebe?
- Não, professores.
- Como é que é, não, não entendi.
- Professores.

- Os professores, vocês percebem...
- O cara tá cansado, fica falando demais, sei lá. (particular, 3ºano)

No geral, identificamos que estão bebendo menos, este ano em função da escola, somente um aluno do 1º ano da instituição particular e um aluno do 3º ano da pública. Por outro lado, estão bebendo mais este ano, alegando a pressão do Ensino Médio, dois alunos do 3º ano (um da escola particular e o outro da escola pública). O índice de absenteísmo na escola, decorrente de uso do álcool, foi, também, conforme os outros dados sobre o uso de álcool, crescente do 1º para o 3º ano, passando de 5% entre os alunos do 1º ano para 20% dos alunos do 3º ano. A maioria dos alunos não associou a escola, nem o vestibular ao uso de álcool, portanto, nem como fator de risco, nem como fator de proteção. Parece que as dificuldades individuais, como exemplo, a timidez, ou a oportunidade de estar em festas foram os fatores percebidos como influenciadores do uso de álcool. Se somarmos esses dados com os apresentados anteriormente sobre a relação álcool/adolescentes, nas duas redes de ensino, podemos deduzir que não houve diferenças em relação ao uso de álcool.

Os dados demonstram que os estudantes estão mobilizados para as próprias dificuldades da adolescência e, esta volta para si, é utilizada como recurso de diferenciação do outro. Desta maneira, quando isto ocorre, os adolescentes ficam mais suscetíveis às influências dos fatores externos para alívio de suas ansiedades sem que, ao menos, percebam o que está acontecendo. A escola, diante desta questão, poderá ser importante alerta na condução dos alunos sobre a percepção desta situação, como possibilidade de voltar-se para fora e ficarem atentos às situações de risco. Neste âmbito, as informações sobre o risco do álcool na escola podem tornar-se fator essencial para essa constatação, já que a droga é percebida por eles como proteção e de forma positiva. Assim, podemos ponderar a importância da escola, em efetuar programas preventivos, nos quais os adolescentes possam identificar os fatores que estão interferindo no aumento do uso do álcool do primeiro para o terceiro ano.

CONCLUSÃO

Este estudo teve a preocupação fundamental de identificar os fatores que incidem no uso de álcool pelos adolescentes do Ensino Médio e, se entre esses, o vestibular tem um lugar de destaque. Essa compreensão e a identificação permitem contextualizar o adolescente em relação ao uso de álcool durante o Ensino Médio e, dessa forma, possibilita a discussão dos aspectos importantes a serem levados em consideração na prevenção. A escolha do álcool baseou-se no fato de que, por ser uma droga legalizada, tem alto uso entre os adolescentes e seu consumo é aceito pela sociedade e incentivado por intensa propaganda, tornando o adolescente vulnerável ao seu uso com a conivência da sociedade em geral. Como o álcool é uma droga que, apesar de lícita, causa dependência e danos ao adolescente, este conhecimento pode ser estendido à prevenção em geral.

Os dados obtidos no presente estudo revelam, em primeiro lugar, a ampla inserção do consumo de bebidas alcoólicas entre os alunos estudados, independentemente da rede de ensino, tendo sido identificado um aumento de uso de álcool do primeiro para o terceiro ano, sendo que, neste, os adolescentes bebem mais e frequentemente, fazem mais uso pesado de álcool, discutem e envolvem-se em brigas e acidentes de carro bem mais que os do primeiro ano. Em segundo lugar, o uso de álcool por esses adolescentes está relacionado à ampla disponibilidade do produto em nossa sociedade.

Quando se relaciona esses dados aos obtidos pelos estudos do CEBRID, verifica-se consonância quanto aos seguintes aspectos: 1) o álcool é a droga mais utilizada pelos adolescentes; 2) há um aumento de consumo com a idade; 3) a precocidade do uso de álcool com a maioria, tendo seu primeiro contato entre 10-14 anos de idade. Por outro lado, confirma a hipótese levantada por Medina, Santos e Almeida Filho (2001), a partir da análise dos dados do CEBRID, de que o contato com álcool é estimulado, inicialmente, no seio da própria família. Em relação ao estudo de Galduroz e Noto (2000), identificamos, também, o abuso e o uso pesado de álcool, pelos adolescentes, é que este uso de risco

aumenta com a idade, e que as brigas após beberem, são a ocorrência mais comuns. Como decorrência, constatamos, também, que o uso precoce de álcool pode tornar o adolescente mais vulnerável aos problemas relacionados a beber abusivamente.

Em relação às características e exigências da adolescência, percebemos que os comportamentos a serem efetuados durante o “processo” adolescente em direção à autonomia e independência como, por exemplo, conseguir posicionar-se nos diferentes grupos sociais, ter opinião própria, separar-se dos pais, relacionar-se com o sexo oposto, sair à noite desacompanhados, enfim, mostrarem-se adultos e autônomos, são importantes para os adolescentes. Estas exigências aumentam, gradativamente, com a idade, e os adolescentes, ao terem dificuldades, para desempenhá-las, recorrem ao álcool, que é percebido por eles como sinal de maturidade. Podemos relacionar esta situação como um dos fatores responsáveis pela progressão do uso de álcool, que foi constatada em nosso estudo do primeiro para o terceiro ano. Isto é, à medida que, com o avançar da idade, aumentam as cobranças internas e da sociedade, para que sejam “mais adultos”, os jovens utilizam-se do álcool como uma das formas de aliviar a tensão e ansiedade.

Em relação às exigências da sociedade, com destaque à perspectiva profissional, identificamos que, ao entrar no Ensino Médio, o adolescente percebe que passa a ser considerado como “adulto”, também, pela escola. Adultos que, a partir de então, deverão ter comportamentos mais maduros, tais como: estudar sozinhos; ser responsáveis; direcionarem-se prioritariamente para seus estudos, almejando o Ensino Superior ou a entrada no mercado de trabalho. A partir disso, deverão deixar de lado seus conflitos e tensões inerentes à adolescência e concentrarem-se em alcançar esse objetivo maior. Ademais, com o avançar do Ensino Médio, à medida que se aproxima o vestibular, aumentam as tensões e exigências. A escola, de modo geral, segundo a percepção dos adolescentes, ao invés de estar em sintonia com o adolescente e a adolescência, está direcionada à demanda do mercado, ocorrendo, certamente, um descompasso entre as necessidades do adolescente e às exigências da escola e por extensão à sociedade. Não pudemos constatar que esta situação torna-se, diretamente, fator de risco ao aumento do uso do álcool. Eles se sentem pressionados a escolher uma profissão, adentrar o Ensino Superior, ou profissionalizarem-se sem, contudo, fazer esta relação. No entanto, podemos supor que como é uma das situações a mais de pressão, pode ser um fator a estimular o uso de álcool para alívio da tensão. Neste sentido, apontamos necessidade urgente de medidas concretas de valorização do adolescente, que possam tornar a escola fator de proteção.

Em relação à influência da família para o início do uso do álcool e em sua manutenção, identificamos que o comportamento de beber dos pais, bem como a violência efetuada por estes, quando estão sob efeito do álcool, podem constituir-se como modelos de identificação para os filhos. Associado à pouca orientação ou mesmo restrição dos pais ao beber dos adolescentes, tais fatos tornam-se contribuintes para a manutenção desse hábito dos jovens. Essa identificação com os pais, nesta idade em que as oposições são a tônica das ações, pode estar relacionada à contradição como o álcool é percebido pelos adolescentes. Contraditoriamente, os adolescentes percebem o beber dos adultos como sinal de fragilidade, e o próprio beber como sinal de maturidade, revelando, então, que, apesar de estarem imitando o beber dos pais, estão, paradoxalmente, segundo sua compreensão, sendo contrários a eles.

Em relação à influência dos amigos, percebemos que ela está diretamente relacionada à necessidade de, durante este período, os adolescentes compartilharem comportamentos com o grupo de iguais. A presença do álcool em festas e o consumo pelos amigos fazem com que seu uso seja percebido como sendo um comportamento importante que faz parte do cotidiano. Além disso, o beber é tido, pelos próprios adolescentes, como comportamento com conotações positivas de maturidade e, desta maneira, como algo a ser imitado, para ser aceito pelos amigos sem restrições.

Todos esses fatores estão entrelaçados, já que, ao caminhar rumo à aquisição da identidade “adulta”, os adolescentes estão suscetíveis à influência da família, dos amigos, da escola e da sociedade como um todo. A família e os amigos, especialmente, funcionam como “egos auxiliares” que os ajudam a diferenciar-se do outro. A escola e a sociedade, por sua vez, faz parte do cotidiano dos adolescentes que, ao apropriarem-se subjetivamente de suas identidades, apropriam-se deste mundo social. Se as bebidas alcoólicas são utilizadas nestas redes sociais, a probabilidade de serem utilizadas pelos adolescentes aumenta. Por sua vez, a ausência de orientação familiar, em primeiro lugar, e da sociedade, em segundo lugar, para regular o beber, deixam o jovem à mercê do grupo e frágeis diante das dificuldades da sua adolescência. Foram em grande número os relatos de bebedeiras, que podem ser indicadoras de que esses jovens estão com a capacidade de auto-controle e de auto-estima pessoal prejudicadas. Como a identidade do adolescente é construída dialeticamente com o social, todos esses fatores que permeiam o adolescente, com ele participam ativamente. O álcool, desta maneira, adentra com facilidade nestas

situações e é utilizado recorrentemente pelos adolescentes, para lidarem com suas dificuldades.

Assim, a “matriz de identidade”, que se forma ao redor do adolescente, composta, em primeiro lugar, pelos pais e a seguir pelos amigos, pode contribuir tanto para a aquisição de autonomia e independência, como também ser perpetuadora de comportamentos dependentes e de risco (beber, brigar após beber). Essas situações estão relacionadas, por um lado, às condições de identidade dos pais e, por outro, à cultura em que estão inseridos. Se estes pais mantêm em seu cotidiano comportamentos dependentes, como beber para relaxar ou para lidar com seus problemas, estes servirão como modelo de identificação dos filhos. Além disso, pais e filhos estão lançados numa rede social complexa e cheia de inovações (contexto sócio-econômico e cultural), que acaba produzindo necessidade de novas formas de subjetivação, servindo, assim, como “matriz” social complexa para o desenvolvimento individual de cada um. Como conseqüência, essa matriz social oferece modelos contraditórios para ambos, nos quais consumir bebidas alcoólicas é visto com naturalidade e remédio para o mal estar social, conforme apregoa a mídia.

Como agravantes e decorrentes desta situação, identificamos o aumento da violência efetuada pelos adolescentes do primeiro para o terceiro ano. Ademais, o envolvimento em brigas, discussões e acidentes, com o aumento da idade, ocorrem, concomitantemente, com o aumento do uso freqüente e pesado de álcool dos adolescentes. Esses fatos revelam a exposição dos adolescentes aos riscos, quando estão sob o efeito de bebidas alcólicas. Chama, igualmente, a atenção a dificuldade dos adolescentes, principalmente, os do primeiro ano, em identificarem as mensagens implícitas nas propagandas de bebidas alcoólicas na televisão, já que, na adolescência, o social assume importância, para reafirmar-lhes a condição de cidadãos autônomos. Se associarmos a estes dados a representação positiva, que os adolescentes têm acerca de eles usarem bebidas alcoólicas, podemos concluir pela necessidade urgente de medidas preventivas sobre esta questão.

Se a escola estiver consciente de toda essa problemática, pode desempenhar um papel de destaque em relação ao uso de álcool, através: da identificação dos alunos com problemas com álcool (absenteísmo, brigas, atraso escolar); da mediação entre os alunos com estes problemas e os profissionais de saúde ou serviços de saúde da comunidade que atendam à essa demanda; da reinserção social do aluno em recuperação de problemas

com álcool. Além disso, pode ser aberto espaço na escola para o desenvolvimento de discussões grupais sobre as insatisfações dos alunos, para estimular a parceria escola/aluno, ao invés de aluno X escola. Incluir, também, na escola, a discussão e análise da mídia televisiva e escrita desde o Ensino Fundamental pode ser relevante para a construção da consciência crítica dos alunos. A importância da educação na “opção” pelo não uso de drogas refere-se a Educação Fundamental como precursora da possibilidade efetiva de prevenção primária (antes do início do uso da droga), e à educação do Ensino Médio, como perpetuadora desta prevenção.

Destaca-se, na prevenção, face à importância dos adolescentes terem consciência crítica, o papel e a importância do professor, como possibilidade co-construtora dessa consciência emancipada dos jovens. Tal fato supõe a necessidade da preparação do professor/direção para a abordagem direta do tema e a construção de consciência crítica por parte dos mesmos. A possibilidade desta análise está posta na própria formação do licenciado, na medida em que ela ultrapassa os limites da fragmentação do conhecimento e possibilite uma visão global do adolescente. Esta preparação do professor pode ocorrer através de cursos específicos seja na formação básica, seja na continuada.

A escola é um dos espaços possíveis para efetuar-se a prevenção, mas, para que um projeto político-pedagógico seja viabilizado, a valorização de todas as partes envolvidas na prevenção é fundamental. No caso específico, para qualquer ação preventiva na escola junto aos alunos, faz-se necessário o conhecimento acerca da adolescência. Adorno (1995), ao exemplificar o conhecimento do nosso sujeito, aborda a relação entre escola/adolescência e lembra-nos que ocorre durante esta etapa uma aversão à educação. Por isso, Adorno justifica que os adolescentes acabam escolhendo contra si mesmos aquilo que não é propriamente sua vontade, isto é, os adolescentes são contraditórios. Na adolescência, portanto, pode ocorrer também uma oposição à educação. Esse autor conclui sobre a importância de ser dissolvida essa oposição, para tomar lugar o esclarecimento e a emancipação deste jovem.

O que Adorno nos remete é, na verdade, à necessidade de na educação sabermos quem é nosso aluno. Além disso, compreendermos as características da adolescência e desenvolver parceria com os jovens. Este reconhecimento do “outro” é que vai permitir os desdobramentos necessários à formação e informação dos alunos. Neste sentido, estaremos objetivando a formação da consciência crítica, não alienada, formando pessoas para a sua individualidade e, ao mesmo tempo, para a sua função na sociedade.

Estaremos objetivando a construção da cidadania, ao invés de almejarmos somente o “desempenho” escolar. Paradoxalmente, o “desempenho escolar” é considerado fator de proteção às drogas.

Para a formação da consciência crítica no jovem, continua Adorno, precisaremos de uma educação da pré-escola à universidade, onde ocorra uma integração entre a teoria e a prática, objetivando o pensar em relação à realidade, ao conteúdo, enfim, a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Isto caracteriza a integração entre o pensamento lógico-formal à capacidade de fazer experiências, à capacidade de integração entre a teoria e a prática. Um ensino, que busque a qualidade, implica na possibilidade e formação de consciência crítica, não alienada. Não um juízo crítico desordenado, da negação direta do objeto ou da negação como mera repulsa, mas sim, como recusa a reafirmar o que já está dado.

Qualquer que seja a proposta de prevenção desenvolvida pela escola, deve perpassar e incluir a participação da família, pois esta parceria é que, provavelmente, possibilitará a opção pelo não uso de drogas pelos adolescentes. Como vimos, a escola tem seu papel de destaque, mas a família, ainda em nosso tempo, é o agente de identificação primária de nossos jovens. Ela acaba, como vimos, incorporando o modo de beber da sociedade e, desta maneira, repassa este hábito para os filhos. Percebendo esta conexão: sociedade-família-jovens, a escola pode ter uma atuação fundamental em alertar a família sobre sua importância.

Por último, destacamos a importância para a prevenção de ações efetivas da política pública. Dentre essas ações, ressaltamos a necessidade de medidas reais para coibir o uso de bebidas alcoólicas por crianças e adolescentes que, comprovadamente, é um recurso que contribui para a diminuição do uso de álcool. Os próprios adolescentes percebem que a facilidade de acesso ao álcool influencia em seu consumo. Diante do problema do uso do álcool pelos adolescentes, há um papel importante e necessário a ser desenvolvido por cada uma das partes envolvidas. A drogadição não se resolve priorizando alguma das partes envolvidas em detrimento das demais.

Adorno (1995), já, indicava-nos este caminho necessário, quando afirmava que, para numa educação que objetive a emancipação, todas as partes envolvidas no processo devem colaborar e, assim, estarem dispostas a apropriar-se dos elementos do espírito. Da mesma maneira a responsabilidade pelo fracasso da “liberdade”, ou “emancipação”, ou “consciência crítica”, inclui todas as partes imbricadas no processo: o

aluno, o professor, a família, o governo, enfim, a sociedade com seu atual modo de produção. A ação junto ao adolescente antes que o “processo da dependência química” esteja instalado e, concomitantemente, o resgate desta identidade e cidadania, devem ser o objetivo principal, para que qualquer prevenção tenha possibilidades de êxito.

E, finalmente, a conscientização de quanto é importante o conhecimento da adolescência como um “processo” que não ocorre isoladamente, mas que têm a participação ativa da família, dos amigos e do restante da sociedade, leva-nos a perceber que a prevenção ao álcool e demais drogas abarca todos esses fatores, para que seja eficaz. Desta maneira, mais estudos, que investiguem a relação entre a adolescência e estes fatores e como dificuldades neste processo, podem tornar-se fatores de risco ao uso de álcool e drogas, são necessários para a elucidação de pontos ainda desconhecidos, que devem ser considerados nas medidas preventivas.

-Geralmente, todo mundo pensa que principalmente sua mãe, seu pai, sua família pensam que o adolescente é uma criança, um bebezinho, precisa de cuidados. Então, bebendo, eles podem enxergá-lo melhor.
(fala de um aluno da escola particular, 1º ano)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE ÁLCOOL E DROGAS (**ABEAD**). Disponível em: <http://www.abead.com.br>.

ABERASTURY, A. e cols. **Adolescência**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1980. 246.p.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M.G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002. 400.p.

ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. 190p.

ANTUNES, R. L. **Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 6.ed. São Paulo: Cortez editora; Campinas, SP: Editora da Universidade estadual de Campinas, 1999. 155 p.

ÁRICÓ, C.R.; BETTARELLO, S.V. **Drogas, perigos e preconceitos**. São Paulo: Ícone Editora, 1988. 91.p.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.279.p.

BERGER, P.L.; LUCKMANN,T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 247.p.

BERGERET, J.; LEBLANC. J. **Toxicomanias; uma visão multidisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1991.p. 354.

BERTOLOTE, J.M. Problemas sociais relacionados ao consumo de álcool. . In: Ramos, S.P.; Bertolote, J.M. e cols. **Alcoolismo hoje**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p131-140.

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 323.p.

_____ **Drogas e sociedade nos tempos da Aids**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. 131.p.

CARLINI-COTRIM, B. Drogas: estranhando o óbvio. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V.; SPÓSITO, M. P. (orgs). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez Editora, 2000. p.71-79.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. e cols. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 510.p.

CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DE ÁLCOOL E DROGAS (CEBRID). Boletins nºs: 40,41,42,43,44 e 45. Disponível em: <http://www.intranet.epm.br/cebrid/> Acesso em 13 de março de 2002.

CRUZ, M. S.; FERREIRA, S.M.B. Determinantes socioculturais do uso abusivo de álcool e outras drogas: uma visão panorâmica. In: CRUZ, M.S.; FERREIRA, S.M.B.(orgs) **Álcool e drogas: usos, dependência e tratamentos**. Rio de Janeiro: Edições IPUB-CUCA.(Centro Universitário de Cultura José Octávio de Freitas Júnior) 2001. p.95-114.

DUARTE, P.C.A.V.; CARLINI-COTRIM, B. **Álcool e violência: estudo dos processos de homicídios julgados nos tribunais do júri de Curitiba, PR, entre 1995 e 1998**. Jornal Brasileiro de Dependência Química. 2000; 1 (1): 17-25.

EDWARDS, G. e col. **A política do álcool e o bem comum**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 241p.

EDWARDS, G. **Entrevista ao professor Brian Rush**. Londres, 21. maio. 2002. Disponível em: http://www.abead.com.br/entr_edwards.htm. Acesso em 13 de março.2002.

EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM). **Relatório final**. Brasília, dez de 2001. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso em: 2 de jun, 2002.

FIGUEIREDO, L.C.M. Adolescência e violência: considerações sobre o caso brasileiro. In: **Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p 53-64.

FORMIGONI, M.L.O.S. Neurobiologia da dependência de substâncias psicoativas. . In: SEIBEL, S.D.; TOSCANO JR., A.(orgs). **Dependência de drogas**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Editora Atheneu, 2000. p.209-218.

FORMIGONI, M.L.O.S.; MONTEIRO, M.G. A etiologia do alcoolismo. In: Ramos, S.P.; Bertolote, J.M. e cols. **Alcoolismo hoje**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.33-44.

FREITAS, A.P.P. **Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites**. Rio de Janeiro: Maud, 2002.103.p.

GALDURÓZ, J.C.F.; E NOTO, A.R. **Uso pesado de álcool entre estudantes de 1º e 2º graus da rede pública de ensino em dez capitais brasileiras**. Jornal Brasileiro de Dependência Química. 2000; 1 (1):25-32.

GALLETTI, F.C.B. **Uma compreensão atual da identidade de adolescentes e o uso do álcool.** Interações: estudos e pesquisas em psicologia. São Paulo, v.5, n.9, 97-110, jan/jun. 2000.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 2000. 349 p.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** 6.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000. p. 121.

INEM, C. L. Adolescência e suas vicissitudes: impasses do desejo. In: CRUZ, M.S.; FERREIRA, S.M.B. (orgs) **Álcool e drogas: usos, dependência e tratamentos.** Rio de Janeiro: Edições IPUB-CUCA. (Centro Universitário de Cultura José Octávio de Freitas Júnior) 2001. p.115-126.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Perfil da mulher. Disponível em: <http://www.ibge.net/>. Acesso em: 2, jun. 2002.

JAFFE, J.H. Transtornos relacionados a substâncias. In: KLAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J.; (orgs). **Tratado de Psiquiatria.** 6.ed. Vol. I. Porto Alegre: Editora Artes Médias Sul. 1999. p.815-837.

KALINA, E. e cols. **Tratamento de adolescentes psicóticos.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1986. 113.p.

_____. **Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 232.p.

KALINA, E. **Viver sem drogas.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1987. 118.p.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (orgs) **Adolescência normal.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. p.24-76.

KUENZER, A. **Ensino Médio e Profissional: as políticas do Estado neoliberal.** 2.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000. 104.p.

LARANJEIRAS, R. **Monitorar o futuro: a próxima geração de estudos populacionais sobre álcool e drogas no Brasil.** Revista Brasileira Psiquiatria, 21 (2), 1999.

LEVISKY, D.L. Adolescência e Violência: a psicanálise na prática social. In: **Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 21-44.

LIMA, M.S. Epidemiologia do alcoolismo. In: Ramos, S.P.; Bertolote, J.M. e cols. **Alcoolismo hoje.** 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.45-66.

LUCE, C.; SILVA FILHO, J.F. O declínio do pai, a mimeses e a toxicomania. In: CRUZ, M.S.; FERREIRA, S.M.B. (orgs) **Álcool e drogas: usos, dependência e tratamentos.** Rio de Janeiro: Edições IPUB-CUCA. (Centro Universitário de Cultura José Octávio de Freitas Júnior) 2001. p.63-76.

MARQUES, A.C.P.R.; CRUZ, M.S. **O adolescente e o uso de drogas**. Revista Brasileira Psiquiatria, 2000; 22 (Supl II): 36-6.

MEDINA, M.G.; SANTOS, D.N.; ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia do consumo de substâncias psicoativas. In: SEIBEL, S.D.; TOSCANO JR., A. (orgs). **Dependência de drogas**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Editora Atheneu, 2001. p.161-180.

MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F. **A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência**. Cadernos de Saúde Pública. 1998. Print ISSN 0102-311X. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 25, jun, 2000.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **Programa de melhoria e expansão do Ensino Médio: projeto escola jovem** (síntese). 1999. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/semtec>. Acesso em 17, set, 2000.

_____. **O novo Ensino Médio: conceitos fundamentais**. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/semtec/ensmed>. Acesso em 17, set, 2000.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento & tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas 1990. 238 p.

_____. **A Cura da família: histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995. 268 p.

MORENO, J.L. **Psicodrama**. São Paulo: Editora Cultrix. 1978. 492 p.

MORENO, J.L. **Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama**. Vol II. Goiânia: Editora Dimensão, 1994. 299 p.

MORGAN, D.L. **Focus Groups as qualitative research**. Califórnia: SAGE Publicacions, 1997. 79 p.

OLIVEIRA, E.M.; MELCOP, A.G. Adolescência: rumos e metamorfoses. In: CRUZ, M.S.; FERREIRA, S.M.B.(orgs) **Álcool e drogas: usos, dependência e tratamentos**. Rio de Janeiro: Edições IPUB-CUCA.(Centro Universitário de Cultura José Octávio de Freitas Júnior) 2001. p.239-274.

_____. **Álcool, drogas e acidentes de trânsito**. In: SEIBEL, S.D.; TOSCANO JR., A. (orgs). **Dependência de drogas**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Editora Atheneu, 2000. p. 497-510.

OLIVEIRA, J.F. **O fim do vestibular? : Alguns considerados a partir da nova lei da educação**. Revista. Política Educacional. 1998. p.22-23.

OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 103 p.

_____. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.91.

_____ O adolescente no próximo milênio. In: **Prevenção, diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais da infância e da adolescência: um enfoque desenvolvimental**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 69-76.

PACCOLA, M. K. **Leitura e diferenciação do mito: histórias familiares de adolescentes com problemas**. São Paulo: Summus editorial, 1994. 101 p.

PECHANSKY, F. **Modelo teórico de exposição a risco para transmissão do vírus HIV em usuários de drogas**. Revista Brasileira Psiquiatria, 2001:23(1):41-7.

PRETO, N.G. Transformação do sistema familiar na adolescência. In: CARTER, B.; MC GOLDRICK, M. e cols. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p223-247.

ROIG, P.M. A família da mulher dependente. In: KALINA, E. et al. **Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p69-76.

SCHOWALTER, J.E. Desenvolvimento adolescente normal. In: KLAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J.; (orgs). **Tratado de Psiquiatria**. 6 ed. Vol.III. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul. 1999. p.2356-2362.

SCHUCKIT, M.A. Transtornos relacionados ao álcool. In: KLAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J.; (orgs). **Tratado de Psiquiatria**. 6.ed.Vol. I. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul. 1999. p. 838-854.

SCIVOLETTO, S. Tratamento psiquiátrico de adolescentes usuários de drogas. In: FOCCHI, G.R.A.; LEITE, M.C.; LARANJEIRA, R.; ANDRADE, A.G. **Dependência química: novos modelos de tratamento**. São Paulo: Editora Roca, 2001. p.65-86.

SEIBEL, D.S. Estudo geral das perturbações relacionadas ao uso de substâncias psicoativas: álcool. In: SEIBEL, S.D.; TOSCANO JR., A. (orgs). **Dependência de drogas**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Editora Atheneu, 2001. p.51-62.

SLUZKI, C.E. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 147 p.

STRASBURGER, V.C. **Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 157 p.

SUDBRACK, M.F. Terapia familiar sistêmica. In: SEIBEL, S.D.; TOSCANO JR., A. (orgs). **Dependência de drogas**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Editora Atheneu, 2000. p.403-416.

TOSCANO JR., A. Um breve histórico sobre o uso de drogas. In: SEIBEL, S.D.; TOSCANO JR., A. (orgs). **Dependência de drogas**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Editora Atheneu, 2000. p.1-7.

_____. Adolescência e drogas. In: SEIBEL,S.D.; TOSCANO JR., A.(orgs). **Dependência de drogas**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Editora Atheneu, 2000. p.283-302.

VIANNA, S.R.O. **A utilização do conceito de matriz de identidade na compreensão e psicoterapia do adolescente**. 1993. 62. p. Monografia para credenciamento como Terapeuta de Alunos- Sociedade Goiana de Psicodrama (SOGEP), Goiânia, 1993

_____. **Psicoterapia do adolescente: o psicossociodrama**. 1994. Monografia para obtenção do título de Professor Supervisor- Federação brasileira de Psicodrama (FEBRAP), Águas de São Pedro (São Paulo), 1994.

ANEXO I

QUESTÕES DO GRUPO FOCAL

OBJETIVOS DE VIDA/ ESCOLHA PROFISSIONAL

- . Já escolheram a profissão que desejam exercer? O que os levou a esta escolha?
- . Que passos têm que ser dados para atingir seus objetivos?

ESCOLA

- . Por que escolheram estudar nesta escola ?
- . Qual é, na opinião de vocês o principal objetivo de sua escola ?
- . Vocês têm dificuldades para atenderem as normas da escola ? Por quê?
- . Como é para vocês conciliarem as atividades da escola com suas outras atividades?
- . O Ensino Médio está sendo diferente dos anos anteriores ? Se sim, no que ?

VESTIBULAR

- . Vocês pretendem fazer vestibular?
- . Quando vocês pensam no vestibular, que pensamentos vêm a cabeça ?
- . A vida de vocês mudou em função de conseguir passar no Vestibular?

TRABALHO

- . Alguns de vocês trabalham ?
- . O trabalho foi uma escolha pessoal neste momento de suas vidas?
- . Como é ter que trabalhar e estudar concomitantemente ?

ALCOOL

- . Vocês já experimentaram alguma bebida alcoólica? Com que idade?
- . E, hoje, vocês fazem uso de álcool ? Com qual frequência ?
- . Como se sentem quando bebem ?
- . Quais bebidas vocês geralmente bebem?

- . Já passaram mal após terem bebido ? Quantas vezes isso aconteceu ?
- . Vocês consideram que, neste ano, tem bebido mais ou menos do que no ano passado ? Se sim, por quê ?
- . Já experimentaram outras drogas além do álcool ? Quais ? O álcool foi a primeira ?

ÁLCOOL/ ESTRESS DO MEIO AMBIENTE

- . Quando vocês têm algum problema, procuram sair para beberem e distraírem-se ?
- . Quais os problemas que, geralmente, levam vocês a sentirem esta necessidade de beber ?
- . Já passaram por situações difíceis e depois beberam ? Isto é comum de acontecer ?

ÁLCOOL / DIA SEGUINTE / ESCOLA (Trabalho)

- . Quando bebem, percebem algum efeito no dia seguinte ?
- . Vocês se lembram de já ter passado por alguma situação vexatória por causa do álcool?
- . Como é assistir aula após um final de semana que “rolou” muito álcool ?
- . Já aconteceu de vocês ter faltado aos seus compromissos, após terem bebido muito ?

ÁLCOOL/ VIOLÊNCIA

- . Vocês acham que o álcool, de alguma maneira, pode contribuir para a violência?
- . Já se envolveram em brigas ou acidentes após terem bebido ?
- . Já viram isto acontecer com conhecidos ?

ÁLCOOL/ INFLUÊNCIA DOS AMIGOS

- . O que vocês fazem nos momentos de lazer?
- . O que mais influencia vocês a beberem ?
- . Vocês bebem com os amigos da escola ? Qual a frequência ?
- . A maioria dos seus amigos tem costume de beber ? Em geral por que eles bebem ?
- . Já socorreram algum amigo após este ter bebido muito ?

- . Esse socorro costuma ser freqüente ?
- . Quando vocês estão com amigos que estão bebendo e vocês não querem beber, qual é o clima que “rola” ?
- . Os amigos influenciam vocês a beberem ?

ÁLCOOL/ FAMÍLIA

- . Na casa de vocês é comum o uso de bebidas alcólicas?
- . O que os seus pais fazem, quando percebem que vocês beberam ?
- . Se vocês percebem que tem alguém em sua família usando álcool exageradamente ou alguma outra droga, qual é a atitude de vcs ?
- . Já tiveram algum atrito familiar por causa de abuso de álcool ?
- . Vocês acham que alguém que esteja abusando do álcool, ou que por ventura esteja usando outra droga, necessita de tratamento especializado, por exemplo psicológico, médico?

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO ÁLCOOL

- . Quando vocês vêem algum adolescente bebendo, o que acham desse fato ?
- . Quando vêem adultos bebendo, o que significa isto para vocês ?

ÁLCOOL / MÍDIA

- . Vocês se lembram de propagandas sobre bebidas alcólicas ? Quais ?
- . O que vocês acham das propagandas de bebidas alcólicas ?
- . Na sua opinião , essas propagandas influenciam os jovens beberem ?
- . Qual a mensagem, na opinião de vocês, que essas propagandas transmitem?

ANEXO II

FORMULÁRIO DOS ALUNOS**1. DADOS GERAIS****.Idade:****. Sexo:**

. Série/ ano

. Trabalho : () não

() sim

Função: _____

Remunerado ()

Voluntário ()

2.ATIVIDADES DIÁRIAS/ ROTINA

HORÁRIO	ESCOLA	ESTUDO	ESPECÍFICAS (*)	OUTRAS ATIVIDADES (**)	TRABALHO
Segunda-feira					
Terça-feira					
Quarta-feira					
Quinta-feira					
Sexta-feira					
Sábado					
Domingo					

(*)Específicas: especificar as específicas e o horário. Por ex : Física : terça-feira das 16 às 18 hs

.(**)Outras atividades:especificar qual atividade e horário. Ex: Academia: quarta das 19 às 21 hs.

Vianna, Silvana Rita Oliveira Vianna
Uso de álcool por adolescentes & ensino médio: compreendendo esta relação/
Silvana Rita Oliveira Vianna.- Goiânia, 2002.
130 f.: X.; enc.
Bibliografia.
Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Educação, 2002.
1. Adolescente. 2. Álcool. 3. Escola. 3. Ensino Médio. 4. Prevenção.